

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – MESTRADO**



Carina da Silva Mota

**GLOSSÁRIO VISUAL BILÍNGUE NA EDUCAÇÃO DE SURDOS: estudo**  
sociolinguístico na Língua Brasileira de Sinais  
**VOLUME I**

Belém  
2016

Carina da Silva Mota

**GLOSSÁRIO VISUAL BILÍNGUE NA EDUCAÇÃO DE SURDOS: estudo  
sociolinguístico na Língua Brasileira de Sinais**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado da Universidade do Estado do Pará, para a obtenção do Título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Saberes Culturais e Educação na Amazônia.

Orientadora: Prof. Dr. Maria do Perpétuo Socorro Cardoso e Silva.

Belém

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Biblioteca do Centro de Ciências Sociais e Educação da UEPA

---

Mota, Carina da Silva

Glossário visual bilíngue na educação de surdos: estudo sociolinguístico na língua brasileira de sinais: volume I. / Carina da Silva Mota; orientadora Maria do Perpétuo Socorro Cardoso e Silva. Belém, 2017.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2017.

1. Língua Brasileira de Sinais. 2. Surdos – Educação. 3. Sociolinguística. I. Cardoso e Silva, Maria do Perpétuo Socorro (orientadora). I. Título.

CDD: 21 ed. 419

---

Carina da Silva Mota

**GLOSSÁRIO VISUAL BILÍNGUE NA EDUCAÇÃO DE SURDOS: estudo  
sociolinguístico na Língua Brasileira de Sinais**

Texto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado da Universidade do Estado do Pará, para a obtenção do Título de Mestre em Educação.  
Linha de Pesquisa: Saberes Culturais e Educação na Amazônia.  
Orientadora: Prof. Dr. Maria do Perpétuo Socorro Cardoso e Silva

Data de Aprovação: 28 / 11 / 2016

Banca Examinadora:

\_\_\_\_\_ - Orientadora

Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria do Perpétuo Socorro Cardoso e Silva

Universidade do Estado do Pará – UEPA

\_\_\_\_\_ - Membro Interno

Prof. Dr. José Anchieta de Oliveira Bentes

Universidade do Estado do Pará – UEPA

\_\_\_\_\_ - Membro Externo

Prof. Dr. Lucilinda Ribeiro Teixeira

Universidade da Amazônia– UNAMA

\_\_\_\_\_ - Membro Externo

Prof. Dr. Rosa Maria Coelho de Assis

Universidade da Amazônia– UNAMA

A Deus, aos meus pais, irmã e amigos,  
fontes e razões da minha força.

## AGRADECIMENTOS

Em pensar que chegar até estas últimas palavras parecia ser impossível, é como se esta jornada não tivesse fim. Cada dia mais difícil, com inúmeras metas a cumprir, pensei que não conseguiria chegar a estas últimas palavras saudosas que tendem a expressar a gratidão por todos aqueles que acompanharam esta caminhada de dois anos intensos.

Agradeço primeiro a Deus que me auxiliou a nunca desistir de tentar ingressar no programa de mestrado da Universidade do Estado do Pará, em aguentar, mesmo que sem forças para prosseguir e conseguir chegar até aqui. Obrigada família, amigos, colegas e conhecidos que direta ou indiretamente sempre me incentivaram a continuar, mesmo que o cansaço e as adversidades da vida me tentassem querer não continuar. Obrigada pai, mãe e minha amada irmã por entenderem minha constante ausência das atividades em casa quando não podia sair para passear e sem ao menos sair do quarto para poder continuar estudando e vocês sempre me compreenderem e ajudarem. Em especial você maninha que desde a seleção para o mestrado está me apoiando em todas as etapas desta caminhada.

Não poderia deixar de lembrar-me dos queridos (a) mestrandos da 10<sup>a</sup> turma do programa de mestrado em Educação da Universidade do Estado do Pará, que conseguiram superar os limites de algumas vaidades frívolas de ser ou de se achar mestrando. Obrigada pelos aprendizados e pela companhia carinhosa e animada de todos os dias de aulas, de estudos ou de um simples almoço para tomarmos açaí e nos confraternizarmos. Sou extremamente feliz por ter a todos vocês em minha história de vida e no coração, pelos momentos de cansaço ter sempre um ombro amigo, um ouvido atento ao desabafo e uma mensagem amiga para fornecer fôlego no momento certo.

Querida coordenadora de graduação, orientadora de estágio e amiga Prof<sup>a</sup>. Maria Joaquina Nogueira, desde os tempos da graduação temos desenhado o caminho de minha vida profissional, que com certeza, seu bom exemplo tem exercido uma influência positiva amada mãe acadêmica.

Gostaria de agradecer a todos que fazem o programa de mestrado em Educação da Universidade do estado do Pará. Jorginho e Mauro, nossos incansáveis guardiões, os queridos professores do programa, pelo empenho em sempre ministrar maravilhosas aulas, seminários, palestras e nas temidas bancas,

que apesar da apreensão é sempre repleto de aprendizado. Obrigada Prof.<sup>a</sup> Dra. Coordenadora Ivanilde Oliveira pelo conhecimento, alegria, lutas, carinho terno e amoroso que sempre recebe a cada discente do curso; gostaria de ser metade da profissional que você é!

Obrigada Prof. Dr. Anchieta Bentes pelo auxílio e atenção sempre que solicitado. Desculpe por ter incomodado bastante, sou inteiramente grata pela rápida e constante ajuda.

Querida orientadora Prof.<sup>a</sup> Dra. Socorro Cardoso, deixei para lhe agradecer no final deste texto, propositalmente. Não em diminuição a seu grau de importância. Mas, pelo contrário, por ser imensamente grata por ter acreditado em nossa pesquisa, que conseguimos concluir com sua ajuda, sem você não teria conseguido chegar até aqui. Sou sua fã desde as épocas da graduação e me objetivei a ser sua orientanda desde o primeiro dia que pleiteei uma vaga no mestrado. Obrigada pela atenção, auxílio, incentivo e até pelos “puxões de orelha”, que por serem profundamente carinhosos, nem pareciam.

Sou grata a todos que participaram na escrita da história de minha vida acadêmica, profissional e pessoal.



Nada do que foi será,  
De novo do jeito que já foi um dia.  
tudo passa, tudo sempre passará.  
A vida vem em ondas como o mar  
No ir e vim do infinito.  
Tudo que se vê não é igual ao que a gente viu há um segundo  
Tudo muda o tempo todo no mundo  
Não adianta fugir nem mentir pra si mesmo. [...]  
[....] **(Como uma onda no mar. Lulu Santos/ Nelson Motta)**



## RESUMO

A pesquisa "*Glossário visual bilíngue na educação de surdos: estudo sociolinguístico na Língua Brasileira de Sinais*" tem por objetivo Geral constituir um glossário, com vocabulário proveniente de inventário de sinais, tendo como objetivos específicos averiguar no vocabulário do inventário que termos são convencionados na comunicação por surdos jovens e adultos; catalogar todos os termos convencionados em Língua Brasileira de Sinais a partir do estímulo criado com o vocabulário do inventário; e demonstrar indicativos de utilização do glossário na Educação de Surdos em uma atividade piloto realizada com discentes do curso de Letras-Libras, buscando preservar a variação linguística dos termos na Língua Brasileira de Sinais. Caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa e quantitativa, realizada com seis surdos, entrevistados e filmados em duplas de três faixas etárias diferentes. Analisou-se o conhecimento construído pelos sujeitos, preferencialmente, por intermédio da observação, de estímulos mediados pelo entrevistador, do vocabulário, previamente definido no inventário de Língua Brasileira de Sinais com 13 (treze) campos semânticos, e de registros dos fenômenos reais da interação social da vida diária dos sujeitos da pesquisa que evidenciam a convenção terminológica definida por estes. O estudo relaciona cultura e variação linguística no ambiente escolar, enfatizando-as como marcas identitárias que distinguem os grupos sociais e que o educador, embora perceba no dia a dia de sua atividade profissional, em alguns casos, tem dificuldades de mediar, tanto em salas de aula de ensino da Língua Portuguesa, quanto de Língua Brasileira de Sinais. Nesse sentido, são apresentados indicativos de uso dos termos catalogados no glossário com discentes do curso de Letras-Libras que revelam a importância do material no que tange à valorização, em sala de aula, de variantes linguísticas convencionadas por diferentes grupos sociais, de faixa etária e formação distinta.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sociolinguística, variação linguística, surdos.

## ABSTRACT

The research "*Bilingual and visual glossary in Deaf Education: a sociolinguistic study in Brazilian Sign Language*" aims to build a glossary, that emphasizes the importance of linguistic variation, with a vocabulary defined previously in an inventory made based on Brazilian Sign Language. Its specific objectives are analyze in the inventory which terms deaf people (young and adult) use to communicate; organize a catalogue with all the terms used by deaf people that are set in Brazilian Sign Language; and demonstrate ways of use the glossary in Deaf Education through a pilot activity made with undergraduated students of Brazilian Sign Language. The study combined both qualitative and quantitative approaches and the subjects were 06 deaf people, interviewed and recorded in pairs according to their ages. The data analysis was made through observations, guided interviews, vocabulary with 13 semantic fields defined previously in an Inventory, which was made based on Brazilian Sign Language, and records made on the subjects using their defined terminological conventions in their personal lives' daily social interaction. This study emphasizes the need for a necessary relationship between culture and linguistic variation in schools, because both are like marks of identity that distinguish social groups. Although teachers notice students' linguistic variations in their classrooms, sometimes they have difficulties to deal with them, having trouble managing the diversity whether in Portuguese or in Brazilian Sign Language classes. The study also stands for the use of glossaries as an important tool to value linguistic variations from people of different social groups, ages or education level.

**KEYWORDS:** Sociolinguistics, Linguistic variation, Deaf Education.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b>	Participantes de pesquisa	<b>25</b>
<b>Quadro 2</b>	Sistema de transcrição das glosas	<b>27</b>
<b>Quadro 3</b>	Transição fonética do lexema	<b>28</b>
<b>Quadro 4</b>	Classificação da palma da mão	<b>30</b>
<b>Quadro 5</b>	Descrição dos sujeitos da atividade	<b>35</b>
<b>Quadro 6</b>	Conto: "Nóis Mudemo"	<b>47</b>
<b>Quadro 7</b>	Plano de Aula da atividade	<b>64</b>
<b>Quadro 8</b>	Narrativa "Agência de viagem"	<b>70</b>
<b>Quadro 9</b>	Narrativa "Comprando frutas"	<b>72</b>
<b>Quadro 10</b>	Narrativa "Almoço com os amigos"	<b>74</b>
<b>Quadro 11</b>	Narrativa "Convite para evento Acadêmico"	<b>78</b>
<b>Quadro 12</b>	Narrativa "Almoço com as amigas"	<b>81</b>
<b>Quadro 13</b>	Análise fonética e lexical	<b>85</b>
<b>Quadro 14</b>	Termos do Glossário com Variação Linguística	<b>88</b>
<b>Quadro 15</b>	Termos Simples	<b>90</b>
<b>Quadro 16</b>	Termos com Derivação	<b>91</b>
<b>Quadro 17</b>	Termos com flexão	<b>92</b>
<b>Quadro 18</b>	Termos com soletração rítmica e datilológica	<b>94</b>
<b>Quadro 19</b>	Termos que usam os classificadores	<b>95</b>
<b>Quadra 20</b>	Termos que usam o Neologismo	<b>96</b>

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b>	Quadro de configuração de mãos	<b>29</b>
<b>Figura 2</b>	Pontos de articulação em relação aos membros	<b>30</b>
<b>Figura 3</b>	Pontos de articulação em relação ao tronco	<b>31</b>
<b>Figura 4</b>	Pontos de articulação em relação ao rosto	<b>31</b>
<b>Fotografia 1</b>	Sinal da palavra janeiro em Língua Brasileira de Sinais	<b>32</b>
<b>Figura 5</b>	Movimentos internos da mão, Estelita	<b>33</b>
<b>Figura 6</b>	Expressões Faciais	<b>33</b>
<b>Fotografia 2</b>	Sinal da palavra ALFACE em língua de sinais	<b>34</b>
<b>Fotografia 3</b>	Variação linguística da palavra “cultura”	<b>62</b>
<b>Fotografia 4</b>	Esboço da cena “convite acadêmico”	<b>80</b>
<b>Figura 8</b>	As cores	<b>105</b>
<b>Figura 9</b>	Calendário e meses do ano	<b>105</b>
<b>Figura 10</b>	Família e membros	<b>105</b>
<b>Figura 11</b>	Nome dos alimentos	<b>106</b>
<b>Figura 12</b>	Nome das frutas	<b>106</b>
<b>Figura 13</b>	Nome dos legumes	<b>106</b>
<b>Figura 14</b>	Nome das bebidas	<b>107</b>
<b>Figura 15</b>	Regiões brasileiras	<b>107</b>
<b>Figura 16</b>	Região sul e estados	<b>107</b>
<b>Figura 17</b>	Região Nordeste e estados	<b>107</b>
<b>Figura 18</b>	Região sudeste e estados	<b>108</b>
<b>Figura 19</b>	Região norte e estados	<b>108</b>

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>METODOLOGIA</b>	<b>19</b>
2.1	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	19
2.2	TÉCNICAS UTILIZADAS	20
2.3	SUJEITOS	25
2.4	PROCEDIMENTOS	26
2.5	PROTOCOLO DE TRANSCRIÇÃO	27
2.6	DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE E SUJEITOS DO CURSO DE LETRAS LIBRAS	34
2.7	QUESTÕES ÉTICAS	36
<b>3</b>	<b>UMA OLHAR NO CONTEXTO DA DIVERSIDADE NA LÍNGUA PORTUGUESA</b>	<b>37</b>
3.1	VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	37
3.1.1	A contribuição da sociolinguística na pesquisa	39
3.1.2	A “norma” da variação linguística	40
3.2	VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA SALA DE AULA	46
<b>4</b>	<b>A VARIAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE SURDOS</b>	<b>57</b>
<b>5</b>	<b>A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS</b>	<b>64</b>
5.1	ULTRAPASSANDO OS LIMITES DA SALA DE AULA	64
5.2	ANÁLISE DO GLOSSÁRIO DE LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS	83
<b>6</b>	<b>CONSTITUIÇÃO DO GLOSSÁRIO</b>	<b>97</b>
6.1	O GLOSSÁRIO DOS TERMOS DO INVENTÁRIO DE LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS	97
<b>7</b>	<b>CONCLUSÃO</b>	<b>98</b>
<b>8</b>	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>101</b>
	<b>ANEXO</b>	<b>104</b>
	<b>ANEXO A – Lista dos campos semânticos do glossário</b>	<b>105</b>
	<b>ANEXO B – Transcrição do termo de utilização de imagem</b>	<b>109</b>
	<b>ANEXO C – Termo de liberação de acesso ao CCSE</b>	<b>110</b>
	<b>APÊNDICE</b>	<b>111</b>
	<b>APÊNDICE A – constituição do glossário</b>	<b>112</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Lembro-me com carinho de uma frágil, atenciosa e gentil idosa que sempre visitava minha família semanalmente para ensinar a Bíblia junto com uma de suas netas, que coincidência ou não, a menina era surda. Recordo-me das visitas e do contato que eu e minha irmã tínhamos com essa jovem menina, o quanto ela desenhava bem e que conseguíamos nos comunicar com grande fluência e que inclusive éramos “intérpretes” por entender e transmitir aos adultos em casa o quê e quando ela tinha alguma necessidade pessoal.

Alguns poucos anos se passaram, na alfabetização em uma escola em frente de casa, tinha uma coleguinha peculiar, ela não falava, sempre sentava separada dos outros alunos, babava um pouco e tinha um olhar triste. Ela sempre me chamou atenção, mas diferente da experiência anterior que mantinha contato, dessa colega me aproximava pouco. Recordo que a olhava e me preocupava com o bem-estar dela, mas sempre mantinha distância. Hoje sei que ela tinha paralisia cerebral e surdez, nunca mais a encontrei novamente.

O tempo continuou a passar. A surdez e a língua de sinais tornaram-se parte da minha vida quando, aos quinze anos, realizei um curso de língua de sinais por intermédio de um movimento religioso no qual estava envolvida. Após o curso intensifiquei o contato na igreja com ouvintes e surdos usuários da língua de sinais por imergir completamente no mundo da surdez, por conversar com surdos e com as pessoas ouvintes que conheciam a língua de sinais e por participar de eventos religiosos que se utilizava na comunicação dessa língua. Com isso, após seis meses, conseguia ter conversas com certa fluência e podia me expressar com melhor clareza. Com o aprofundamento do aprendizado, passei a traduzir conceitos bíblicos do Português para língua de sinais nas reuniões e encontros da igreja.

Quando já cursava o primeiro ano do ensino médio, havia um colega de sala com surdez profunda, mas oralizado. Entretanto, tinha mais conhecimento, era fluente em língua de sinais e aproveitava toda oportunidade para conversar com ele e conseguia ser sua intérprete na medida do possível.

Posso afirmar que essas experiências, tanto com a língua oral quanto com a língua Brasileira de Sinais me construiu emocional e profissionalmente e foram relevantes para eu fazer a escolha pela carreira docente, para modelar e aprimorar-me todos os dias e para ser melhor no desempenho da atividade.

Em todos esses quinze anos de contato com essa língua algo que sempre me chamou atenção foi perceber que a língua de sinais era diferente, dependendo do grupo de surdos que mantinha contato e que se desejasse ter contato com um grupo diferente, tinha sempre que sinalizar da forma como eles se comunicavam. Senão sempre receberia como resposta: “não entendi, seus sinais são errados”, seguido do sinal considerado correto convencionado pelo grupo, que provavelmente aprenderia algumas outras variedades do mesmo termo validado por outros grupos de surdos que seria o correto para eles.

Essa experiência me motivou a continuar no campo de estudos que se refere à acessibilidade linguística dos surdos, o que me levou a cursar a graduação em Letras-Licenciatura com habilitação em LIBRAS<sup>1</sup>.

No contexto acadêmico, minha relação com a Língua Brasileira de Sinais se intensificou em nível linguístico, técnico e científico, e neste espaço pude problematizar algumas questões práticas vivenciadas em minha atuação como intérprete, tanto na igreja, quanto em atividades de ensino nas quais atuei. Por exemplo, ao atuar como intérprete de Língua Brasileira de Sinais para alunos surdos de uma instituição de ensino superior, enfrentei o desafio de interpretar termos técnicos no campo educacional, que não faziam parte da minha realidade.

Por ser usuária de uma Língua Brasileira de Sinais com influência do âmbito religioso, em várias situações, notava que os surdos não apreciavam intérpretes ouvintes que aprendiam a língua de sinais na igreja, o que me colocava constantemente diante do seguinte questionamento: como traduzir os conceitos da língua portuguesa e, ao mesmo tempo, respeitar os parâmetros linguísticos da língua de sinais, de modo que se fizesse reportar coerentemente ao sentido da língua fonte e com a variação usada pelo surdo?

Assim, exige-se flexibilidade do tradutor e intérprete de libras e, muitas vezes, paciência, pois alguns surdos, ainda hoje, consideram a variação linguística como “erro”. Em diversas situações fui corrigida pelo surdo ao sinalizar (“SINAL ERRADO”, me diziam), mas, de fato, tratava-se de um sinal variante utilizado, sem causar problemas de comunicação em minhas conversações com outros surdos.

---

<sup>1</sup> Curso de Letras/Libras ofertado pela Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, em convênio com a Universidade do Estado do Pará - UEPA, no período de 2008 a 2012.

Em situações como a relatada, a postura a assumir é de não discutir, tentando explicar os motivos da diferença na forma de sinalizar. Sempre que possível, busco utilizar a variante convencionada pelo grupo de surdo, público-alvo da interpretação em Língua Brasileira de Sinais, privilegiando as peculiaridades da realidade dos surdos ao sinalizá-la em libras. Um exemplo disso é o lexema “prova”, que pode ser sinalizado por, no máximo, duas formas distintas, dependendo das experiências linguísticas e sociais dos surdos.

Atualmente, a Língua Brasileira de Sinais está amplamente difundida no Brasil. Apesar disso, ainda são escassas as pesquisas no âmbito da linguística que visam registrar as variações inerentes aos usuários dessa língua. Sendo assim, segundo Quadros (2013), que cita Miller (2001), há um número grande de variação e pouca consistência nos critérios de registro, documentação, análise e na demonstração dos dados nas línguas de sinais; o que prejudica o progresso da formação de intérpretes, a tradução literária do Português para a língua de sinais.

Por isso, a necessidade de aumentar o número de pesquisas na área da língua de sinais. O aprofundamento de debates sobre aspectos linguísticos da língua de sinais é de fundamental relevância para a educação de surdos, para o ensino da língua de sinais como primeira língua e o ensino da segunda língua, com a utilização da língua de sinais na condição de mediadora do conhecimento. Sendo assim, realizar este registro linguístico é importante como contribuição para o processo de inclusão social do surdo na sociedade brasileira, com a perspectiva que o material possa ser utilizado nas salas de aula desde as séries iniciais até o ensino superior, para o uso e ensino da língua de sinais.

Outro benefício é fazer com que a Língua Brasileira de Sinais seja registrada para as gerações futuras evitando que a evolução linguística seja perdida com o passar do tempo. A língua de sinais varia como as outras línguas, mesmo na variedade usada em uma determinada região. Com sua transformação diária, acabam surgindo um grande número de variedades linguísticas não catalogadas. Por isso, a necessidade da pesquisa registrar essas peculiaridades, principalmente devido à morte de usuários adultos e sem possibilidade de registrar a diversidade linguística ali existente.

Ressalta-se, neste momento, que as universidades assumem papel de destaque ao fomentarem mudanças significativas em prol da inclusão



socioeducacional dos estudantes que apresentam características diferenciadas para aprender, conseqüentemente, favorecendo uma busca bastante significativa de cursos de ensino superior por parte dos surdos que concluem o ensino médio em sua maioria, cursos de pedagogia enfatizando-se que nestes encontram maiores possibilidades de acesso em instituições privadas.

Imersos no ensino superior, os discentes surdos encontram as mesmas dificuldades vivenciadas nas etapas anteriores referentes à língua de instrução, cuja resolutive cabível é a mediação do profissional tradutor e intérprete de língua de sinais.

Na tríade pedagógica: professores, ouvintes e alunos surdos, mediadas pelo intérprete de língua de sinais. A principal característica da abordagem e do ensino de conceitos técnicos e científicos em língua portuguesa, traduzidos e convencionados em língua de modalidade diferente, é seu aspecto visual.

O implica em questionamentos no âmbito do ensino: deve-se ensinar a Língua Brasileira de Sinais ou em Língua Brasileira de Sinais? Em ambos os processos de ensino, seja para surdos ou ouvintes, é necessário que seja valorizada a variação linguística usada pelos grupos sociais envolvidos no processo, assim como no ensino de outros conteúdos em Língua Brasileira de Sinais, sempre percebendo a variação usada pelo aluno e a utilizando com o intuito de facilitar a comunicação e o aprendizado. Daí a necessidade de descrição, de mostrar a história, a vitalidade, a gramática e a diversidade dessa Língua.

O que motiva este estudo é a seguinte questão-problema: será que existe variação linguística nos termos convencionadas em Língua Brasileira de Sinais por surdos jovens e adultos, e que implicação tem a variação na Educação de Surdos?

Este questionamento tem como base os pressupostos teóricos de Faulstich (2003), Quadros (2004), Estelita (2009), dentre outros, que respaldam os estudos linguísticos em nível semântico-lexical para que a convencionalização expresse adequadamente o termo, posto que valorize a variante linguística do sujeito usuário da língua de sinais.

Assim, conhecer e registrar as termos que são convencionados por surdos de faixas etárias e experiências sociais distintas é importante, bem como conhecer fazê-las na língua de partida (no caso, a língua portuguesa) para o falante da Língua Brasileira de Sinais, a língua de chegada, respeitando sua variação linguística.

No estado da arte, busquei levantar dados sobre trabalhos na perspectiva da Variação linguística no contexto amazônico e nacional, a partir das duas principais instituições públicas com programas em nível de Mestrado no Estado do Pará, Universidade Federal do Pará (UFPA) e Universidade do Estado do Pará (UEPA). Além disso, busquei por dados no Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGL), da Universidade de Brasília (UnB) e da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Nas produções disponíveis no site do PPGED<sup>2</sup> da UEPA, encontrei apenas a pesquisa de Lima (2009) realizada na temática de VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA LIBRAS, intitulada “*Educação de surdos no contexto amazônico: um estudo da variação linguística da Libras*”.

Já no PPGL<sup>3</sup> da UnB, com os descritor VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DA LIBRAS, foram encontradas duas dissertações, uma intitulada “Proposta de modelo de enciclopédia visual bilíngue juvenil: enciclobras” de Costa (2012), e outra intitulada “Variação linguística em língua de sinais-foco no léxico”, de Castro (2011).

Na produção da dissertação de mestrado do Departamento de Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGL), com o descritor CATALOGAÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS, foram encontradas duas dissertações intituladas. “A complementaridade entre língua e gestos nas narrativas de sujeitos surdos” Correa (2007), e “Procedimentos metodológicos para a compilação de um *corpus* de língua de sinais a partir da rede: reflexões com base em um corpus piloto de gêneros na plataforma *youtube*” Correa (2014).

O estado da arte inclui que a pesquisa está vinculada ao inventário da Língua Brasileira de Sinais, da Universidade Federal de Santa Catarina Quadros (2013), que tem o objetivo de catalogar a língua brasileira de sinais nas capitais brasileiras, com surdos de duas faixas etárias: jovens e adultos.

Nosso objetivo geral neste estudo é constituir um glossário com o vocabulário do inventário que preserve a variação linguística dos termos na Língua Brasileira de Sinais por sistematizar os procedimentos de registro, documentação e recuperação

---

<sup>2</sup> Disponível em: <[www.page.uepa.br/mestradoeducacao](http://www.page.uepa.br/mestradoeducacao)> Acesso em: 20 de setembro de 2014.

<sup>3</sup> Disponível em: <[www.page.ppgl.unb.br/mestradoeducacao](http://www.page.ppgl.unb.br/mestradoeducacao)> Acesso em: 20 de setembro de 2014.

de dados e metadados relativos com a demonstração de indicativos de uso do material, tendo como objetivos específicos:

- averiguar no vocabulário do inventário, que termos são convencionados na comunicação por surdos jovens e adultos;
- catalogar os termos convencionados em Língua Brasileira de Sinais, a partir da estratégia criada com o vocabulário do inventário;
- demonstrar indicativos de utilização do glossário na Educação de Surdos com uma atividade viajante com o vocabulário do glossário.

A pesquisa caracteriza-se por uma abordagem qualitativa, pois analisa o conhecimento construído preferencialmente pela observação e estímulos, mediados pelo entrevistador e o vocabulário definido no inventário de Língua Brasileira de Sinais, com treze campos semânticos que são: Cores, Calendário, Família e Membros, Alimentos, Frutas, Legumes, Bebidas, Regiões Brasileiras, Região Sul, Nordeste, Sudeste, Norte e respectivos estados. (Severino, 2010).

O instrumento de produção de dados é a apresentação do vocabulário da elicitação gramatical que o pesquisador mediador da entrevista aponta nas imagens como estímulo às respostas do sujeito, que, por sua vez, apresentará a variação de termos convencionados a partir de sua experiência cultural e social com outros surdos e catalogação das mesmas e como forma de buscar entender suas repercussões no processo de ensino-aprendizagem.

Na primeira seção, trataremos da organização metodológica da dissertação, com a caracterização da pesquisa que é vinculada ao estudo da Universidade Federal de Santa Catarina e do perfil dos participantes da pesquisa, dos instrumentos utilizados para a produção dos dados. Apresentaremos ainda o protocolo de análise e transcrição dos dados que constituem o glossário de Língua Brasileira de Sinais, instruções da constituição, apresentação da leitura do glossário.

Na segunda seção, discorreremos sobre a revisão bibliográfica que orienta a constituição da pesquisa. Inicialmente apresentaremos as análises teóricas tratando sobre a disciplina sociolinguística e sua implicação na educação contemporânea para ouvintes; uma análise do desenrolar histórico da variação na língua de sinais e na Educação de pessoas surdas.

Na terceira seção, apresentaremos indicativos de utilização do glossário para

o ensino de Língua de sinais. Com a atividade denominada “viajante” tem por objetivo motivar a imaginação mediada pelas imagens do vocabulário do inventário de língua de sinais para a criação de narrativas dialogadas em grupos formados por surdos e ouvintes.

No APÊNDICE A, apresentamos o glossário, este produto final que se constitui de 342<sup>4</sup> verbetes no Anexo 1, com treze campos semânticos, sendo eles: Cores, Calendário, Família e Membros, Alimentos, Frutas, Legumes, Bebidas, Regiões Brasileiras, Região Sul, Nordeste, Sudeste, Norte e respectivos estados, reproduzidos pelos seis sujeitos da pesquisa, acompanhado do Quadro 3, com a descrição fonética dos termos e uma nota que descreve as siglas do quadro.

---

<sup>4</sup> No vocabulário do Inventário é disponibilizado 114 termos que se desdobram em 342 vocabulários em função da preservação de todas as respostas dos seis sujeitos.

## **2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

### **2.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA**

Esta pesquisa compreende um recorte de um estudo maior que se iniciou em 2013, na Universidade Federal de Santa Catarina- (UFSC), com o inventário de língua de sinais, sob a coordenação da Professora Doutora Ronice Müller de Quadros, este Projeto de Maio de 2013 tem por objetivo ser um “instrumento de identificação, reconhecimento, valorização e promoção das línguas faladas no Brasil” (QUADROS, 2013, p. 4).

O inventário é um documento que organiza informações e mapeia seus aspectos constituintes. Assim, a estimulação dos sujeitos para a produção de dados é realizada em quatro eixos de investigação linguística, são eles: o primeiro é o estímulo dos sujeitos surdos com conversa descontraída sobre a vida do entrevistado; o segundo é a apresentação de vídeos para o participante recontar as narrativas; a terceira atividade é a apresentação de imagens vocábulos especificados no inventário distribuído em 13 campos semânticos, que são apresentados na tela do computador para a reprodução dos termos em Língua Brasileira de Sinais; e, no quarto momento, os participantes, todas filmagens são feitas em estúdio os sujeitos conversam a partir de uma temática sugerida pelo pesquisador ou livremente.

A partir da pesquisa do inventário, dois de seus quatro eixos resultaram em textos de dissertação do Programa de Pós-Graduação em Educação- PPGED, da Universidade do Estado do Pará. Uma dissertação intitulada “Saberes Educacionais e Linguísticos de Surdos: A interação ao narrar histórias em Libras.”, da pesquisadora surda Pâmela do Socorro da Silva Matos, a qual analisa o segundo eixo do inventário que inclui criar estímulos com narrativas em vídeos de histórias sem áudio recontadas em língua de sinais.

A segunda pesquisa é a que realizo sobre a variação linguística dos termos usados por surdos jovens e adultos, relacionada ao terceiro eixo do inventário de língua brasileira de sinais com a apresentação de imagens na tela do computador e os sujeitos em pares sem interferências entre eles sobre o termo que é nomeado em língua de sinais. E com registro filmado e posteriormente organizado em um material que é o glossário que apresenta todas as Variações Linguísticas produzidas pelos

sujeitos na pesquisa, acompanhado de uma transcrição fonética em tabela de cada um dos lexemas.

## 2.2 TÉCNICAS UTILIZADAS

O eixo que esta pesquisa analisa a apresentação gramatical, conforme o Anexo 1, com os seguintes Campos semânticos: Cores, Calendário, Família e Membros, Alimentos, Frutas, Legumes, Bebidas, Regiões Brasileiras, Região Sul, Nordeste, Sudeste, Norte e respectivos estados. A apresentação da elicitação lexical é realizada com o estímulo criado a partir de imagens selecionadas pelo inventário para a construção de um *corpus* gramatical de itens na língua de sinais brasileira.

O vocabulário é apresentado sem acréscimo de palavras da língua portuguesa, apenas uma imagem referente a cada campo semântico no quadro no programa *Power Point*, a única ação realizada pelo entrevistador foi a ação de apontar para a respectiva imagem, sem comentários anteriores ou posteriores à resposta do participante da pesquisa.

Ressalto que as entrevistas foram realizadas com a mediação de um pesquisador e os entrevistados foram organizados em pares levando em consideração ter um contato anterior de amizade. A presente pesquisa compreende o estudo realizado para estudar e catalogar a variedade linguística de surdos no norte do Brasil, na região metropolitana Belém/PA.

O método da pesquisa está fundamentado em Faulstich (1995), o procedimento metodológico necessário é identificar o usuário da terminologia descrita, sendo elencados seis surdos, compreendendo as duas faixas etárias: jovens até 30 anos e adultos de 30 a 60 anos, com diferentes graus de instrução: ensino fundamental, médio ou superior completo, fluente em língua de sinais, natural de Belém do Pará ou que resida no estado há pelo menos 10 anos.

A pesquisa é de Sociolinguística e utiliza as bases teóricas da ciência dos estudos sobre léxico, ou seja, é a terminologia e a socioterminologia que norteiam a constituição do glossário. Embora a pesquisa não seja especificamente de termos de especialidades, ainda assim, a base metodológica de estudo dos léxicos de especialidades é usada para harmonizar e deixar mais clara a padronização do glossário a partir dos dados do inventário de Língua Brasileira de Sinais.

Para esclarecer os princípios metodológicos selecionados para a pesquisa que nortearam a organização e padronização do glossário, segue abaixo uma descrição dos termos: lexicologia, terminologia e socioterminologia:

### **a lexicologia**

A lexicologia centra-se em estudar o significado do léxico que é o conjunto de palavras disponível em uma determinada língua. Assim, toda língua natural tem sua estrutura linguística que é analisada em nível de estrutura, uso e alterações. Sobre o campo de estudo da lexicologia (HENRIQUES 2011, p. 13) esclarece:

Lexicologia é uma disciplina que estuda o léxico e a sua organização a partir de pontos de vista diversos. Cada palavra remete a particularidades diversas relacionadas ao período histórico ou à região geográfica em que ocorre a sua realização fonética, aos morfemas que a compõem, a sua distribuição sintagmática, ao seu uso social e cultural, político e institucional. Desse modo, cabe à Lexicologia dizer cientificamente em seus variados níveis o que diz o léxico, ou seja, a sua significação. Ao lexicólogo, especialista da área, incumbe levar a termo essa tarefa tão complexa sobre uma ou mais línguas.

A sociedade modifica e reorganiza-se constantemente e isso ocasiona novos vocábulos que são convencionados e se incorporam à comunicação para facilitar o entendimento, inclusive de áreas profissionais de conhecimento. E com o surgimento de novas palavras, precisam ser estudados os seus significados pela lexicologia, nos vários níveis científicos, por isso, surgem os dicionários e glossários de termos técnicos e científicos de áreas de especialidades.

A separação entre os vocábulos comuns e de especialidades está relacionada à terminologia, conforme o próximo tópico apresentará.

### **b terminologia**

Segundo Faulstich (1995), para a terminologia clássica, a preocupação primordial era metodológica para o registro, normatização e eliminação de qualquer ambiguidade na comunicação técnica em documentos e principalmente em dicionário, sem admitir variações da terminologia.

A catalogação e registro dicionarizado de terminologias foram realizados pelo engenheiro industrial e professor Eugen Wuster, em 1931. Nesse período, a terminologia era expressa com o intuito de organizar o conhecimento científico, por meio de uma linguagem científica internacional denotativa e precisa, com conceitos e não aceitando variações, com características prescritivas e normalizadoras.

Ainda sobre a terminologia clássica (KRIEGER , FINATTO, 2004, p. 32), sinalizam sobre seu papel fundamental para os estudos recentes da terminologia:

a teoria wusteriana justifica seu papel de referência porque auxiliou a Terminologia a estabelecer-se como campo de conhecimento com fundamentos epistemológicos e objeto próprio de investigação. Ao desenvolver importantes reflexões sobre a Terminologia como disciplina, bem como sobre as unidades terminológicas em muitas de suas feições, Wüster recorre a elementos da Linguística, ciência que integra a interdisciplinaridade com que concedeu a Terminologia.

A terminologia é uma ciência do estudo e catalogação de termos de uma área de especialidade ou profissional. É a disciplina que permite a constituição de glossários especializados, por se ocupar com terminologias de diversos campos de conhecimento profissional.

### **c. socioterminologia**

Conforme Carvalho, Ferreira (2012), a socioterminologia surge em Quebec na França, nos anos de 1970, mas foi no início dos anos 80 que ela se estabeleceu de fato pelos estudos de François Gaudin, com a proposta de tornar a socioterminologia uma disciplina de caráter teórico prático, que se organiza metodologicamente para buscar reconhecer e registrar variantes linguísticas que outrora não eram valorizadas, e não somente como método analítico aplicado.

Os estudos referentes à socioterminologia, que segundo Faulstich (2006), é uma área da ciência terminológica que reorganiza uma tipologia para classificação de variantes em categorias técnicas e científicas, usará duas concorrentes: a variante formal terminológica e a variante formal de registro. Propõe refinar o conhecimento dos discursos especializados, científico e técnico para explorar os discursos que são passíveis de variação por relacionar à terminologia as mudanças na comunicação entre os membros da sociedade.

Sobre a socioterminologia, Faulstich (1995, p. 17) acrescenta que:

O termo variação linguística que surge com a sociolinguística, serve de suporte para os estudos referentes à socioterminologia. É importante ressaltar que a socioterminologia não é uma disciplina derivada da sociolinguística. Porém, não se pode negar que a visão de uma sociedade e de comunidades mais flexível leva a orientar o especialista a um novo percurso em referência aos estudos sobre as terminologias.



Por isso, compreende-se que, apesar da socioterminologia não ser originária da sociolinguística, amplifica seu olhar sobre a pesquisa terminológica, a partir da variedade social de grupo e comunidades distintas.

A partir de Faulstich (1995), a pesquisa socioterminológica utiliza-se dos princípios básicos da etnografia, que utiliza a habilidade de cada ator social apreender com outras culturas, e a objetividade que surge em cada parte desse processo de desenvolvimento, além de utilizar fontes variadas que evitam que se acredite em apenas uma fonte de dados por seu caráter multifacetado.

Sobre as variantes linguísticas, de acordo com o princípio subjacente da socioterminologia, é possível mencionar que as variantes de contexto social, situacional, espacial e linguístico em que os termos circulam, e se for utilizada a frequência de uso, pode ser um método de catalogação utilizado pelo pesquisador.

A socioterminologia compreende as variedades sociais da linguagem especializada, assim como a sociolinguística analisa os aspectos sociais de variedades linguísticas convencionadas no meio social. Conforme Arruda (2011), a coleta de dados na socioterminologia é a partir de *corpus* orais. Uma vez que esses dados podem ser desvalorizados e assim não chegam ao discurso escrito, por não corresponderem ao discurso oficial. É possível observar que desde os estudos modernos sobre as terminologias, a variedade padrão é sempre uma preocupação principal para profissionais da área da linguística. Fato que comprova isso é que, até pouco tempo, os dicionários e glossários faziam uso apenas da linguagem escrita como padrão que era registrado. Entretanto, com o fortalecimento das mídias de comunicação, a linguagem falada pela maioria da população dentre as suas variedades sociais e culturais, a forma de registro dicionarizada e em glossários vem se modificando.

O estudo das terminologias está se modificando em virtude de que linguistas da contemporaneidade percebem a necessidade de registrar as variedades sociais e culturais inerentes a variados grupos, que, a partir de suas experiências pessoais, produzem variedades linguísticas que precisam ser registradas para que elas não desapareçam com o passar do tempo e não sejam esquecidas, mas, pelo contrário, possam ser lembradas nas descendências.

Dessa forma, é possível manter registro de terminologias que não são consideradas padrões e por isso são desprestigiadas da variante de termos técnicos de falantes de grupos e comunidades sociais considerados de pessoas comuns.

Assim a lexicologia, terminologia e socioterminologia têm como característica: analisar, descrever e catalogar termos especializados e variações desses termos da socioterminologia, por isso, a seleção de seu método de verificação e registro está fundamentado e organizado. Apresento abaixo os recursos utilizados para a seleção dos sujeitos, registro e análise, a partir dos princípios metodológicos de Faulstich (1995), uma das pioneiras no Brasil nos estudos relacionados à socioterminologia, inclusive em pesquisas na área da linguística da Língua Brasileira de Sinais.

Após a seleção dos sujeitos, segundo Faulstich (1995), é necessário adotar uma atitude descritiva, que é a mesma estabelecida pelo inventário de Língua Brasileira de Sinais que analisa o campo da elicitação gramatical e lexical estimulado pela apresentação de 144 imagens, correspondendo a 13 campos semânticos.

Uma verificação fundamental, segundo Faulstich (1995), dá-se por meio da consulta a especialistas da área, neste trabalho os pesquisadores envolvidos na catalogação do inventário de Língua Brasileira de Sinais, a partir da delimitação dos 13 campos semânticos do inventário.

Ainda segundo Faulstich (1995), é necessário registrar as terminologias. Para isso, adotou-se filmagem dos pares de sujeitos surdos que sejam amigos próximos ou parentes em cada uma das faixas etárias, conforme a definição do inventário de Língua Brasileira de Sinais. No projeto inicial da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) é solicitado o uso de cinco câmeras distribuídas em diferentes espaços do estúdio. Entretanto, a filmagem aconteceu em estúdio improvisado na sala de aula do mestrado com duas câmeras dispostas na direção dos sujeitos para melhor visualização do termo em eixo horizontal. Percebi a importância das cinco câmeras conforme o projeto no momento da análise dos dados produzidos, pois verifiquei que vários sinais precisariam de um foco diferenciado para a melhor compreensão, do que apenas o foco horizontal, o qual não permitiu perceber aumentando o tempo de catalogação pela não exatidão dos dados, para investigar que variações ocorreram nas três faixas etárias de surdos, levando em consideração

as diferenças referente às influências sociais da convenção do termo em relação à imagem e à terminologia sinalizada.

### 2.3 SUJEITOS

A pesquisa foi realizada com seis sujeitos: três homens e três mulheres surdos na faixa etária de 19 aos 45 anos, que nasceram, cresceram e moram na região metropolitana de Belém com fluência em língua de sinais, que compreende ser critério do inventário de Língua Brasileira de Sinais, que são: surdos jovens até 30 anos e adultos de 30 a 60 anos, conforme Quadro 1.

**Quadro 1** - Participantes da pesquisa

Nome	Idade	Bairro	Oralização	Onde estudou	Onde estuda	Curso
Jennifer	19	Cabanagem	Oralizada	Felipe Smaldone	Ipiranga	Pedagogia
Mariana	19	Pedreira	Oralizada	Felipe Smaldone	Ipiranga	Pedagogia
Daniel	22	Guamá	Oralizado	Felipe Smaldone	Ipiranga	Pedagogia
Lindalva	25	Pedreira	Não Oralizada	Felipe Smaldone	Ipiranga	Pedagogia
Everson	42	Marituba	Oralizada	Felipe Smaldone	Ipiranga	Pedagogia
Sinésio	45	Nazaré	Oralizado	Felipe Smaldone	Ipiranga/ UFSC	Matemática/ Letras Libras

**Fonte:** elaboração própria (2015)

Embora não fosse critério, três deles cursam o ensino superior e três já são graduados, são eles:

Mariane: surda oralizada, usuária da Língua Brasileira de Sinais, estudante de pedagogia, idade 19 anos.

Jennifer: surda oralizada, usuária da Língua Brasileira de Sinais, estudante de pedagogia, idade 19 anos.

Daniel: surdo oralizado, usuário da Língua Brasileira de Sinais, estudante de pedagogia, idade 22 anos.

Lindalva: surda não oralizada, usuária da Língua Brasileira de Sinais, graduada em pedagogia, idade 25 anos. Professora de uma escola especializada para surdos e instrutora de Língua de Sinais Brasileira para ouvintes.

Everson: surdo oralizado, usuário da Língua Brasileira de Sinais, graduado em teologia, estudante de pedagogia, idade 42 anos. Primeiro surdo pastor evangélico neste estado e instrutor de língua de sinais brasileira na igreja.

Sinésio: surdo oralizado, usuário da Língua Brasileira de Sinais, graduado em matemática e Letras-Libras, idade 43 anos. Professor da Prefeitura Municipal de Belém e instrutor de língua de sinais no SENAC/Belém.

## 2.4 PROCEDIMENTOS

As entrevistas ocorreram na Universidade do Estado do Pará, *campus* da Djalma Dutra, s/n, no bloco dos programas de mestrado em educação e ciência da religião. Os dados foram coletados de forma experimental pelos pesquisadores desta dissertação e do inventário paraense de Língua Brasileira de Sinais, com a supervisão do Professor Doutor José Anchieta de Oliveira Bentes, usuário da língua.

Iniciamos as gravações com uso de filmadora Canon, modelo SX500is, por Carla da Silva Mota, mas, infelizmente, por conta de problema relacionado ao mau uso da tecnologia, em que a segunda câmera descarregou no meio da filmagem, tivemos que reiniciar a gravação, com o uso de um celular Samsung Gran Prime Duos, modelo SM-g530BT, com a filmagem de Carina da Silva Mota, para mantermos o foco da gravação nos dois surdos sujeitos da pesquisa.

O primeiro par de entrevistas ocorreu no dia 22 de abril de 2015, das 14h às 15h30h e a filmagem de Lindalva e Everson durou 14:40:00 min. Nesse caso, os sujeitos, um ao lado do outro, respondiam à elicitação do vocabulário alternadamente entre eles. O segundo par Sinésio e Daniel e o terceiro par Mariana e Jessica, respectivamente, foram entrevistados no dia 13 de maio de 2015 das 14h às 17h30h, a filmagem do primeiro sujeito Daniel durou 07:18:00; de Jessica, durou 07:20:00; de Mariana, durou 08:18:00; e de Sinésio, durou 05:47:00. Nas entrevistas, os surdos, em pares, estavam sentados um ao lado do outro sem interagirem durante a filmagem, e enquanto um respondia a toda à elicitação do vocabulário o outro sujeito surdo observava. Depois se invertia o processo e aquele que estava observando respondia à elicitação gramatical e o sujeito que já tinha respondido continuava no espaço apenas observando.

A descrição da terminologia sinalizada será apresentada na dissertação com as respectivas imagens e a análise dos dados produzidos, com o intuito de ser um registro da Língua Brasileira de Sinais para as gerações futuras, podendo ser utilizado por professores do nível básico ao superior, dessa forma almejando a possibilidade de uma política linguística de valorização, respeito às variações

linguísticas inerentes aos surdos com diversas influências sociais, históricas e de classe econômica e assim adentrar ao ambiente de sala de aula.

## 2.5 PROTOCOLO DE TRANSCRIÇÃO

A pesquisa do inventário de Língua Brasileira de Sinais tem o objetivo principal de catalogar termos e possíveis variações em diferentes grupos de surdos. Mas, além da catalogação, serão apresentadas duas análises suplementares segundo o modelo de (Correa, 2007), que descreve características linguísticas em nível fonético, segundo o Quadro 2.

Assim, serão utilizados dois protocolos de transcrição, um para as glosas e outro para transcrição fonética do léxico. O Quadro 2 sumariza as ocorrências e símbolos utilizados na transcrição das glosas.

**Quadro 2-** Sistema de transcrição das glosas

Ocorrências	Símbolos	Exemplo
Sinais de LIBRAS	Letra Maiúsculas	ÁRVORE
Soleturação manual	cada letra é separada por hífen	S-A-P-O
Composição de duas palavras com valor semântico	serão unidas por ^.	HOMEM^PEQUENO = MENINO
Descrição do sinal	Letras minúsculas	(LÁ-apontar-para-cima)
Gesto: classificador	Separados por parênteses	CI (PEGAR-cachorro-no-colo);
Gesto: Mímica	Separado por parênteses	Gm (VOAR MENINO)
Gesto: Dêitico	Separado por parênteses	Gd (LÁ-apontar-para-cima)
Gesto: Descrição	Separado por colchetes	Gd [colocar papel sobre a mesa]

**Fonte:** Elaboração pessoal a partir de Quadros; Karnopp (2004).

O procedimento adotado no protocolo de transcrição dos dados baseou-se em Estelita (2009), Correa (2007) e Quadros (2004). A glosa é a simplificação da escrita da língua portuguesa para representar em letras a Língua Brasileira de Sinais (QUADROS; KARNOPP, 2004).

A transcrição fonética dos vocábulos será representada por meio do Quadro

3.

**Quadro 3** - Transição fonética do lexema

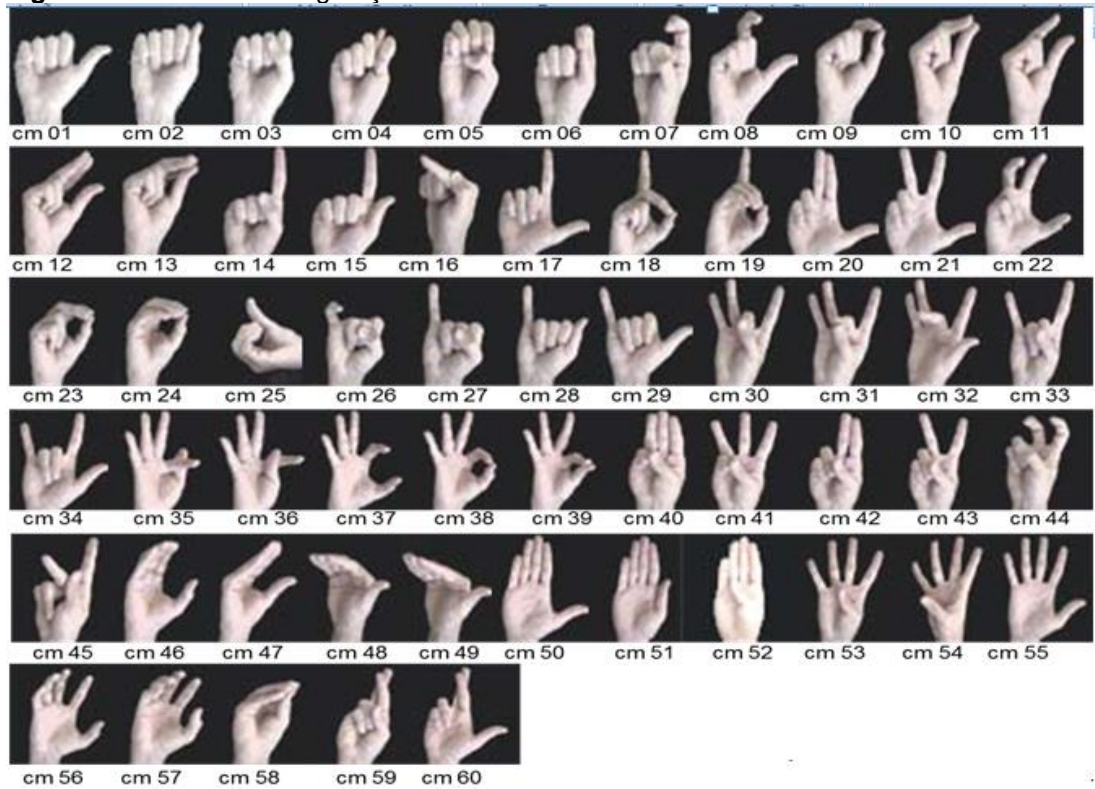
NOME	Glosa	CM	OP	PA	MOV	Expressão não -manual

Fonte: elaboração própria (2015)

Na transcrição desta pesquisa apresenta-se a imagem dos sinais realizados pelos sujeitos no Quadro 3, com a transcrição fonológica do vocábulo e abaixo um texto com a apresentação da variação em nível semântico e suas características.

No Quadro 3, na sequência horizontal da esquerda para a direita, o segundo item é a glosa, que, a partir de Quadros e Karnopp (2004), corresponde à simplificação da escrita de língua portuguesa para representar em letras maiúsculas a Língua Brasileira de Sinais. No caso da soletração datilológica, é representada ainda pelo uso de letra maiúscula separada por hífen, e na soletração rítmica, representa-se com as letras realizadas em maiúsculo e separadas novamente pelo hífen.

O terceiro item do Quadro 3, é a configuração de mãos que ilustra a característica espaço-gestual, com a articulação dos formatos de mão na composição do sinal. Por isso, foi selecionada a ordem de configurações do Instituto Nacional de Educação de Surdos- INES, conforme a Figura 1.

**Figura1** - Quadro de configuração de mãos

**Fonte:** dissertação de mestrado (CORREA, 2007, p. 81)

A Figura 1 apresenta 60 configurações catalogadas pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos-INES, que na pesquisa é descrita por sua numeração. Entretanto, alguns sinais iniciam como uma configuração e terminam com outra, por isso a estratégia para descrever essa diferença com a letra “I” em maiúsculo que representa o sinal inicial, e separado por vírgula do “F”, em maiúsculo, para o sinal final.

O sinal composto, ou seja, que utiliza dois ou mais sinais para representar o termo do inventário, é representado no Quadro 3, na terceira coluna da direita para a esquerda, de cima para baixo, na mesma ordem sinalizada com o número correspondente à configuração, separado pelo ponto e vírgula que simboliza a descrição de mais de um item linguístico em Língua Brasileira de Sinais.

Posteriormente, analisa-se o parâmetro classificado por Estelita (2009) como Orientação da Palma-OP, que confere a direção da palma da mão que pode ser distribuída e convencionadas com as letras iniciais de cada uma das palavras também em letra maiúscula, separada por um traço vertical. Em casos que o sinal incorpora várias direções da palma da mão, é utilizada a vírgula para representar sinais que iniciam com uma direção de palma e se modificam na sequência e nos

termos compostos sinalizados, é usado o ponto e vírgula para representar separação de itens linguísticos diferentes, conforme o Quadro 4.

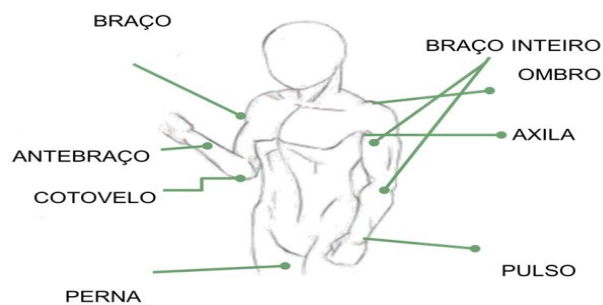
**Quadro 4** - Classificação da palma da mão

<b>P/F</b>	<b>PALMA PARA FRENTE</b>
<b>P/T</b>	<b>PALMA PARA TRÁS</b>
<b>P/C</b>	<b>PALMA PARA CIMA</b>
<b>P/B</b>	<b>PALMA PARA BAIXO</b>
<b>P/D</b>	<b>PALMA PARA DENTRO PRÓXIMO AO CORPO</b>

**Fonte:** elaboração a partir da resenha de Estelita (2009)

O ponto de articulação, segundo Quadros (2004), é a área que é tocada no corpo que, pelo sinal produzido em libras com as mãos, a partir, da Figura 02, pode ser em diversos membros do corpo ou à frente do sinalizador.

**Figura 2:** Pontos de articulação em relação aos membros, Estelita (2009).

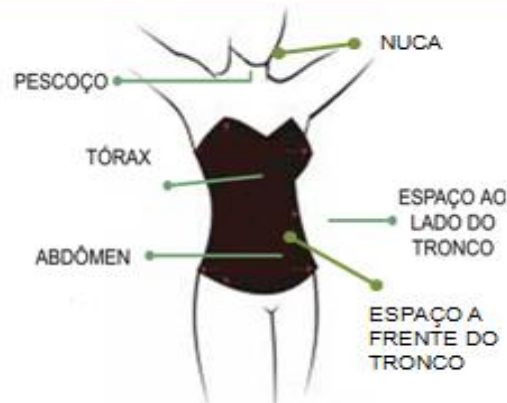


**Fonte:** elaboração própria (2015)

Os pontos de configuração classificados em relação ao corpo são: braço, a parte superior do braço; antebraço, a inferior; braço inteiro; axila; pulso; cotovelo e perna. Os pontos de articulação em relação ao tronco, estão postos na Figura 03.



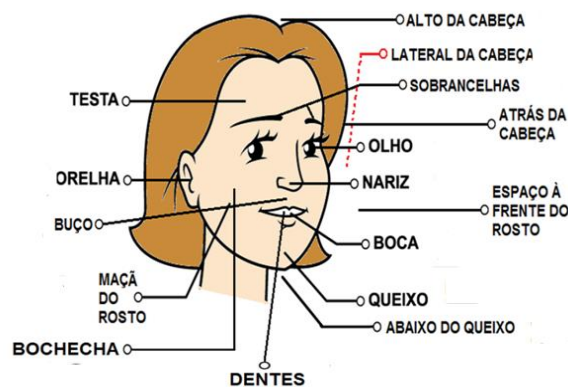
**Figura 3** - Pontos de articulação em relação ao tronco, Estelita (2009).



**Fonte:** elaboração própria (2015)

Trata-se de um quantitativo menor de apenas sete pontos que são: pescoço, atrás do pescoço (nuca), tórax, abdômen e espaço à frente e ao lado do tronco. Ainda outro ponto de articulação são os sinais à frente do rosto que são classificados como na Figura 04.

**Figura 4** - Pontos de articulação em relação ao rosto, Estelita (2009).



**Fonte:** elaboração própria (2015).

Esses pontos de articulação no rosto são: testa, sobrancelha, olho, orelha, nariz, buço, boca, dentes, maçã do rosto, bochecha, queixo, abaixo do queixo, alto da cabeça, lateral da cabeça, espaço à frente do rosto. Seguindo o padrão convencional no quadro elaborado para a pesquisa, sempre que o sinal incorpora vários pontos de toque da mão ou das mãos é usado o ponto e vírgula para representar separação de itens linguísticos diferentes. Os sinais realizados à frente, na lateral, acima ou abaixo que não tocam no corpo, são classificados em relação ao

membro na mesma direção da\ s mãos, por exemplo, no sinal “janeiro” na língua brasileira de sinais como demonstrado na Fotografia 1 .

**Fotografia 1:** Sinal da palavra janeiro em Língua Brasileira de Sinais (pesquisa de campo, 2015).



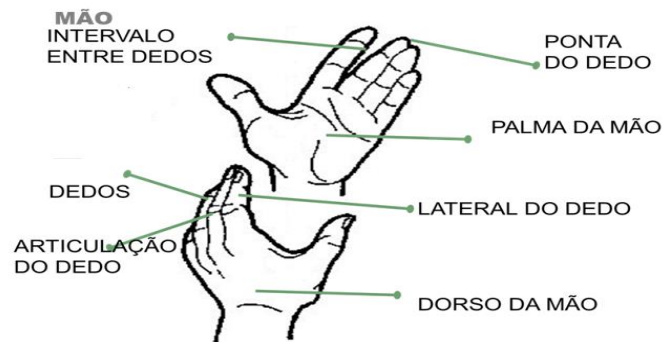
**Fonte:** inventário da Língua de Sinais (2015)

O termo sinalizado para “janeiro” em Língua Brasileira de Sinais na fotografia 01, é realizado sem nenhum toque no corpo, apenas o desenho no ar da letra “J” do alfabeto manual. Por isso, ele é descrito em relação ao membro a sua frente, sendo assim, o espaço em frente ao tronco.

Outro parâmetro fundamental para composição do sinal é o movimento que, a partir de pesquisa de Quadros (2004), é um parâmetro complexo que indica as várias direções da mão no corpo ou em torno dele.

Eles são divididos dentro da classificação de Estelita (2009): Para frente, Para trás, Para frente e Para trás, Para cima, Para baixo, Para cima e Para baixo, Para direita, Para a esquerda, Para a direita e esquerda, Para fora, Para cima e esquerda, Para cima e direita. Os mais utilizados na pesquisa podem ser em dos tipos: zigue-zague, espiral, ondulado, semicircular e circular. Uma forma adicional de classificação de movimento proposto por Estelita (2009) e utilizada na pesquisa é o movimento das mãos, conforme a figura 05.

**Figura 5** - movimentos internos da mão, Estelita (2009).

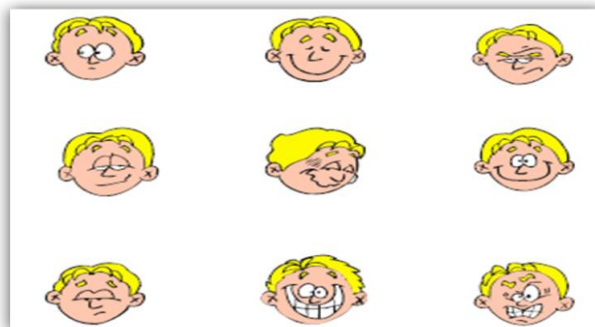


**Fonte:** elaboração própria (2015).

No caso das mãos, os movimentos podem ser no intervalo entre os dedos, ponta do dedo, dedos, lateral do dedo, palma da mão, articulação do dedo e dorso da mão. Os movimentos de Abrir a mão, Fechar a mão, Tamborilar de dedos, Friccionar de dedos, Abrir e fechar a mão, Flexionar. Os dedos na 1ª articulação, Flexionar os dedos na 2ª articulação, Unir e separar os dedos, Dobrar o pulso, Movimento de pulso lateralmente, Girar o pulso, Girar o antebraço. Assim como nos casos anteriores, se o sinal for composto, ou seja, se utilizar dois ou mais sinais para representar o termo apresentado na imagem do inventário ele é representado no quadro de cima para baixo, na mesma ordem sinalizada com o movimento correspondente separado pelo ponto e vírgula, que simboliza a descrição de mais de um item linguístico em Língua Brasileira de Sinais.

No Quadro 3, a análise da direita para a esquerda, na última coluna, são as expressões não manuais que compreendem “os movimentos de face, dos olhos, da cabeça ou do tronco com função sintática e de atribuir diferenciação de itens lexicais” (QUADROS, 2004, p. 60), que têm função fundamental na atribuição de sentido complementado com o sinalizado com as mãos.

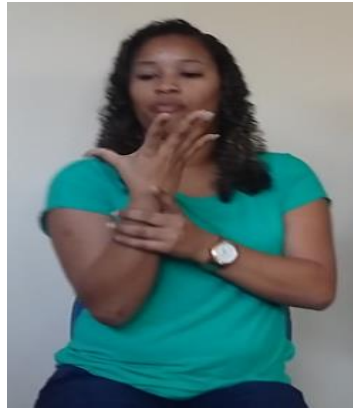
**Figura 6:** Expressões Faciais



**Fonte:** CEFET, Santa Catarina, 2007, p. 27,

Na análise, constataram-se expressões de sugar as bochechas, inflar as bochechas, fechar os olhos, abrir os olhos e hastear as sobrancelhas e sobre movimentação corporal apenas uma vez no sinal “ALFACE”, é realizado pelo sujeito Jessica, como demonstrado na Fotografia 02.

**Fotografia 2** - Sinal da palavra ALFACE em língua de sinais



**Fonte:**Inventário da Língua de Sinais (2015)

Na Fotografia 2, ao realizar o sinal manual da palavra ALFACE, eleva-se o tronco para frente para enfatizar o sentido do nascimento e crescimento da hortalíça. Percebe-se que, em poucos vocábulos do inventário, é utilizado o parâmetro gramatical das expressões não manuais.

## 2.6. DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE E SUJEITOS DO CURSO DE LETRAS/LIBRAS.

No item cinco da pesquisa é a descrição da atividade sugerida pela banca avaliadora na qualificação. Compreende a aplicação de uma sequência de imagens do glossário com cenas montadas pelos participantes os discentes do curso de Letras- Libras do primeiro ano.

A pesquisa no primeiro momento se caracteriza por registrar as variantes linguísticas de vocábulos produzidos em Língua Brasileira de Sinais por sujeitos surdos em conversa mediada por imagem que direciona registro linguístico.

No segundo momento a aplicação da atividade que foi desenvolvida na sala de aula do curso Letras-Libras da Universidade do Estado do Pará. A atividade que ocorreu no dia vinte e três de março de 2016, das 15:00h às 17:30h na sala de aula do curso de Letras-Libras da Universidade do Estado do Pará (UEPA), mediada pelo professor Ozivan Perdigão Santos. A atividade denominada “viajante” tem por objetivo motivar a imaginação mediada pelas imagens do vocabulário do inventário de língua de sinais para a criação de narrativas dialogadas em grupos formados por surdos e ouvintes.

Sobre os sujeitos foram 16 sujeitos que são apresentados com nomes fictícios para a preservação de nomes e imagem, Segundo o Quadro 5

**QUADRO 5:** Descrição dos sujeitos da atividade

Cena	Grupo	Característica auditiva
1. Agência de Viagem	Josy; Marcos; José.	Ouvinte; Surdo; Surdo.
2. Comprando frutas	Mário; Lúcia; Maria.	Ouvinte; Surda; Ouvinte.
3. Almoço com amigos	Alice; Luiz; Ana.	Surda; Ouvinte; Surdo.
4. Convite para evento acadêmico	Júnior; Vânia; Lucas.	Surdo; Ouvinte; Surdo.
5. No restaurante com as amigas.	Lia; Diana; Edna; Mônica.	Ouvinte; Ouvinte; Surda; Surda.
João, discente do curso que participou apenas da conversa posterior à atividade.		

Fonte: Elaboração pessoal, 11 de novembro de 2016

A referida atividade ocorreu com cinco grupos a partir da seleção de três imagens por grupo segundo apresentado no quadro 5. Após a seleção das mesmas eles voltavam às suas cadeiras para a elaboração da cena que foi apresentada e filmada que aparece no item cinco da pesquisa com a transcrição em interlíngua e na língua portuguesa, ambas realizadas pela pesquisadora Carina da Silva Mota. Sucedida da análise e discussão sobre a percepção dos acadêmicos acerca da variação linguística nas cenas e na Educação de surdos para o ensino de língua de sinais para surdos e ouvintes e sobre a organização para a constituição do glossário do inventário de Língua Brasileira de Sinais.

Sobre a seleção dos sujeitos: eles foram selecionados e agrupados preferencialmente em trios mistos com surdos e ouvintes. Embora que, dos cinco grupos, apenas um desses trios que apresentou a cena almoço com os amigos, era composto apenas de surdos por uma escolha deles e pela proximidade de amizade que demonstraram ter na elaboração da cena e na própria apresentação da mesma.

## 2.7 QUESTÕES ÉTICAS

Sobre as questões éticas, foi realizado o esclarecimento por um dos coordenadores do projeto do inventário o Prof. Dr. José de Anchieta Bentes. Ele explicava com o auxílio de um texto os objetivos da pesquisa no Inventário de Língua brasileira de sinais e como os dados serão utilizados com a mediação uma intérprete de Língua Brasileira de Sinais, a professora Ana Keila Castro, conforme o Anexo 2.

### **3 UM OLHAR SOBRE A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA NA LÍNGUA PORTUGUESA**

#### **3.1 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA**

É possível vivenciar, no cotidiano, o fenômeno da variação linguística na fala ou escrita de alunos, de professores, pais, familiares, crianças. Em atividades de vida diária, é normal percebermos pessoas usando a língua falada ou escrita de formas variadas para denominar diversos objetos e pessoas.

Entretanto, Bagno (2007) delinea historicamente o período que a variação linguística se incorporou ao meio social e conseqüentemente a ambientes escolares. Em meados da década de 1960, era comum segundo o autor, a escola ser um ambiente com número reduzido de alunos de classe média e alta da sociedade, assim, correspondia a uma parcela pequena da população que tinha acesso à educação e por isso uma parcela grande da população vivia à margem da educação formal; inclusive nas zonas rurais, os jovens tinham pouco acesso à aprendizagem escolarizada.

Mas com o processo migratório das áreas rurais para ambientes urbanos, o qual Bagno (2007) classifica como período de transformação do perfil socioeconômico e cultural da população brasileira, a escola passou a ser um espaço aberto para crianças e jovens de vários grupos sociais e culturais distintos. Assim, como acrescenta o autor, com a “democratização” da educação, as (entre aspas que caracterizam que é um discurso pressuposto que de fato não acontecia) crianças de regiões rurais que migraram com seus pais para as periferias das grandes cidades tinham acesso à educação formal na escola.

Com salas de aula com um maior de número de alunos, conseqüentemente o número de escolas cresceu para atender a grande quantidade de discentes em função do crescimento descontrolado devido à migração de pessoas de zonas rurais para urbanas. A partir de dados estatísticos de 1960, apenas 45% da população residindo na zona urbana, mas, no ano 2000, o censo já registrou que 80% dos brasileiros residindo em zona urbana. É possível então observar o crescimento desenfreado pela migração provocando o inchaço no meio urbano.

Um aspecto que influencia as diferenças sociais é a cultura, a qual serve para a construção de uma identidade linguística dos sujeitos de determinado grupo. Assim, Thompson (1995, p. 181) sinaliza que “concepção é que dá ênfase tanto ao

caráter simbólico dos fenômenos culturais como ao fato de tais fenômenos estarem sempre inseridos em contextos sociais estruturados”. Por isso, os fenômenos comportamentais de vestimentas, de hábitos alimentares e no caso desta pesquisa, os de cunho linguístico, estão intrinsecamente relacionados a aspectos culturais organizados e convencionados no meio social.

Por isso, as pessoas que vinham de ambientes rurais superlotavam os centros urbanos. Precisavam residir em várias áreas periféricas com índices de violência, desorganização urbana, doenças, poluição. Uma cidade lotada, sem controle de natalidade, crianças nasciam precocemente e os pais oriundos dessas localidades tinham que educar essas crianças. Assim, nesses grandes centros eram eles que reivindicavam a vaga de seus filhos nas escolas, para obterem acesso à escolarização.

Segundo Thompson (1995, p.181) era preciso o

Estudo das formas simbólicas - isto é, ações, objetos e expressões significativas de vários tipos – em relação a contextos e processos historicamente específicos e socialmente estruturados dentro dos quais, e por meio dos quais, essas formas simbólicas são produzidas, transmitidas e recebidas.

Percebe-se que os contextos históricos estabelecidos organizam e acabam por se definir a partir de um “padrão” elitizado, porque antes da migração desordenada, as salas de aulas tinham poucos alunos, isso fazia com que prevalecesse um padrão heterogêneo de crianças de alta classe social e influências culturais comuns e isso facilitava o trabalho docente. Assim, a escola tinha a fama de ser boa.

Segundo, Bagno (2007), isso evidencia o preconceito social que está na contramão da democratização e popularização da educação que era elitizada por ocupar-se apenas de alunos de classe alta sem considerar e valorizar alunos das classes baixas e de zonas rurais. Conforme referenciado, foi com a “democratização” da escola pública que o padrão de excelência despencou, em virtude de se considerar que a escola antigamente era boa e com o passar do tempo, como nos últimos 50 anos só piorou.

De fato, isso é um mito difundido no decorrer da história que destaca o preconceito em relação à massa da população de baixa renda que adentrou às



escolas, por isso, com um quantitativo maior de alunos heterogêneos com culturas, experiências diversas resultou na queda qualitativa da educação brasileira.

### **3.1.1 A contribuição da sociolinguística na Pesquisa**

A sociolinguística surgiu, segundo Bagno (2007), nos Estados Unidos por volta da década de 1960, quando linguistas decidiram que a língua não poderia ser estudada dissociada da influência social de seus usuários. O linguista William Labov nesse período com sua teoria variacionista impulsionou os estudos das variações dialetais e linguísticas. Como acrescenta Carvalho e Ferreira (2012), a sociolinguística é a ciência linguística que pesquisa as variantes sua preocupação é registrar variedades inerentes aos falantes dessa sociedade, e dependendo da experiência cultural e social desses grupos é diferente a atribuição de valor e significado do termo convencionado.

Por vários anos, como comenta Bagno (2007), a sociolinguística não era encarada como ciência relevante sobre os estudos linguísticos por considerar as variedades linguísticas como não fundamentais no ensino formal educacional. Era considerado “erro” e os professores apenas com a caneta vermelha riscavam e atribuíam uma nota baixa para a criança por não compreender a variante usada e por sua formação não os qualificar para lidar com a desafiadora realidade da sala de aula. Por isso, a variação linguística sequer entrava no plano de ensino do professor que a considerava “invisível” e subordinada à erro da língua culta escrita e falada.

A sociolinguística ganha relevância na pesquisa referente à variação da língua devido ao seu estreitamento de cunho social que investiga os fenômenos sociais como propulsor de comportamentos, vestimentas e linguagens utilizadas, que no último caso considera as nuances inerentes a distintos grupos sociais, os quais marcam sua diferença como enriquecimento da cultura geral de uma nação, que precisa ser utilizada e registrada para a preservação cultural pelos usuários de determinada língua. A variação linguística tem ganhado importância na sala de aula, receberam atenção por corresponder à língua falada e escrita de pessoas comuns da sociedade.

Lima (2009; p. 30) menciona que a língua é variável, heterogênea, múltipla e instável. Por isso, é praticamente impossível manter a língua estática e “padronizada”, porque novos termos surgem todos os dias, por ser uma língua viva e

por isso cada grupo a partir de suas experiências sociais, convencionaliza termos que nominalizam pessoas, objetos, animais, comidas dentre outras coisas, de forma distinta e igualmente certas que enriquecem a cultura social.

Assim, pode-se dizer que temos a recorrência da ausência do “R” em determinados léxicos ou o comum “os pessoal”, sem a flexão de gênero e número que é utilizada por vários grupos sociais, dentre outros exemplos de termos que correspondem a uma variedade social que precisa ser registrada como componente linguístico.

Tomando por referência Bagno (2007), não existe falante de estilo único, todo indivíduo, mesmo que oriundo do mesmo grupo social, fala de uma forma diferente. Isso independe de seu grau de instrução, classe social, região, gênero e faixa etária, todos falam de uma forma distinta. É possível perceber isso na pesquisa, quando surdos da mesma faixa etária, com o mesmo grau de instrução, nomeiam de forma distinta certos vocabulos por conta de sua experiência social, cultural e linguística variada.

### **3.1.2 A “norma” da variação linguística**

Como já afirmamos, a língua não é estática nem homogênea. Conforme (Thompson, 1995), essa afirmação pode ser feita com certeza, pois vivemos em uma sociedade com fenômenos culturais e formas simbólicas estruturadas que se fundamenta em processos socialmente estruturados, que são fortemente influenciados pela mídia, pelo ambiente de trabalho e pelas esferas sociais às quais pertencemos, o que distancia os grupos sociais, que no cotidiano se evidencia nas diferentes formas de falar e de escrever. Isso ocorre dependendo do grupo, localização geográfica, condição econômica ou período histórico, por isso se modifica a forma de classificar ou nomear algo na língua que usamos.

Para isso, (Thompson, 1995) apresenta características das formas simbólicas que são elas: intencional, convencional, estrutural, referencial e contextual.

a) **intencional:** “O que entendo com isso é que as formas simbólicas são expressões de um sujeito e para um sujeito (ou sujeitos)” (THOMPSON, 1995, p. 183). Pode-se compreender que tudo tem uma intenção que é específica para algum grupo social, assim como uma obra de arte, uma música, uma apresentação

dentre outras possibilidades interacionais comunicativas. A língua tem a nuance de apresentar uma intencionalidade de um grupo específico que compreende os referentes linguísticos utilizados. Para isso, é necessário conhecimento prévio dos sujeitos receptores da mensagem, suas experiências sociais e convívio, para compreender como eles se comportam e se comunicam para que suas expressões possam ser compreendidas pelo grupo social.

**b) convencional:**

Para (THOMPSON, 1995, p. 185):

Isso quer dizer que a produção, construção ou emprego das formas simbólicas, bem como a interpretação das mesmas pelos sujeitos que as recebem, são processos que, caracteristicamente, envolvem a aplicação de regras, códigos ou convenções de vários tipos.

Cada aspecto produzido e repassado ao grupo social é uma convenção compreendida pelos sujeitos, assim como no caso da linguística. Na língua, um termo é convencionalizado e utilizado por um grupo de ambiente rural, por isso, pessoas de outro grupo do meio urbano que não conhecem essa variedade não compreendem ou podem se confundir com o termo que foi convencionalizado por esse grupo em função dos significados e do referente do sujeito receptor da mensagem.

**c) estrutural:** “Que significa que as formas simbólicas são construções que exibem uma estrutura articulada”(THOMPSON, 1995, p. 187).

Com relação à língua, é possível perceber que a sua estrutura é articulada, inclusive por conta de ser uma de suas características fundamentais, que o modelo estabelecido na construção de um lexema é especificado por sua gramática normativa, que caso não esteja correspondendo a essa estrutura definida, não será compreendido.

**d) referencial:** significa que as formas simbólicas são construções que tipicamente representam algo, referem-se a algo, dizem algo sobre alguma coisa.”, (THOMPSON, 1995, p. 190).

O aspecto referencial é a construção que se fundamenta, é algo para representar um conceito ou alguma coisa. Esse aspecto se aproxima conceitualmente do objeto principal, da semântica que são os referenciais sociais, históricos e conceituais que influenciam na convenção de um termo por um grupo linguístico.

e) **contextual:** "Isso significa que as formas simbólicas estão sempre inseridas em processos e contextos sócio-históricos específicos dentro dos quais e por meio dos quais elas são produzidas, transmitidas e recebidas" (THOMPSON, 1995, p. 192).

Neste último aspecto, classifica-se uma convenção social pelo contexto histórico relacionado no qual são produzidas, transmitidas de uma pessoa à outra e de geração após geração e recebidas pelos usuários mais jovens de uma comunidade linguística e que influenciam seu modo de falar e de compreender as formas simbólicas a sua volta.

Podemos dizer "nós" ou o popular "a gente", um homem poderia dependendo de a faixa etária chamar uma mulher bonita de "broto" ou "avião", até mesmo dependendo de sua localidade poderia chamar o popular "açai" de "Jussara". Assim poderia mencionar vários exemplos de variação linguística que permeiam em variadas formas de nomear pessoas ou objetos.

Ao partir desse pressuposto, alguns conceitos são fundamentais que permeiam em torno do foco da pesquisa. Para Bagno (2007), "a **variação** é o conjunto de realizações linguísticas disponíveis aos seus falantes". A **variedade** compreende as várias formas de falar de uma língua, a qual depende da origem, idade, sexo, classe social e grau de escolaridade. As **variáveis** linguísticas são elementos na língua relacionadas a regras que diferem a partir da variedade usada pelos falantes da referida língua. As **variantes** são formas diferentes de dizer a mesma coisa.

Bagno (2007) utiliza a analogia do rio para descrever o fenômeno da variação linguística quando compara a interação com as águas de um rio que nunca param de correr e se agitar com a chuva, sobem e descem, correm por entre a cachoeira, que se estreita nas montanhas e passa a se alargar por entre as planícies, ou seja, a língua sempre muda, a língua adapta-se a diversos contextos, ela se multiplica e se refina assim como as águas do mar nunca estagnam e conseguem percorrer a profundidade dos pensamentos e criatividade.

Alguns dos adjetivos relacionados à variação linguística em um plano sincrônico são relacionados a fatores diversos como: os falantes do grupo, origem geográfica, à idade e sexo, entretanto, Alkmim (2005) frisam que por nascer em um determinado grupo, de uma determinada região e ser de uma classe social

específica não é fator determinante para ser padronizada a falar exatamente igual aos outros componentes desse grupo social. Sendo classificadas em:

**a) variação diatópica:** “Provém do grego DIÁ-que significa grandes cidades e TÓPOS-lugar (BAGNO 2007, p. 46)”. É a variação linguística inerente a pessoas de localizações geográficas diferentes, que pode ser na mesma cidade ou em países diferentes como, por exemplo, no Brasil fala-se “esmalte” para a tinta de passar nas unhas; em Portugal “esmalte” é a tinta de passar na parede. A variação pode ocorrer em relação a um mesmo país em regiões geográficas diferentes, como, no estado do Pará: pão pode ser “careca” ou “francês”; no Rio Grande de Sul pão é “cacetinho”. Essas são apenas algumas das possibilidades de variação linguística diatópica.

**b) variação diatrásica:** “É o conjunto de fatores que se relaciona à identidade sociocultural dos falantes de uma língua”, Alkmim (2005).

Pode ser em relação à classe social, idade, sexo, e de contexto social. É um termo do latim DIÁ-atraves e STRATUM, camada, estrato, (Bagno, 2007)

Quanto à classe social que é comumente alvo de piadas e brincadeiras recordo de “pobrema” (problema) vocabulário comum a pessoas tidas como de baixa classe social. Sobre idade que pode ser exemplificado com os léxicos particulares presentes em certas gírias, como, “filé” (algo bom), que no geral é inerente a sujeitos jovens, embora não seja uma regra. A variação em relação ao sexo que Alkmim (2005) referenciam a Camacho (1978) que os termos no diminutivo são frequentemente usados pelo gênero feminino “bebezinho”, “bonitinho”, “cheirosinho”. O vocabulário usado em determinados contextos sociais que pode variar de acordo com o sujeito receptor da mensagem falada, assim como, o vocabulário usado na sala de aula do mestrado com os professores é diferente do usado com os colegas de curso, que é totalmente diferente do usado em casa com a família ou na diversão com amigos próximos.

**c) variação diacrônica:** São as mudanças na língua no decorrer da história. Origina-se do adjetivo DIÁ-e do grego KHRÓNOS tempo. As mudanças não podem ser estagnadas é o ciclo comum à língua. Anteriormente, dizíamos “dama” para uma mulher adulta casada ou não. Hoje pode-se dizer moça, mulher entre outros.

**d) variação diafásica:** É o uso diferente da fala de cunho estilístico de caráter individual entre o falante e seu repertório e comportamento linguístico. O

adjetivo DIÁ-e do grego PHÁSIS expressão, modo de falar, Bagno (2007), que inclui o uso de flexões de uso da formalidade ou informalidade entre outras nuances linguísticas, por exemplo, “os pessoais” (as pessoas), “nois vai” (nós vamos), “ a gente estamos” (nós estamos), entre outros.

Segundo Thompson (1995), a transmissão cultural ocorre de diferentes formas em diferentes condições para as trocas simbólicas entre os indivíduos. Dessa forma, são estruturas espaço-temporal e variadas.

Com características típicas relacionadas ao conceito de campo de interação, que Thompson (1995) cita Bourdieu (1985), o campo de interação conceituado diacronicamente, como, espaço de posições e sincronicamente os conjuntos de trajetórias. Por isso, o curso da vida segue determinadas trajetórias que organizam e determinam o comportamento e a forma de nos expressar e de escrever que é homogênea por estar relacionada a várias informações, trajetórias, interações distintas, isso justifica as diferentes formas de falar quando investigamos vários grupos sociais organizados.

Infelizmente, a variação linguística ainda é encarada nas escolas como um problema, apesar de os educados serem oriundos de várias realidades sociais. Mesmo a variação sendo uma realidade, é encarada como erro e ocasiona em alguns casos mais extremos a reprovação do aluno. Tentar ensinar que a variedade linguística é comum e enriquece a língua geralmente se torna manchete de jornal com uma repercussão negativa sobre o professor que está ensinando conceitos “errados” às crianças.

Assim, a concepção de língua como algo estático perfeitamente organizado, não é como um quebra-cabeça que tem diversas peças menores que se podem montar facilmente e que cada uma tem um padrão específico que conecta forma à imagem perfeita. Isso de fato, não consegue exprimir o sentido de língua que é universalmente organizada com variações diversas e que dificilmente se encaixam.

É difícil reconhecer isso, em virtude de que padronizamos a mente para conceber a língua como um fenômeno estático, que existe um padrão de bem falar e de se comunicar com as palavras “certas” e “erradas”. Esse conceito está hierarquicamente fundamentado na ideia que a variedade de prestígio é que é a correta e que é ensinada na escola. A partir de Bagno (2007), essa língua considerada padrão ganha *status* de tesouro nacional e de patrimônio cultural

intocável. Assim como as florestas, rios, a flora e a fauna; a língua, assim como esses materiais históricos não pode ser tocada ou modificada, para dessa forma não serem extintas as ruínas linguísticas próprias da variação, como se valorizar as diferentes formas de expressão fosse de alguma forma desvalorizar a língua considerada “padrão”.

A partir disso, Thompson (1995, p. 195) descreve a “seletividade cultural conceituada de tipos de capitais”, sendo:

**a) capital econômico:** “Relacionado aos bens materiais, financeiros e propriedades.”, que também influencia a linguística por determinar que a variedade de prestígio, o bem falar, é patrimônio apenas da massa rica da sociedade que por ser economicamente favorecida, expressa-se corretamente.

**b) capital cultural:** “Conhecimentos e habilidades em nível de qualificações educacionais.” Neste segundo caso, as pessoas que possuem maior capital econômico têm acesso à educação e cultura, por isso, falam a língua considerada padrão, e em maioria, os que não dispõem de um vasto capital cultural são vitimados à alienação e pouca valorização e pelo seu jeito de falar “errado”, são julgados e desprestigiados socialmente.

**c) capital Simbólico:** “Méritos acumulados, prestígio e reconhecimento associado à pessoa e sua posição social.” Assim como no capital econômico e cultural o simbólico também se associa a um grau de seletividade social. Com isso, é possível perceber que as pessoas pobres, desprovidas de influências culturais têm fama que falam e escrevem mal, e o fato de falarem mal os excluem da massa de prestígio, os que se empoderam do bem falar monopolizam os direitos linguísticos que os classificam como padrão e são os detentores de um patrimônio nacional de uma minoria das altas classes.

Compreender o sentido do termo, variedade que são os muitos “modos de falar” em uma língua é necessário para aceitar a realidade linguística na sala de aula como um fenômeno que pode favorecer o aprendizado das crianças e enriquecer culturalmente a formação de cada uma delas por conseguirem ter a experiência de conhecer e incluir melhor as diferenças comuns a uma sociedade heterogênea.

Conforme mencionado por (Thompson 1995, p. 196) ao destacar as “Instituições sociais que podem ser entendidas como conjuntos específicos e

relativamente estáveis de regras e recursos, juntamente com as relações sociais que são estabelecidas por elas e dentro delas”. Assim, compreende-se que as Instituições sociais são relativamente estáveis, ou seja, as modificações e reorganizações são constantes em função das relações estabelecidas pelas interações sociais.

Ao partir dessa realidade social homogênea, as escolas precisam se reorganizar e estar mais atentas e flexíveis à aceitação desta realidade para que os constrangimentos e a seleção linguística não marginalizem os que não preenchem a qualidade do “padrão” linguístico pretendido pela escola.

### 3.2 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM SALA DE AULA

Assim como no passado, a escola ainda é um espaço de divisão social e linguística, na qual os sujeitos são avaliados e agrupados por suas experiências cotidianas pelo bem falar, vestir, andar que é determinado pelo meio social. Essas regras são de extrema força e as crianças que não se encaixam nos padrões determinados sofrem até conseguirem se adaptar a essa “ditadura”. Em especial à imposição de uma gramática tradicional que tem de ser falada e escrita com excelência, que em sua maioria não é um conhecimento sob o poder de nenhum dos grupos sociais, nem dos considerados cultos nem das pessoas comuns.

Assim, a questão de ensinar ou não gramática a partir de regras e atividades exaustivas de decorar sequências, constitui-se em um esforço desnecessário e cansativo. Para (BAGNO 2007, p. 70)

Não é para ensinar gramática, se for mera repetição da doutrina tradicional, anacrônica e encharcada de preconceitos, decoreba de nomeclaturas, sem objetivo claro e relevante, análise sintática de frases descontextualizadas as vezes até ridículas, definitivamente, não é para ensinar gramática.

Para Bagno, ensinar língua portuguesa para apenas impor regras e nomeclaturas não é eficaz e pode se tornar um ensino descontextualizado e anacrônico no sentido de não corresponder às necessidades educacionais dos educandos na contemporaneidade. Tornando o ensino de língua portuguesa um exercício exaustivo de conjugar, flexionar e aprender regras gramaticais, que na maioria das vezes não se relacionam com a vivência social deles.



Nessa mesma perspectiva, (CAMACHO, 2013, p. 66) considera a norma denominada padrão de “pseudossistema”, pois esse sistema propõe representar a língua como um todo, mas, desconsidera a maior parte dela, por desvalorizar a variedade e a corrigir como erro automaticamente, apesar de ser social e expressivamente mais utilizada pelos sujeitos, inclusive pelos considerados falantes da norma culta.

Há ainda outro aspecto que pode passar despercebido, mas que é de suma preocupação, de que falar diferente, pode causar o distanciamento social e o extremismo entre grupos com experiências linguísticas distintas, que pode comprometer o aprendizado e o psicológico, se o sujeito que é vítima desse preconceito for uma criança, a qual pode carregar traumas ou desistir da educação formal escolar por simplesmente não usar a variante considerada padrão e de prestígio.

Refletir sobre o papel do ensino de língua portuguesa em uma perspectiva da sociolinguística fez-me recordar o conto do professor e filósofo Fidêncio Bogo, ainda na época da graduação que emociona e consegue fazer repensar e reeducar-se sobre como ensinar e porque ensinar valorizando as experiências linguísticas dos educandos, isso é fundamental. Segue no Quadro 6 o referido conto:

**Quadro 6:** Conto: "Nóis Mudemo"

Conto: "Nóis Mudemo"

O ônibus da Transbrasileira deslizava manso pela Belém-Brasília rumo ao Porto Nacional. Era abril, mês das derradeiras chuvas. No céu, uma lua zona enorme pra namorado nenhum botar defeito. Sob o luar generoso, o cerrado verdejante era um presépio, todo poesia e misticismo.

As aulas tinham começado numa segunda-feira. Escola de periferia, classes heterogêneas, retardatários. Entre eles, uma criança crescida, quase um rapaz.

- Por que você faltou esses dias todos?
- É que nóis mudemo onti, fessora. Nóis veio da fazenda.

Risadinhas da turma.

- Não se diz “nóis mudemo” menino! A gente deve dizer: nós mudamos, tá?

- Tá fessora!

No recreio as chacotas dos colegas: Oi, nós mudemo! Até amanhã, nós mudemo!

No dia seguinte, a mesma coisa: **risadinhas, cochichos, gozações.**

- **Pai, não vô mais pra escola!**<sup>5</sup>

- Oxente! Módi quê?

Ouvida a história, o pai coçou a cabeça e disse:

- Meu fio, num deixa a escola por uma bobagem dessa! Não liga pras gozações da mininada!

Logo eles esquece.

Não esqueceram.

Na quarta-feira, dei pela falta do menino. Ele não apareceu no resto da semana, nem na segunda-feira seguinte. Aí me dei conta de que eu nem sabia o nome dele. Procurei no diário de classe e soube que se chamava Lúcio – Lúcio Rodrigues Barbosa. Achei o endereço.

Longe, um dos últimos casebres do bairro. Fui lá, uma tarde. O rapaz tinha partido no dia anterior para casa de um tio, no sul do Pará.

**-É, professora, meu tio não aguentou as gozações da mininada. Eu tentei fazê ele continuá, mas não teve jeito.** Ele tava chateado demais. Bosta de vida! Eu devia di tê ficado na fazenda coa famia. Na cidade nós não tem veis. **Nóis fala tudo errado.**

Inexperiente, confusa, sem saber o que dizer. Engoli em seco e me despedi.

O episódio ocorrera há dezessete anos e tinha caído em total esquecimento, ao menos de minha parte.

Uma tarde, um povoado à beira da Belém-Brasília, eu ia pegar o ônibus, quando alguém me chamou.

Olhei e vi, acenando para mim, um rapaz pobremente vestido, magro, com aparência doentia.

-O que é, moço?

-A senhora não se lembra de mim, fessora?

<sup>5</sup> O grifo em negrito não está no texto original

Olhei para ele, dei tratos à bola. Reconstitui num momento meus longos anos de sacerdócio, digo de magistério. Tudo escuro.

-Não me lembro não, moço. Você me conhece? De onde? Foi meu aluno?

Como se chama?

Para tantas perguntas, uma resposta lacônica:

-Eu sou “Nóis mudemo”, lembra?

Comecei a tremer.

-Sim, moço. Agora lembro. Como era mesmo o seu nome?

-Lúcio – Lúcio Rodrigues Barbosa.

- O que aconteceu? Ah! Fessora! É mais fácil dizê o que não aconteceu. Comi o pão que o diabo amasso. E êta diabo bom de padaria! Fui garimpeiro. Fui boia-fria, um “gato” me arrecadou e levou num caminhão pruma fazenda no meio da mata. Lá trabaiei como escravo, passei fome, fui baleado quando conseguir fugi. Peguei tudo quando é doença. Até na cadeia já fui pará. Nóis ignorante as veis fais coisa sem querê fazê. A escola fais uma farta danada. Eu não devia tê saído daquele jeito, fessora, mais não aguentei as gozação da turma. Eu vi logo que nunca ia consegui falá direito. Ainda hoje não sei.

-Meu Deus!

Aquela revelação me virou pelo avesso. Foi demais para mim. Descontrolada, comecei a soluçar convulsivamente. Como eu podia ter sido tão burra e má? E abracei o rapaz, o que restava do rapaz que me olhava atarantado.

O ônibus buzinou com insistência.

- O rapaz afastou-me se si suavemente.

- Chora não, fessora! A senhora não tem cura.

Como? Eu não tenho culpa? Deus do céu!

Entrei no ônibus apinhado. Cem olhos eram cem flechas vingadoras apontadas para mim. O ônibus partiu. **Pensei na minha sala de aula. Eu era uma assassina a caminho da guilhotina.**

Hoje tenho raiva da gramática. Eu mudo, tu mudas, ele muda, nós mudamos... Super usada, mal usada, abusada, ela é uma **guilhotina dentro da escola**. A gramática faz gato e sapato da língua materna, a língua que a criança aprendeu com seus pais e irmãos e colegas – e se torna o terror dos alunos.

**Em vez de estimular e fazer crescer, comunicando, ela reprime e oprime, cobrando centenas de regrinhas estúpidas para aquela idade.**

E os lúcios da vida, os milhares lúcios da periferia e do interior, barrados nas salas de aula:

**“Não é assim que se diz, menino!” Como se o professor quisesse dizer:  
“Você está errado! Os seus pais estão errados! Seus irmãos e amigos e vizinhos estão errados! A certa sou eu! Imite-me!**

**Copie-me! Fale como eu! Você não seja você! Renegue suas raízes!**

**Diminua-se ! Desfigure-se! Fique no seu lugar!**

**Seja uma sombra!”**

E siga desarmado para o **matadouro da vida...**

(Fidêncio Bogo)

Fonte: Oliveira (2002, p. 07)

No conto, os trechos em negritos demonstram os prejuízos educacionais, linguísticos e psicológicos causados pelo preconceito que permeia em volta do ensino de línguas, neste caso, o português brasileiro. Segundo o conto de Fidêncio Bogo, há comparação entre o ensino de gramática e o professor que a ensina no rigor de regras estabelecidas, é como um carrasco com sua guilhotina e a escola como um matadouro dessas vidas.

Ao pensar no personagem do conto Lúcio Rodrigues Barbosa e em quantos outros Lúcios que se tornam motivo de zombaria de professores e colegas de sala recebem apelidos, assim como o Lúcio era conhecido como “nóis mudemo” por sua professora que sequer sabia seu nome e apenas procurou saber depois que ele deixou de ir à escola. Pensando ainda no esforço que a família de Lúcio fez para se mudar da fazenda para a cidade, foram morar em uma área periférica e que sua casa era o último casebre do bairro, na tentativa de proporcionar um futuro melhor pela educação escolar dos filhos, o pai de Lúcio fez esse sacrifício de mudar-se. Mesmo assim, o pai de Lúcio tinha um sentimento de opressão social por provavelmente ser vítima do preconceito linguístico e internalizou isso, apesar da tentativa de morar na cidade, que por ser do interior não tinha voz ou grandes oportunidades.

É possível sentir o susto e a tristeza da professora, quando dezessete anos depois do acontecimento, um rapaz de aparência doente e magra, acena para ela e se apresenta como antigo aluno, mas ela sem lembrar, pergunta seu nome que nem de longe é uma pista que identifique o rapaz. Entretanto, ele se apresenta novamente com o nome que recebeu pelos colegas de turma na escola ao dizer: “Professora eu sou o noís mudemo”, designação que o fez desistir de estudar pela vergonha de ser motivo de gozação entre os colegas e de se considerar fadado a não falar bem. É possível sentir o tremor e pesar que a invade e o nó na garganta quando ele começa a relatar as desgraças que aconteceram em sua vida: fome, trabalho escravo, doenças e até cadeia.

Esse episódio relatado no conto ainda é comum em salas de aulas que ensinam línguas atualmente. Aqueles que não usam a variante considerada padrão são vitimados ao serem zombados, são desprivilegiados e considerados sem cultura. Mas, segundo Bagno, 2007 (p. 95, 96), que é enfático ao dizer

Ora, ninguém fala, efetivamente, o padrão, nem mesmo as pessoas altamente escolarizadas em situação de interação verbal extremamente formais. É inevitável que os usos mais espontâneos, mais conformes à intuição linguística do falante venha a tona. Como o próprio nome padrão indica, trata-se de um modelo de língua, de uma construção artificial, baseada em algumas variedades regionais de prestígio, é verdade, mas inspirada também, e em grande proporção em outras fontes, muito distantes da realidade cotidiana dos falantes, como a escrita literária mais consagrada e a gramática latina.

O autor consegue sintetizar em suas palavras que essa elitização linguística é um erro maldoso que distingue os sujeitos, agrupa e oprime os que não se encaixam nesse padrão, visto que até os nobres que são considerados detentores de uma suposta língua culta não conseguem falar e escrever em todos os momentos com perfeição, de acordo com a pretensa norma padrão. Faraco (2008) ao se referir à norma culta ou padrão usa o trocadilho “norma curta” que reintera que essa norma encurta e desprestigia a língua repleta de variedades linguísticas de um povo rico culturalmente, que mais serve para segregar, marginalizar e desconstrói uma das funções principais da língua que é comunicar-se para criar laços e relações sociais de conhecimento e aprendizado.

Outra situação que historicamente tem criado um fosso entre a elite culta e os pobres sem cultura e segundo (Bagno, 2007), a alienação criada pelos livros

didáticos em educandos de ambos os grupos, os considerados com cultura e os sem cultura livros que no geral são de autores do eixo sul e sudeste, que mesmo sem intencionalidade, privilegiam as experiências e a variedade linguística própria dos escritores. É claro que a situação da elitização do livro didático tem se modificado no decorrer dos anos. Mais especificamente a partir do ano de 1996, quando o Ministério da Educação e Cultura (MEC) criou o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), com o objetivo de vistoriar a qualidade dessas produções pedagógicas que são distribuídas por todo o Brasil e com isso é possível notar maior qualidade nos livros didáticos.

Entretanto, ainda se notam situações nas quais a variação ganha ampla divulgação pejorativa, como a relatada por (CAMACHO, 2013; p.68) verificada no ano de 2013, entre os meses de maio e junho, sobre o livro didático “Por uma vida melhor, da coleção Viver e aprender, do Programa Nacional do Livro Didático voltado para a Educação de Jovens e Adultos (EJA)”. Esse livro recebeu grande repercussão por apresentar formas consideradas “erradas” pela linguística tradicional que zela pela língua culta com a expressão “nós pega o peixe” que é considerada inadequada ferindo os princípios da gramática normativa que é historicamente padronizada. O autor aponta que a acusação feita ao livro foi com base em uma análise descontextualizada, sem uma criteriosa e cuidadosa verificação da realidade sociolinguística brasileira no livro. Esse episódio de cinco atrás revela o poder intocável que foi criado em torno da Língua Portuguesa, que impõe um padrão inalterável.

Embora que, quando se fala de apresentar a variação linguística como uma riqueza cultural inerente a diversos grupos sociais, ainda segundo Bagno (2007), percebe-se que as atividades, em sua essência, apresentam a variação linguística de um interiorano ou dos quadrinhos do Chico Bento; nos poemas de Patativa do Assaré ou então nos sambas de Adoniran Barbosa, que nos livros didáticos são emblemáticos para apresentar à criança o que é variação linguística. Claro que são ótimas sugestões de representantes da variante desprivilegiada não culta. Embora não consiga exprimir com plenitude a essência dos falantes dessas de regiões rurais e periféricas, pois necessitaria de uma lista de transcrições fonéticas dos falantes da variedade linguística, o que tornaria inviável a compreensão dos textos.

Ainda sobre esses três personagens supracitados, é comum as lacunas nas atividades, que embora demonstrem as variações linguísticas, ainda assim, apresentam a intenção de solicitar que o discente reescreva o texto dos personagens no que intitulam ser a norma culta que é a variante que consideram a padrão, embora apresentem a variação. Mesmo assim ela é desconsiderada e tratada como erro que precisa ser reescrito e refeito para se tornar aceito.

Embora os livros e a discussão sobre a variação linguística tenham avançado, ainda assim, ela aparece ora como uma forma de falar característica de uma região ou de determinado grupo social ora assume a função de erro, que é um exercício de fixação do que é certo ou errado no modo de falar.

Para (Bagno 2007, p. 125), a forma de resolver a problemática do erro em determinadas variantes é a valorização do respeito às diferenças. Isso pode acontecer segundo ele por

Insistir que elas não são “erros” e até mesmo tentar, na medida do possível, mostrar a lógica linguística delas. Para isso, é claro, a professora tem de se preparar, fazer suas pesquisas, reconhecer os fenômenos que aparecem naquele material e tirar deles o melhor proveito.

A solução apresentada pelo autor é uma ótima alternativa para que o material não seja usado para um objetivo contraditório que possa rotular e considerar uma forma de falar inferior em relação à outra. Pode apresentar razões históricas, culturais e sociais que influenciam os sujeitos a falarem de uma determinada forma. Inclusive é possível solicitar aos alunos que busquem similaridades nos falares dos personagens com os de seus familiares e sua própria forma de falar.

Parte-se do pressuposto que a variação não é característica apenas de ribeirinhos, moradores de zona rural e de pessoas sem condições financeiras, quando na realidade a variação linguística é um recurso presente e característico de qualquer falante em todas as línguas. Toda língua que é usada para comunicação de indivíduos sempre se modifica na interação dos falantes e no decorrer dos anos.

Segundo (Bagno 2007), o livro didático trata de variação linguística de forma relativa, por exemplificar apenas as variantes desprivilegiadas mais frequentes e evidentes, sem sequer mencionar que as pessoas que moram nos grandes centros urbanos também se comunicam em uma variante, a partir de seus grupos sociais, culturais, políticos e de identidades, dentro de uma única casa, com adultos, com

pais, com avós e os com filhos em função da idade e de experiências distintas, convencionam termos que se distinguem, apesar de em algumas situações estarem se referindo ao mesmo objeto.

Outro aspecto que dificulta a demonstração de outras possibilidades de variação linguística nos livros didáticos é o poder que a língua carrega em si, que monopoliza historicamente o conhecimento do português brasileiro em sua norma culta para um grupo seletivo de pessoas.

Essa é uma realidade historicamente imposta ainda no Brasil colonial. Com base na pesquisa de (CAMACHO, 2013; p. 72), “a decretação do Diretório dos Índios elaborado em 1755 e publicado em 1757, obrigou os brasileiros a abandonar a língua geral pelo português europeu”. Antes disso, várias línguas indígenas com estruturas linguísticas definidas, que segundo o autor, permitiam ser “uma língua franca que facilitaria o contato entre colonizadores e índios, que também não entendiam o português”. Esse documento tinha por objetivo monopolizar e suprimir outras línguas indígenas como um instrumento de dominação e posse desses sujeitos desfavorecidos socialmente e propiciar uma hegemonia de Portugal e sua “unidade e identidade como nação”. Essa manobra política foi propulsora para impor o monolinguismo, oprimindo a identidade e a língua desses povos indígenas e culminando com a morte cultural e social de vários desses povos até os dias atuais.

Bagno (2007, p. 126, 127) acrescenta que, “A sociedade brasileira, uma formação marcada por toda sorte de violência e autoritarismo, existe na nossa cultura o mito muito poderoso do monolinguismo”. O autor menciona que os livros didáticos fazem pouco ou nenhuma referência às línguas indígenas, que no Brasil existem cerca de 190 línguas de grupos indígenas, que dentre essas, pelo menos 110 têm menos de 400 falantes. Isso tem provocado o suicídio de jovens índios que sem perspectiva linguística social e cultural desistem de viver. Muitas das etnias existentes já não usam sua língua indígena original e sim o português brasileiro.

Esse panorama atual com as línguas indígenas demonstra claramente que o monolinguismo ainda é forte na sociedade brasileira ocasionando prejuízos sobre várias línguas indígenas, visto que de alguma foram extintas, morrendo e sendo esquecidas por não aparecerem nos livros didáticos e as gerações mais jovens não fazendo ideia como eram originalmente essas línguas.



Isso sem mencionar os imigrantes, os quais correspondem a outro grupo linguístico expressivo que compartilham outra variedade linguística que não é citada nos livros didáticos, como visto em Bagno (2007), que desde o século dezenove, são pelo menos 20 línguas da Europa e da Ásia em território brasileiro. A história tem mostrado que com atos violentos, massacres, artifícios legais, o pluralismo tem sido silenciado. Atualmente não se usa de força física para silenciar as variedades linguísticas, a influência é sutil com um discurso de que o Brasil é o único país no qual os falantes se entendem com facilidade em todo o território nacional por utilizarem a mesma língua, exatamente do mesmo jeito que tem mantido a cultura do monolinguismo, a qual condena e obriga a aprendermos uma pressuposta norma culta, exaustiva e artificial.

É possível perceber ainda o preconceito linguístico, apesar de a escola ser um espaço aberto para o aprendizado e socialização, historicamente tem negado a variação linguística, ou melhor, os alunos que falam uma diferente variedade compartilhada por um grupo de sujeitos que têm experiências culturais, sociais econômicas distintas dos alunos oriundos de uma realidade de alto nível, que ainda hoje é considerada a variedade padrão prestigiada e que tem *status* de patrimônio desse grupo da elite social.

A imposição do “erro” na correção da fala e da escrita ainda é comum na avaliação, o que demarca o distanciamento cultural e linguístico entre dois grupos: os ricos e com cultura; e os pobres e sem cultura e conhecimento. Para Camacho (2013; p. 77)

se a variedade é considerada socialmente estigmatizada, em contraposição à norma-padrão, veiculada principalmente pelo sistema de ensino, instaura-se um conflito entre valores que a instituição escolar pretende inculcar e o que o aprendiz compartilha com sua própria comunidade de prática.

Por isso, os ambientes escolares ainda são marcados pela não aceitação das diferenças linguísticas dos educandos. Por essa repressão e preconceito serem sutis e veladas, ainda é comum e permanece a oprimir a variedade social dos sujeitos. Por não ser considerado preconceito linguístico, injúria ou crime, assim como outros tipos de preconceitos ele continua a impor a política do monolinguismo da norma considerada padrão e desconsidera a variedade desprestigiada.

Alguns aspectos analisados no texto discutam sobre os conceitos de cultura, de como ela é homogênea, de que é necessário aceitar as diferenças grupais, de

que no decorrer do tempo as interações modificam o jeito de pensar e falar dos grupos, que cada relação social convencionou suas formas de viver, interagir e falar e que essas diferenças precisam ser observadas, aceitas e respeitadas para valorizar a fala de todos os sujeitos de diferentes grupos sociais.

Outro aspecto importante é analisar os conceitos de variação linguística que ainda sofrem o preconceito social da demarcação de os jeitos de falar serem considerados corretos e outros errados. Na língua, as formas diferentes de falar são marcas sociais e culturais que são identidades linguísticas que surgem de suas experiências sociais, econômicas, históricas de um grupo e que por isso precisam ser consideradas dignas de existir e serem consideradas na sala de aula como uma forma de demonstrar a diversidade linguística e social de um país como o Brasil.

Por isso, existe esperança de um dia as escolas que hoje são um espaço aberto para o conhecimento venham a ser um ambiente no qual a variação seja encarada naturalmente, que venha compor os livros didáticos e as conversas de sala de aula sem necessitar tornar-se notícia de jornal como algo pejorativo de um professor que não sabe ensinar uma diferença enriquecedora para a diversidade cultural e linguística.

#### **4 A VARIAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE SURDOS**

Para compreender melhor os passos percorridos na educação de surdos, é necessário remontarmos ao início do século XVIII na França. Segundo Souza e Segala (2009), a partir da iniciativa de Etienne de Fay, um nobre surdo que priorizava o ensino da língua de sinais, o primeiro livro publicado sobre Língua Brasileira de Sinais foi em 1779 pelo surdo Pierre Desloges. Mas, foi com Abade Pedro Poncio de L'Épée, que elaborou seu método para ensinar surdos com a observação de duas irmãs surdas que utilizavam gestos para se comunicar. Com isso, ele funda o primeiro instituto imperial para surdos franceses que abrigava mais de 70 surdos e no mesmo espaço educacional ensinava seu método a outros professores. Após sua morte, Abade Sicard tornou-se diretor do instituto e com Le Clerc e Masssieu ensinaram seus alunos esse método de ensino. Para alguns autores esse período da Educação de surdos é conhecido como época de ouro de acesso à informação e conhecimento pleno em sua língua natural, a qual sofreu forte impacto negativo com o congresso de Milão que proibiu o uso da língua de sinais na educação e na comunicação de pessoas surdas.

Quanto ao Brasil, essa língua tem origem pelo contato com a Língua de Sinais Francesa-LSF e com outras Línguas de Sinais primárias, como gestos ou mímicas que eram utilizados pelos surdos e suas mães ouvintes no período que antecedeu à chegada do professor surdo Ernest Huet em 1857, a convite de Dom Pedro II, o qual criou a primeira escola de surdos, anteriormente, conhecida como Imperial Instituto dos Surdos-mudos, em regime de internato, para meninos de idade entre sete e quatorze anos (SOUZA E SEGALA, 2009). Destaco que o instituto mencionado existe até os dias atuais no Rio de Janeiro, atualmente, conhecido como Instituto Nacional de educação de surdos-INES, ainda com o foco na educação de crianças, jovens e adultos surdos e de educadores de surdos.

Com o Instituto Imperial no Rio de Janeiro, surdos migravam de variadas regiões brasileiras para receber educação especializada,( SOUZA E SEGALA, 2009). O intuito de extrema importância para propagação da língua de sinais, ajudou no desenvolvimento e no fortalecimento de encontros entre surdos com uma língua de sinais mais fundamentada.

Infelizmente, a proibição sobre a língua de sinais que ocorreu na França em 1888 chegou ao Brasil, fato que ocasionou o declínio considerável na Educação de Surdos. A língua sobreviveu apesar das proibições. As pessoas surdas continuaram a usar a língua em associações, os “clubes” criados por eles para o uso e preservação da língua de sinais.

A língua sinalizada da comunidade surda possui características espaço-visual e é usada por pessoas surdas e ouvintes na interação sinalizada. A partir de uma pesquisa realizada na língua de sinais, Souza e Segala (2009) sinalizam que a maioria dos surdos nasce com o contato de duas ou mais Língua Brasileira de Sinais, com o conjunto de sinais que os autores identificam como “primários”, que nada mais é do que os sinais caseiros que podem ser gestos ou uma espécie de construção simbólica que é convencionado no seio familiar entre mãe ouvinte e filho surdo. É como um processo de *pidgin* seguido de crioulização. Na construção dessa comunicação emergente muitos dos termos recebem a incorporação de letras do alfabeto manual da língua oral na interação comunicacional, que são incorporados na comunicação dessas crianças surdas. Quando há o ingresso em ambientes educacionais, interagem a partir de seu vocabulário próprio com outras crianças surdas que na comunicação, a língua adquire uma validação entre os usuários e essas palavras passam a ser incorporadas à língua de sinais utilizada pelos sujeitos surdos agora adultos.

(SOUZA E SEGALA, 2009) descrevem que, em maioria, as teorias que influenciam os estudos na língua de sinais são de cunho das vertentes estruturalista e inatista, as quais se preocupam em fazer a análise descritiva da língua como um sistema homogêneo tomando por base os estudos de Chomsky, ( 1966). Em uma perspectiva de descrever a regularização estrutural, comparado as línguas orais focalizando apenas as competências linguísticas dos sujeitos da pesquisa ou de comunidades isoladas, sem contato com outras línguas de sinais, ou seja, subjugando a possibilidade de estudar e muito menos catalogar qualquer tipo de variação linguística entre duas ou mais línguas de sinais.

Ainda sobre os estudos tradicionalmente realizados na língua de sinais, Souza e Segala (2009) citam Supalla (2008), que contextualiza, por se considerarem as línguas “contaminadas” por práticas pedagógicas opressivas que privilegiavam as línguas orais em detrimento da língua de sinais. Essa ideia que foi amplamente

difundida por linguistas e estudiosos da língua de sinais e por conta do que o autor identifica como imperialismo linguístico ofuscava as características do processo histórico natural do contato entre as línguas de sinais que não foram levadas em consideração nos estudos em relação à Língua Brasileira de Sinais. Com o passar do tempo a língua foi se modificando e sem os estudos necessários, riquezas linguísticas são hoje desconhecidas pela ausência de registros e pelo não insuficiente número de pesquisas em relação à variação linguística.

Na Língua Brasileira de Sinais é necessário estar atento às diferentes e enormes quantidades de termos que emergem das interações no encontro entre surdos e de surdos com ouvintes de outros locais do país e até mesmo na mesma região geográfica que dentro da linguística são as variações dialetais. Referente a isso, cito Avelar (2009) para justificar que as variações ocorrem quando a língua de sinais de surdos de diferentes regiões geográficas ou grupos sociais com cultura e identidade linguística distinta. Assim apresenta diferenças sistemáticas na mesma língua, que podemos identificar esse fenômeno como os dialetos na Língua Brasileira de Sinais que se definem como forma mutuamente compreensível dessa mesma língua com diferenças sistemáticas.

Pode-se perceber que conceitualização é fundamental para a compreensão e construção de uma imagem do signo falado ou sinalizado que é fundamentada no conhecimento prévio que produz uma imagem na mente do receptor da mensagem. Assim, quando nos referimos a um objeto concreto, a imagem por ser bem específica ou genérica do objeto, pode ser exemplificada como o vocábulo televisão, poderia pensar em um quadrado com uma tela de vidro e uma antena em cima que são características fundamentais de um aparelho de televisão. Ou poderíamos ser mais genéricos, ou segundo a definição de McCleary e Viotti (2009), utilizar de nossa descrição mental para detalhar características de uma televisão: cor, espessura, marca, tipo e tamanho da antena, dentre outras características.

O contrário pode acontecer. Se não tivermos informações suficientes que nos permitam conceituar o objeto e assim criar uma imagem dele, mesmo que nos deparemos com o objeto não saberemos conceituá-lo. Entretanto, ter um conceito não exige que criemos uma imagem mental do objeto.

Essa característica linguística pode ser percebida na Língua Brasileira de Sinais também, quando ao analisar um objeto o surdo pode sinalizar sendo mais

específico mencionando as características principais que conceituam o objeto ou podem optar por ser mais genérico na utilização de sua repertório mental, detalhando várias outras características do objeto, usando recursos como a mímica, os classificadores e os gestos e atribuir um significado à imagem ou à palavra.

Ainda segundo (MCCLEARY ; VIOTTI 2009, p. 9) fundamentado nos estudos de Saussure “a língua é um princípio de classificação”. Por isso, é um instrumento utilizado que nós seres humanos usamos para fazer sua categorização. Ainda segundo os pesquisadores supracitados, o conceito de categorização é estudado desde a antiguidade pelo filósofo grego Aristóteles. Segundo ele, a noção de categoria é definida como o conjunto de traços necessários e suficientes que determinam que itens ou membros pertençam a uma categoria, para classificar entidades humanas físicas e abstratas que nos rodeiam e para estabelecer relações entre elas. Por isso, a conceitualização é o princípio para entender a categorização que dá origem aos conceitos, que pode ser compreendida como a habilidade de identificar semelhanças e distinções e as agrupar em diferentes grupos.

Segundo os estudos do filósofo Austríaco Ludwig Wittgenstein (1922), reitera-se o conceito de categorização comparando-a com uma família. A criação de categoria justifica a criar conceitos com padrões de similaridades dos signos membros, por isso essa rede de semelhança é comparada a uma família, que à primeira vista pode parecer que não existem semelhanças entre eles, mas com um olhar cuidadoso, percebemos que o nariz ou cabelo são parecidos às características típicas da família, cada uma demonstrada do seu jeito, pois não existem características fechadas. Por isso, a criação da categoria permitiu estabelecer semelhanças e os agrupa como um jogo (MCCLEARY E VIOTTI 2009).

Enquanto egressa do curso de Letras-Libras, percebi nas interações entre os alunos surdos e ouvintes vários sinais em Língua Brasileira de Sinais diferentes de surdos de várias faixas etárias, níveis sociais e diversos níveis de fluência na língua, e quando se amplifica essa percepção sobre variação em relação às diferenças geográficas já se definem especificidades linguísticas em função das experiências sociais, históricas e culturais distintas dos sujeitos.

A pesquisadora Avelar (2009), egressa do curso de Letras-libras do polo Goiânia, ao analisar sua experiência descreve que os termos que são técnicos e científicos específicos da área da linguística tais como: Fonética, fonologia,

semântica, pragmática, sintaxe etc., de forma geral não ocorria na variação linguística, pois, se tratava de termos convencionados pelo grupo de tradução dos textos e que anteriormente não existiam referentes na Língua Brasileira de Sinais para identificar essas palavras. Aconteceu com a “padronização” terminológica. As universidades-polo do referido curso que possuíam turmas na modalidade a distância nos períodos de 2006 a 2009 e de 2008 a 2012, apresentaram o processo de validação de termos em língua de sinais como “oficial” para ser usado em sala de aula do curso e divulgado para as comunidades locais.

Ainda acrescento que a pesquisadora entrevistou os tradutores do referido curso de graduação que são oriundos de distintas capitais brasileiras. Eles são quatro surdos, sendo duas mulheres; uma do Rio de Janeiro e outra do Maranhão; e dois homens, um de São Paulo e outro do Rio grande do Sul. No resultado das entrevistas, nas respostas dos sujeitos, é possível notar duas vertentes que se contrapõem; uma demonstrando ser a favor da padronização dos termos em Língua Brasileira de Sinais e outra que considera a variação linguística importante para a vivacidade da língua de sinais. Isso fica evidente quando a pesquisadora pergunta aos tradutores surdos.

#### ARC SURDA DO MARANHÃO

Tem regras para usar os sinais do INES conforme as determinações da Coordenadoria. Mas se alguns não usam porque, no fundo, têm “intolerância linguística” para com os sinais do INES (...).

#### HG SURDA DO RIO DE JANEIRO

A padronização da Letras-Libras e do Ambiente Virtual de Aprendizagem é seguida pelos sinais de padrão do dicionário do INES, conforme determinação da Coordenadoria de Letras Libras.

É fundamental que tenha respeito do uso de sinais regionais, utilizados pelo tradutor e sua Língua Brasileira de Sinais da cidade. Quanto aos novos sinais de acordo com conhecimento acadêmico, é necessário que sejam padronizados e combinados entre os tradutores numa equipe.

#### RR SURDO DE SÃO PAULO

Padronizar, ou seja, igualar os sinais em todo o Brasil inteiro como se fosse único “dono” de uma única língua? É impossível! Por causa de suas diferenças culturais, sociais e outros; seu respeito, que é bom haja diferenças. É importante padronizar os sinais, é na área de acadêmicas.

#### TB SURDO DO RIO GRANDE DO SUL

Na verdade, somos tradutores, mas sinalizamos um pouco diferente, porque como eu sinalizado como jeito de catarinense,

os outros como carioca, paulista e etc... não temos culpa por variação linguística.

Compreende-se que na entrevista o sujeito ARC foi específica em dizer que a língua “padrão” é a do Rio de Janeiro, segundo a coordenadoria de Educação de Surdos. Infelizmente, essa opinião incisiva de desconsiderar a diversidade linguística de surdos de outros estados, é preconceituosa. Referenciando Bagno (2015), o preconceito linguístico que é firme e forte entristece e irrita, mas ele é real e ainda constante, tanto em língua orais, nas línguas gestuais como na língua de sinais, que uma minoria linguística considera sua variedade como a de prestígio, marginaliza e tenta dominar linguisticamente outros grupos ou regiões que consideram inferior em comparação si.

Contrário a esse ponto de vista, os outros três sujeitos HG, RR e TB dizem que a variação linguística é uma realidade e que é impossível padronizar. Haja vista, que a língua é viva e como tal não consegue ser padronizada por ter influências sociais, regionais, sociais, históricas diferentes no uso da língua.

Apesar de nem todos os tradutores concordarem com a importância da variação linguística, mesmo assim são unânimes em mencionar exemplos como: “teorias, fundamentos, nós, que, quem, matemática, história, responsabilidade, cultura, branca, etc” (AVELAR, 2009, p. 388).

Esses são alguns exemplos de variações regionais que se incorporam aos vocabulários usados na interação e no ensino-aprendizagem. Segundo Avelar (2009), que cita o exemplo de duas palavras distintas que é atribuído o mesmo significado para o termo “cultura” conforme apresentado na Fotografia 3.

**Fotografia 3** - variação linguística da palavra “cultura”,



Fonte: Avelar (2009, p.389).

Como análise linguística complementar no primeiro caso, a pesquisadora sinaliza cultura com a configuração de mãos da letra “C” do alfabeto manual, com o



ponto de articulação braço inteiro e o movimento é realizado com o toque do polegar no braço iniciando no antebraço até a altura do pulso no sentido linear de cima para baixo. E na segunda demonstração na Fotografia 3 , o sinal é realizado com a configuração de mãos do numeral “5”, o ponto de articulação é na têmpora do sinalizador, o movimento é angular iniciando desde a sua frente até a fonte com o movimento de fora do corpo para a direção do corpo”. Trata-se de uma variação linguística de cunho regional que apesar do termo ser o mesmo, a forma de representação em língua de sinais é distinta em decorrência da identidade cultural e linguística da comunidade surda que a convencionou para o termo.

Assim, é satisfatório observar que apesar de uma tentativa de padronizar a língua de sinais, a partir de uma variante utilizada em Santa Catarina ou do Rio de Janeiro, esses impulsos de padronização e elitização de uma variedade linguística em detrimento a outras regiões brasileiras não têm conseguido ter êxito em função da relação e a perspectiva que alguns usuários têm com a Língua Brasileira de Sinais.

## 5. A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

### 5.1. Ultrapassando os limites linguísticos da sala de aula

Com o intuito de demonstrar indicativos que o glossário pode ser utilizado como recurso pedagógico, segundo Leite e McCleary (2006, p. 259), cursos de língua de sinais carecem de “materiais didáticos de ensino, a pouca diversificação de atividades em sala de aula e a falta de estruturação nos exercícios e diálogo.” Por isso, o glossário além de ser um material de registro da variação linguística pode ser usado em turmas para o ensino de Língua Brasileira de Sinais para surdos ou ouvintes em qualquer faixa etária em virtude de a atividade é demonstrada a seguir buscar despertar a imaginação, criar momentos de trocas de conhecimento vocabular e de construção de frases, o que demonstra que se pode ensinar a língua em contexto de uso com comunicação efetiva entre os sujeitos, sem necessitar de diálogos mecânicos elaborados pelo professor que apenas incentiva os alunos a decorar os termos em Língua Brasileira de Sinais sem necessariamente ensinar como organizar as frases.

Na apresentação da atividade de narrativas em Língua Brasileira de Sinais o professor Ozivan Perdigão Santos<sup>6</sup>, forneceu a seguinte coordenada:

“É para escolher uma região apresentada na imagem e a partir disso irão montar uma sentença correspondente que constrói uma representação que está na imagem. Por isso, o nome da brincadeira é viajante vai começar no mapa que transmite a ideia de uma cartografia até chegar a outras imagens que é o ponto mínimo que apresentarei a seguir aos grupos.”( Pesquisa de campo em 23 de março de 2016.)

Segue abaixo o modelo do plano de ação da atividade disponibilizado pelo professor no Quadro 7:

**Quadro 7** - Modelo do Plano de aula

VIAJANTE
<p>Objetivo: Utilizar os vocabulários do inventário de Língua Brasileira de Sinais criando conversações entre os participantes da atividade. Para elaborar narrativas que possam contextualizar o vocabulário das imagens disponibilizadas na sala de aula.</p> <p>Na sala de aula serão criadas várias cenas em ambientes como:</p> <p>Agência de turismo para escolher destino de viagens a partir das regiões</p>

<sup>6</sup> Professor assistente I do Curso de Licenciatura Plena em Letras Língua Brasileira de Sinais- Libras.

brasileiras com a escolha de três meses diferentes para viajar sendo que um deles é: Comemoração de aniversário de um dos participantes da atividade,

Passeio turístico na cidade com a família,

Passeio no *shopping* para comprar roupas de cores diversas,

Indo ao restaurante escolhendo comidas e bebidas no cardápio,

No supermercado escolhendo frutas e verduras.

OBS: os participantes têm liberdade para criar outras cenas.

Metodologia:

Primeiro Momento: Os alunos devem ser agrupar em trios;

Segundo momento: As ações que ajudam a criar a conversa estão distribuídas na sala e um dos participantes escolherá uma imagem disponibilizada pelo professor;

Terceiro momento: A partir da imagem, cada um dos alunos se transforma em um personagem de uma cena criada por eles que estimule a utilização do vocabulário da imagem do glossário de Língua Brasileira de Sinais;

Quarto momento: Os três se organizam para que todos citem o sinal correspondente à imagem. Mas, em momento algum um participante pode repetir o referente por ele usado para o vocábulo se o colega esquecer. O participante tem liberdade de usar o termo por ele conhecido para qualificar a imagem;

Quinto momento: Os participantes elaboraram um diálogo longo que consiga compor uma história compartilhada pelos três que se expresse em língua de sinais de forma coerente e concisa;

**Fonte:** Plano de Aula. Profº. Ozivan Perdigão em março de 2016.

Assim, a aplicação de atividades tem por objetivo demonstrar como os dados podem ser usados na área da educação e solidificar a presença dessas variações em sala de aula. É comum nos cursos de Língua Brasileira de Sinais, o professor ter preconceito com a variação linguística que é considerada “erro” qualquer termo comum ao cotidiano do discente que ele traz para a sala de aula por não estar de acordo com a variedade convencionalizada pelo professor e seu grupo de contato na comunidade surda. Por isso, é necessário fazer com que os discentes percebam que essas variações existem, são utilizadas e os incentivar a perceber a relevância desse fenômeno linguístico no cotidiano de seu aprendizado e uso dessa língua.

É importante destacar que somente em tempos atuais a Língua Brasileira de Sinais de sinais tem sido pesquisada em uma perspectiva da variação linguística, que se averigua a língua e suas variedades inerentes a aspectos culturais, sociais e identitários do povo surdo. Com a colaboração dos estudos Labovianos, aplicados à língua oral, é possível, atualmente, realizar pesquisas nessa língua para conhecer processos históricos que influenciam nas mudanças linguísticas, além de que os próprios discentes estudantes do curso de Letras-Libras consideram importante e interessante a variação linguística nessa língua ainda comparando com as línguas orais, como mencionado por João,<sup>7</sup> um dos discentes que se manifestou ao dizer:

A variação da língua formal ela é uma norma culta mais isso é variação regional e em cada país que se fala uma língua. Da mesma forma a língua de sinais deveria ter uma norma culta e uma variação. Também a língua não é estática, ela é dinâmica, vai se transformando ao longo do tempo, novas formas, novos sinais e novas palavras e o glossário faria isso, por isso, o glossário seria interessante e importante. (Pesquisa de campo em 23 de março de 2016).

É relevante conhecer e reconhecer o contexto histórico que a língua de sinais passou ao longo dos anos, como se desenvolveu para compreender suas modificações, como observado por João, a língua precisa variar pela sua dinamicidade no decorrer do tempo. É importante ressaltar que na maioria dos casos a língua desenvolveu-se em instituições escolares (internatos), ambiente nos quais surdos de variadas regiões brasileiras estudavam, como escolas especializadas para surdos e assim traziam suas variedades linguísticas que eram validadas pelos surdos e incorporadas à sua comunicação.

Sobre a variação linguística na língua de sinais, assim como nas línguas orais, este fenômeno é fortemente influenciado pelas especificidades sociais de grupos linguísticos e culturais distintos. Em algumas situações a variação ainda é marginalizada e desprivilegiada em detrimento de outra, como mencionado pela discente Josy, ao dizer que:

---

<sup>7</sup> Os nomes dos dezesseis sujeitos foram mudados.

Eu consigo perceber (a variação linguística), porque a língua é dinâmica, assim utilizo sinais próprios de Abaetetuba e um colega que não está aqui hoje e se ele estivesse iria falar de qualquer forma. Uma vez ele disse: “ não, esse sinal é do interior o sinal daqui é o mais importante. Como se os sinais de Belém fossem mais importantes que o de Abaetetuba, a maneira que ele falou não gostei muito, mas eu entendo. Eu acho assim, na minha opinião que precisa ter essa padronização no livro didático, nas pesquisas precisam ter, mas não que o sinal das pessoas que nascem no interior é subjugado aos da capital. (Pesquisa de campo em 23 de março de 2016).

Percebe-se que apesar da relevância da variação linguística, ainda assim, os usuários da língua têm dificuldades de valorizar e interagir com variedades, em especial aquelas que são de áreas periféricas ou distantes dos centros urbanos. E isso, causa constrangimentos e indiferenças entre os falantes de uma língua.

Entretanto, é importante mencionar que apesar de não concordar com o preconceito linguístico que Josy diz ser vítima, ela expressa considerar importante a padronização no livro didático para os processos de ensino e aprendizagem da língua, visto que é provável que ela compreenda a necessidade de padronização do livro didático na perspectiva que isso tornaria “fácil” à compreensão, sem a multiplicidade de termos para um vocábulo em língua de sinais. É preciso atentar que padronizar pode significar selecionar uma variante em detrimento de outras que são usadas e compartilhadas por certos grupos de usuários da língua de sinais, e que padronizar o livro didático poderia ocasionar a opressão da língua de sinais dos sujeitos de áreas periféricas com menor grau de instrução e que moram em cidades distantes dos centros urbanos.

Ainda na pesquisa de campo, quando questionados sobre a elaboração das narrativas, Josy comentou que em seu grupo aconteceu uma distinção para a seleção do referente para o termo em Língua Brasileira de Sinais “Belo Horizonte”, ao dizer,

Em nosso grupo tivemos sinais diferentes para o termo Belo Horizonte, eu sinalizei: BH; os meninos surdos sinalizaram MINAS BH e compreendi a diferença. É importante a padronização, é melhor. Se houver a padronização facilitará a fluidez da comunicação para o melhor entendimento. (Pesquisa de campo em 23 de março de 2016).

Para melhor compreensão da aplicação da atividade e da presença de algumas variações linguística na produção das narrativas (ver os quadros 8, 9, 10,11,12).

Com a interação e a variação da língua portuguesa que Brochado (2006) cita Selinker (1972), em uma versão linguística denominada interlíngua, termo

empregado para se referir ao sistema linguístico usado por falantes não nativos de uma determinada língua. Assim, no processo de transcrição é preservada a estrutura da fala sinalizada do surdo dentro da ordem gramatical da língua de sinais com as palavras da língua portuguesa, mesmo que as frases pareçam simplificadas ou desconexas, servem para que a transcrição da comunicação apareça na forma mais literal possível como é na língua de sinais. O lado esquerdo nos quadros dessa sessão é a transcrição da tradução das falas em língua portuguesa para o maior acesso dos leitores do texto.

Ressalto que a dinâmica de narração em Língua Brasileira de Sinais foi intitulada: “viajante que incentiva a criação de diálogos e a interação dos sujeitos.”. Em acordo com o estudo de Leite e McCleary (2006), a pesquisa investiga o processo de ensino nos cursos de Língua Brasileira de Sinais que seguem um padrão de ensino exaustivo de vocabulários descontextualizados com uma lista infindável de palavras associadas à língua portuguesa, que resulta em os alunos usarem artificialmente a língua de sinais na estrutura do Português que compromete a compreensão e a clareza na língua por suas características espaciais. Em virtude de a atividade buscar explorar a imaginação dos participantes para viajarem em suas ideias para elaborar um diálogo entre os três participantes, a atividade busca contextualizar os vocabulários do glossário.

A atividade inicia-se com a seleção de três imagens diferentes, mas que se relacionam para que possam contextualizar o vocabulário disponibilizado na sala de aula do inventário de língua de sinais. Na elaboração da seleção do referente em língua de sinais para a imagem selecionada, o professor, colegas de sala ou do grupo não podem fazer nenhuma interferência sobre a escolha linguística determinada pelo participante da atividade. Com isso, cada participante tem liberdade para escolher o referente conhecido por ele sem interrupção, propiciando a ocorrência espontânea de variações linguísticas nas apresentações das cenas. Posterior à escolha, os participantes retornaram a seus assentos e tiveram 25 minutos para organizarem suas cenas. Destaca-se que segundo as orientações de Leite e McCleary (2006), os discentes contaram com a participação ativa do professor para estruturação, na condução da atividade e auxiliando com dicas de estrutura de coesão e coerência gramatical e o aspecto do uso adequado da língua de sinais.

Segue no quadro 8, a transcrição de uma das cenas dos discentes Josy, Marcos e José:

**Quadro 8-** Narrativa “Agência de viagem”.

<b>Texto em libras</b>	<b>Texto em língua portuguesa</b>
<p>Viajando: Agência de viagem</p> <p>Josy: oi! Saudade</p> <p>José: oi! Tudo bem? Também saudade. Você vai fazer o que?</p> <p>Josy: eu passear. E você onde?</p> <p>José: quero viajar BH (Belo Horizonte)</p> <p>Josy: Legal! Eu não conheço BH. Quero conhece!</p> <p>José: Vamos sentar ônibus ir.</p> <p>Josy: Quer comer queijo passear, “tomar leite”. Legal! Vamos lá turismo.</p> <p>José: Avião...</p> <p>Marcos: O que vocês quer?</p> <p>Ribamar: vamos passear Minas BH conhecer cidade.</p> <p>Marcos: Legal! Primeira vez? Nunca foi BH?</p> <p>Cidade.</p> <p>Josy: Quanto paga passagem avião?</p> <p>Marcos: vocês dois viagem? Espero ver computador. Espera pouco paciência. Dois?</p> <p>Josy: Sim nós dois.</p> <p>Marcos: dois. R\$ 1.400, 00. Por que dois.</p> <p>José: Caro! Você aceita paga?</p> <p>Marcos: por que cobra você ir, entendeu?</p> <p>Josy: tem cartão?</p> <p>José: sim! Aceita?</p>	<p>Viajando pesquisa em agência de viagem</p> <p>Josy: oi! Que saudade sua.</p> <p>José: oi! Tudo bem? Também estou com saudade. Você vai fazer o que?</p> <p>Josy: Irei passear. E você vai onde?</p> <p>Josy: Quero viajar para Minas BH (Belo Horizonte)</p> <p>Josy: Que legal! Eu não conheço a BH. Quero conhecer!</p> <p>José: Vamos de ônibus é uma viagem tranquila.</p> <p>Josy: Quero comer queijo e passear, “tomar leite”. Seria legal! Vamos lá passear.</p> <p>José: de avião?</p> <p>Chegam à agência de turismo:</p> <p>Marcos: O que vocês gostariam?</p> <p>José: Vamos passear Belo Horizonte. Queremos conhecer a cidade.</p> <p>Marcos: Que legal! E a Primeira vez de vocês na cidade. Nunca estiveram em Belo Horizonte.</p> <p>Josy: Qual valor pagaremos pela passagem avião?</p> <p>Marcos: É para vocês dois a viagem? Esperem irei ver no sistema do computador. Esperem um pouco apenas mais um pouco de paciência. É passagem para os dois?</p> <p>Josy: Sim nós dois.</p> <p>Marcos: Para os dois. É um total de R\$ 1.400, 00. Por que é para vocês dois.</p> <p>José: Muito caro! Você gostou? Aceita pagarmos esse valor para a viagem?</p> <p>Marcos: Por que eles cobram vários valores para</p>

<p>Marcos: sim pode sem problema. Ok! Passou.</p> <p>Eu explicar regra: explica seguro lá homem amigo turismo encontra Minas BH ele vai conhecer explica tudo BH. Cidade tudo espaço cultura vocês vai conhecer e "gostar muito". Boas viagem!</p> <p>José/ Josy: obrigad@</p>	<p>a viagem de vocês, entenderam?</p> <p>Josy: Você tem cartão?</p> <p>José: sim! Aceitam cartão?</p> <p>Marcos: Sim aceitamos sem problema. Ok! Passou a compra.</p> <p>Explicarei as regras de viagem: Temos uma sugestão mais segura para a viagem. Em Belo Horizonte tem um rapaz meu amigo que tem uma agência de turismo ele vai os levar para conhecer e explica tudo sobre Belo Horizonte os espaços culturais, creio que vocês conheceram e iram gostar bastante da cidade. Boa viagem!</p> <p>José/ Josy: obrigada!</p>
--	---

**Fonte:** Elaboração pessoal em 23/03/2016.

Assim como mencionado anteriormente, os participantes da primeira atividade perceberam distinção da elaboração do termo Belo Horizonte que Josy que é ouvinte sinalizou com a soletração rítmica das letras do alfabeto: B-H e os participantes Marcos e José que são surdos sinalizaram com a composição da palavra Minas < com a mão na configuração 14 (Figura 1), em movimento trás para frente no pescoço>. Acrescidos da soletração rítmica das letras B-H. É possível averiguar que a distinção pode estar relacionada ao fato de as referências sociais e linguísticas dos sujeitos, que além de surdos, ambos são atletas e em períodos de competição em outros estados têm acesso a uma vasta variedade de termos em língua de sinais. É importante destacar que apesar da diferença não é possível notar imposição linguística entre surdos e ouvintes e que cada um usou sua própria variedade para sinalizar em língua de sinais.

Ainda há outra situação que é relevante se destacar na cena do quadro 08 intitulada: comprando frutas, segue Quadro 9 a narrativa.



**Quadro 9** - Narrativa “Comprando frutas”.

Narrativa em libras	Narrativa em Língua Portuguesa
<p>Comprando frutas na feira e feirante sabe libras.</p> <p>Mário: Vem fruta, vem fruta.</p> <p>Lúcia: quanto?</p> <p>Maria: desculpa, sou surda.</p> <p>Mário: tudo bem libras.</p> <p>Lúcia: Quero banana, maçã, morango vermelho.</p> <p>Mário: Ter tudo feira, tudo você quer.</p> <p>Maria: Barato caro?</p> <p>Lúcia: quanto?</p> <p>Mário: Calma, aqui melhor mostrar. Banana ter perfeita delicia comer liquidificar amassar garfo. Delicia saúde bom. Também morango chocolate suco bater liquidificador também saúde bom. Outra maçã perfeita delicia junto arroz frango, vocês quer o que?</p> <p>Lúcia: também faz suco?</p> <p>Mário: Sim também</p> <p>Lúcia: bom saúde certo?</p> <p>Mário: sim perfeito você vai adorar. Vocês quer o que?</p> <p>Maria: fruta varias maçã, morango, banana.</p> <p>Lúcia: tudo junto.</p> <p>Mário: barato R\$ 2,00; banana R\$ 3, 00; maçã R\$ 1,00; morango R\$ 0, 50 barato.</p> <p>Maria: você aceita?</p> <p>Lúcia: sim juntar coleta melhor.</p> <p>Maria: sim, gastar muito não.</p> <p>Mário: oi! (cumprimenta pessoas ao</p>	<p>Comprando frutas na feira e feirante sabe libras.</p> <p>Mário: Venham, venham aqui temos frutas, venham ver nossas frutas.</p> <p>Maria: Quanto custa?</p> <p>Lúcia: desculpe, sou surda.</p> <p>Mário: Tudo bem! Sei libras.</p> <p>Lúcia: Quero banana, maçã, morango vermelho.</p> <p>Mário: Tenho todas elas aqui na feira tem tudo você quiser.</p> <p>Maria: Mais é barato ou caro?</p> <p>Lúcia: Quanto custa?</p> <p>Mário: Calma, aqui é o melhor vou mostrar. A banana é perfeita uma delicia para comer você pode bater no liquidificador ou amassar no garfo é uma delicia e faz bem para a saúde. Também tenho morango que pode comer com chocolate ou bater no liquidificador e fazer suco também faz muito bem a saúde. Ainda outra fruta a maçã está perfeita uma delicia pode fazer com arroz ou frango, vocês vão querer qual delas?</p> <p>Lúcia: A frutas estão boas pra fazer suco?</p> <p>Mário: Sim pode.</p> <p>Lúcia: É bom para a saúde, certo?</p> <p>Mário: sim! perfeito você vai adorar. Vocês levar quais?</p> <p>Maria: iremos levar varias frutas maçã, morango, banana.</p> <p>Lúcia: Todas elas.</p> <p>Mário: É barato a banana custa R\$ 2,00 a maçã R\$ 3, 00 e R\$ 1,00 o morango R\$ 0, 50 bem barato.</p>

<p>redor).</p> <p>Lúcia: ei... Atenção aqui dinheiro.</p> <p>Mário: desculpa, ok! Qualquer.</p> <p>Aqui seu dois vocês.</p> <p>Lúcia/ Maria: obrigad@.</p> <p>Mário: ok! Bom dia!</p> <p>Lúcia: também obrigada você sabe libras</p> <p>Mário: obrigada.</p> <p>Maria: obrigada de nada. Comunicar libras bom importante.</p> <p>Lúcia: pessoa surda comunicar não fácil libras precisa.</p> <p>Mário: obrigada, vai vai...</p> <p>Xau!</p>	<p>Maria: você aceita?</p> <p>Lúcia: sim! Mais podemos dividir o custo.</p> <p>Maria: sim, para não gastar muito.</p> <p>Mário: oi! (o feirante cumprimenta pessoas ao redor).</p> <p>Lúcia: ei... Preste atenção aqui, olhe o dinheiro.</p> <p>Mário: Desculpa-me, tudo certo!</p> <p>Aqui seus pedidos.</p> <p>Lúcia/Maria: obrigada.</p> <p>Mário: ok! Bom dia!</p> <p>Lúcia: também obrigada por você saber libras.</p> <p>Mário: obrigada.</p> <p>Maria: obrigada de nada. É bom ter alguém para de comunicar libras isso é importante.</p> <p>Lúcia: É complicado para a pessoa surda se comunicar não fácil é necessario que as pessoas saibam libras para viabilizar a comunicação.</p> <p>Mário: obrigada! Vai, vai...</p> <p>Tchau!</p>
---	---

**Fonte:** Elaboração pessoal em: 23/03/2016.

Na cena do quadro 9, a segunda narrativa, sobre as compras de frutas na feira, é possível notar a diferença entre os termos sinalizados sobre o referente “Morango”, que assim como na cena anterior os ouvintes realizam o termo de uma forma com apenas um léxico para morango e a Lúcia que é surda realizou o mesmo termo sinalizado pelos ouvintes para morango com a composição do termo vermelho fazendo referência à cor da fruta. Entretanto, assim como no caso anterior, mesmo os ouvintes Mário e Maria utilizando apenas um termo para se referir ao vocábulo da imagem, a Lúcia, embora usasse o mesmo referente com acréscimo do termo

vermelho sem problemas ou interferências, recrimina o termo por considerar errado um ou outro.

Como mencionado por Souza e Segala (2009), os quais analisam que as mudanças linguísticas são sugeridas pelos traços e variação da fala, nesse caso, sinalizada, é difundida pelos falantes da língua. Com o estreitamento na relação entre os grupos, pode ocorrer que a variedades. Com isso, não é possível determinar a variante de prestígio ou a desprestigiada, ambas se igualaram e são usadas naturalmente pelos sujeitos.

A terceira narrativa tem uma especificidade e uma exceção importante, a de que os participantes são apenas surdos. É digno notar que não houve interferência na formação dos grupos, apesar da preferência por grupos mistos de surdos e ouvintes, nem na escolha de imagem nem na escolha dos termos em língua de sinais, justamente para conceder maior naturalidade à cena e fazer com que os participantes se expressem com maior naturalidade. E isso se justifica como mencionado anteriormente em função da necessidade de mostrar que a atividade tem aplicabilidade tanto para surdos como para ouvintes nas atividades de cursos de libras em qualquer nível de ensino, nos mais variados níveis de aprendizado e em qualquer faixa etária para sua livre expressão e comunicação com a utilização da língua em conversações flexíveis, sem fabricação de falas prévias, pois todo o enredo e apresentação são feitos pelos participantes.

Na narrativa sinalizada do Quadro 10, na cena almoço com os amigos: Aline, Maria e Carlos apresentam uma proposta de um encontro na rua com posterior convite de almoço na casa de Luiz.

**Quadro 10** - Narrativa “Almoço com os amigos”.

Narrativa em LIBRAS	Narrativa em língua portuguesa
Almoço com os amigos	Almoço com os amigos
Alice: Passear, oi, sumir.	Alice: Vamos Passear, oi, você sumiu.
Ana: Passear, oi! Mulher você sumiu.	Ana: Para irmos passear, oi! Mulher você sumiu.
Alice/Ana: oi, sumir você.	Alice/Ana: oi, eu sumi não você que sumiu.
Luiz: eu malhar acaba (mostra músculo).	Luiz: Eu acabei de malhar. (ele mostra os músculos).
Ana: engraçado, eu passear encontrei ela (Alice).	Ana: Engraçado, estava passeando e
Luiz: Eu cheguei agora aparece fome.	

<p>Vocês vem minha casa.</p> <p>Alice/Ana: Aceita</p> <p>Alice/Ana/Luiz: vamos!</p> <p>Alice: Quero saber você sabe comida bife frito comida</p> <p>Luiz: Só sabe único carne frito</p> <p>Alice: sei arroz feijão</p> <p>Luiz: Ótimo sei único carne frito um só</p> <p>Ana: Sei arroz fácil.</p> <p>Luiz:ótimo! Não sei arroz. Família ensina nada só carne.</p> <p>Alice: ter casa seu gelado porta puxar (geladeira)</p> <p>Luiz: eu não lembra</p> <p>Alice: vê procura!</p> <p>Luiz: Calma</p> <p>Alice: ok!</p> <p>Luiz: encontra carne cara aqui fazer pedra fogo espera ok!</p> <p>Alice: Nós fazer arroz feijão, ok!</p> <p>Luiz: Demora não</p> <p>Alice: Demora não!</p> <p>Ana: Arroz</p> <p>Alice: As vezes feijão demora, desculpa!</p> <p>Luiz: Para!</p> <p>Ana: arroz rápido</p> <p>Alice: serio!</p> <p>Alice/Ana: Vamos fazer</p> <p>Alice/Ana/Luiz: vamos!</p> <p>Alice/Ana/Luiz: prepara fazer...</p> <p>Ana: pronto, delicia!</p>	<p>encontrei a Aline.</p> <p>Luiz: Eu cheguei agora e estou com fome. Vocês querem vim a minha casa.</p> <p>Alice/Ana: sim aceitamos</p> <p>Alice/Ana/Luiz: vamos!</p> <p>Alice: Quero saber você sabe cozinhar. Sabe fazer comida bife sabe fritar a comida?</p> <p>Luiz: Sei apenas fazer bife e fritar.</p> <p>Alice: Sei fazer arroz e feijão</p> <p>Luiz: Ótimo! A única coisa que sei fazer é fritar bife.</p> <p>Ana: Sei fazer arroz é fácil.</p> <p>Luiz: ótimo! Não sei fazer arroz. Minha Família não me ensinou nada apenas a fritar carne.</p> <p>Alice: Tem carne em sua geladeira?</p> <p>Luiz: Eu não lembro.</p> <p>Alice: Veja procure na geladeira!</p> <p>Luiz: Calma</p> <p>Alice: ok!</p> <p>Luiz: Encontra a carne foi cara está aqui vou fazer mais esta dura igual pedra vou colocar no fogo, esperem ok!</p> <p>Alice: Nós, iremos fazer arroz e feijão, ok!</p> <p>Luiz: Não demorem não.</p> <p>Alice: Não iremos demorar não!</p> <p>Ana: Arroz é rápido</p> <p>Alice: As vezes o feijão demora um pouco, desculpa!</p> <p>Luiz: Para!</p> <p>Ana: O arroz é rápido</p> <p>Alice: Estou falando sério!</p> <p>Alice/Ana: Vamos fazer logo a comida.</p>
--	--

<p>Alice: pronto, delicia comer! Espera.</p> <p>Luiz: carne já pronto carne rápido.</p> <p>Ana: Espera ele.</p> <p>Alice: já?</p> <p>Luiz: já! Vocês?</p> <p>Alice/Ana: já acaba</p> <p>Luiz: comer vários</p> <p>Alice/Ana/Luiz: comer</p> <p>Alice: eu pegar prato</p> <p>Luiz: ? Prato? Eu pensa P-I-Z-Z-A.</p> <p>Alice/Ana: riso kkkk</p> <p>Luiz: pizza combina almoço 12 h certo?</p> <p>Alice: não prato</p> <p>Ana: redondo pequeno&lt; cl&gt;</p> <p>Luiz: prato é p-r-a-t-o é? Ok entendi.</p> <p>Alice: bom cheiro bom delicia</p> <p>Luiz: sentar? Não ter</p> <p>Alice: de pé, espere... cortar carne. Desculpe duro. Mostrar puxa na boca duro.</p> <p>Luiz: ele puxa pedaço duro. Desculpa</p> <p>Alice: você profissional não sabe.</p> <p>Luiz: Culpa meu pai me ensina.</p> <p>Alice: Não tem problema eu aceito (cruz na boca). Ok!</p> <p>Alice/Ana/Luiz: Acabou palmas.</p>	<p>Alice/Ana/Luiz:: vamos!</p> <p>Alice/Ana/Luiz: Vamos preparar a comida.</p> <p>Ana: Pronto, deve estar uma delicia!</p> <p>Alice: Pronto, tudo uma delicia para comer! Vamos esperar ele.</p> <p>Luiz: A carne já pronto foi rápido.</p> <p>Luiz: Espera ele.</p> <p>Alice: já acabou?</p> <p>Luiz: já! E vocês?</p> <p>Alice/Ana: já acabamos.</p> <p>Luiz: Vamos comer.</p> <p>Alice/Ana/Luiz: Isso vamos comer.</p> <p>Alice: Vou pegar os pratos.</p> <p>Luiz: como? Prato? Pensei que estava falando P-I-Z-Z-A.</p> <p>Alice/Ana: risos... kkkk</p> <p>Luiz: Não tem como comer pizza na hora do almoço as 12 h, não é ?</p> <p>Alice: Não, me referia a pratos</p> <p>Ana: Utensílio de casa redondo pequeno.</p> <p>Luiz: É os pratos, você disse p-r-a-t-o. Ok! Agora entendi.</p> <p>Alice: A comida está cheirando muito bem deve estar uma delicia.</p> <p>Luiz: Vamos sentar? Não tem cadeira para mim.</p> <p>Alice: Fique de pé, espere assim mesmo. Vamos cortar a carne. Desculpe, a carne está muito dura. (ela demonstra e ele puxa a carne dura na boca duro dela.</p> <p>Luiz: Desculpa, está duro mesmo.</p> <p>Alice: Você não sabe cozinhar.</p> <p>Luiz: Culpa meu pai que ,e ensinou errado.</p>
---	--

	<p>Alice: Não tem problema eu aceito essa realidade da comida não estar boa.</p> <p>Alice/Ana/Luiz: Acabamos, palmas!</p>
--	---

**Fonte:** Elaboração pessoal em 23 de março de 2016.

Nessa apresentação do Quadro 10, notam-se similaridades nos termos, em vista do envolvimento dos três no diálogo, os termos sinalizados, inclusive, são comuns aos três. Isso pode ser em função do vocábulo carne selecionado por eles ser comum a todos, e outra hipótese é que todos os três terem uma relação de proximidade pode ter influenciado como realizassem os mesmos termos em língua de sinais.

Souza e Segala (2009) acrescentam que, tomando por base os estudos de Labov, levantam relevância da identidade cultural que valoriza a variante estigmatizada que pode reafirmar a cultura e demarcar socialmente o espaço de grupos historicamente desvalorizados, visto que partem do pressuposto que a afirmação cultural é primordial para a valorização e a aceitação da variedade como uma forma de marcar identidades que definem um grupo, suas características, atitudes e relação com outros grupos sociais.

Assim, as similaridades culturais, sociais de identidade e de faixa etária facilitam o envolvimento e suas marcas linguísticas na construção e na naturalidade que o trio demonstrou na apresentação da cena.

O quarto grupo é formado pelos surdos: Lucas, Júnior e a Vânia que é uma convidada para o evento Acadêmico. É um grupo misto, apesar disso é notório que eles interagem bem e que conseguem se comunicar com naturalidade a partir de uma variante comum a eles, provavelmente pelo contato de amizade que torna sua forma de comunicação clara, concisa e coerente.

Segue no Quadro 11 abaixo a cena: convite para evento acadêmico.

**Quadro 11** – Narrativa “Convite para evento Acadêmico”.

Narrativa em libras	Narrativa em Língua portuguesa
<p>Convite para evento Acadêmico</p> <p>Júnior: oi tudo bom?</p> <p>Lucas: oi tudo bom!</p> <p>Vânia: tudo bem!</p> <p>Júnior: você é surdo?</p> <p>Lucas: sim sou surdo.</p> <p>Vânia: bem! Surdo não ouvinte.</p> <p>Júnior: bom! Quer convite vocês congresso internacional em Roraima norte. Escola surdo ensina importante convite vocês, vamos?</p> <p>Lucas: O que?</p> <p>Vânia: congresso internacional Roraima norte.</p> <p>Lucas: letras libras congresso objetivo, como? Eu quero importante. Quer!</p> <p>Vânia: precisa ter dinheiro. Tem?</p> <p>Lucas: Aceito, Quer viajar!</p> <p>Vânia: precisa ter vou procurar você. Bom!</p> <p>O que vai explicar falar lá?</p> <p>Júnior: ter surdo como falar comunicar ter escola universidade escola particular pública importante precisa ensina surdo aprende.</p> <p>Vânia: Legal bom</p> <p>Lucas: importante educação surdo professor aluno o que?</p> <p>Júnior: professor tradutor interprete libras é.</p> <p>Vânia/ Lucas: legal.</p> <p>Lucas: tudo isso! Bom participar</p>	<p>Júnior: oi tudo bom?</p> <p>Lucas: oi tudo bom!</p> <p>Vânia: tudo bem!</p> <p>Júnior: você é surdo?</p> <p>Surdo: sim sou surdo.</p> <p>Vânia: Bem! Não sou surda sou ouvinte.</p> <p>Júnior: Bom! Quero fazer um convite a vocês vai acontecer um congresso internacional em Roraima aqui no norte mesmo. Tratará da escola para surdos e outros ensinamentos importantes, por isso, o convite a vocês, vamos?</p> <p>Lucas: Como assim?</p> <p>Vânia: Ele está falando de um congresso internacional Roraima aqui no norte.</p> <p>Lucas: É um congresso que se objetiva a formação de alunos do letras libras? Quero participar é importante. Quero!</p> <p>Vânia: Você precisa ter dinheiro. Você Tem?</p> <p>Lucas: Sim, Aceito e quero viajar!</p> <p>Vânia: Precisa ter dinheiro vou procurar você lá, tudo bem! O que mais será discutido no congresso.</p> <p>Júnior: Apresentará técnicas e como se comunicar com pessoas surdas em ambientes escolares em escola ou na universidade em ambientes particulares e públicos é importante nos como estudantes precisamos participar para aprender</p> <p>Vânia: Que legal isso é bom.</p> <p>Lucas: É importante para a educação de surdos e para professores e aluno.</p> <p>Júnior: Também para os professores e tradutores interpretes de libras.</p> <p>Vânia/ Lucas: Que legal.</p>

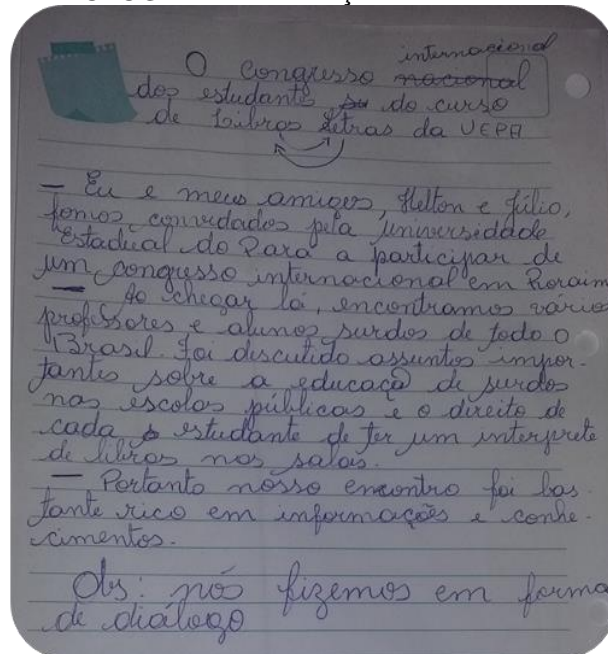
Vânia: dia?	Lucas: São varias informações! Que bom, quero participar.
Júnior: dia primeiro de abril.	Vânia: Qual o dia?
Vânia: Agora?	Júnior: É no dia primeiro de abril.
Lucas: Pouco agora?	Vânia: Agora?
Júnior: Lá Roraima norte	Lucas: Está próximo é agora?
Lucas: ônibus ou avião?	Júnior: Lá Roraima aqui no norte
Júnior: Avião.	Lucas: vamos de ônibus ou avião?
Lucas: quer passagem?	Júnior: De avião.
Júnior/Vânia: sim passagem.	Lucas: Querem comprar as passagens?
Vânia: legal	Júnior/Vânia: Sim queremos passagens.
Júnior: vamos?	Vânia: legal
Lucas: vamos aceito.	Júnior: vamos?
Júnior/Vânia/Lucas: vamos!	Lucas: vamos aceito o convite.
	Júnior/Vânia/Lucas: Vamos!

**Fonte:** Pesquisa de campo em: 23 de março de 2016.

Dentre os grupos, esse foi o único que, além do diálogo, usou um roteiro escrito para nortear a cena que foi apresentada. A participante Vânia junto com Júnior e Lucas escreveram um texto como se fosse um monólogo depois perguntaram novamente ao professor esclareceram o equivoco e com o mesmo esboço reorganizaram em forma de diálogo. Por isso, considere relevante manter o registro do texto com o fragmento disponibilizado por eles no dia da socialização da atividade de um esboço para encaminhar a conversação na Fotografia 4.



**FOTOGRAFIA 4:** Esboço da cena “convite acadêmico”



Fonte: Pesquisa de campo em: 23 de março de 2016.

A prática de escrever em um papel como apresentado na Figura 07, que o grupo convite acadêmico no quadro 12, os participantes da atividade com o intuito de roteirizar no geral as práticas de diálogos que são apresentados em sala de aula, é comum nos cursos de Língua Brasileira de Sinais. E escrever é uma alternativa de relacionar os termos da Língua Portuguesa para a Língua Brasileira de Sinais e de traduzi-los e dividir os diálogos para facilitar o treinamento para que cada personagem possa visualizar suas falas antes da apresentação.

Na Língua Brasileira de Sinais, segundo Avelar (2009), continua a prevalecer a variação linguística que corresponde à variedade de surdos de estados, municípios e lugarejos mais recônditos do grandioso território brasileiro, visto que consegue desvelar as mais variadas heterogeneidades de culturas, comportamentos e experiências sociais. É esta multiplicidade comportamental que nos encanta e maravilha conhecer, e que o paradigma linguístico historicamente criado sobre uma língua padrão prestigiada e uma língua desvalorizada e estigmatizadas possa um dia desaparecer do cenário social e que consigamos interagir, saber respeitar e valorizar as variações de cada grupo linguístico.

A quinta e última cena transcrita no Quadro 12, é de duas surdas, ambas não oralizadas; Edna e Mônica e Diana que é ouvinte; conta também com a ouvinte Lia e

a participação de Ana, representando uma garçonete. A cena é um almoço entre amigas usuárias da língua de sinais, segue abaixo:

**Quadro 12** - Narrativa “Almoço com as amigas”

Texto em libras	Texto em língua portuguesa
No restaurante com as amigas	No restaurante com as amigas
Lia Garçonete: boa tarde! Tudo bom com vocês? (falante)	Lia Garçonete: olá! Boa tarde! Tudo bom com vocês? (falante)
Diana: oi! Entende?	Diana: oi! Não Entendi?
Lia: pouco entende!	Lia: Entendo pouco libras!
Diana: livro + comida (cardápio)	Diana: O cardápio, por favor!
Lia: de novo aqui.	Lia: Está aqui.
Diana: Carne misturada (picadinho com maçarão) quer! Delicia, quanto?	Diana: Quero picadinho com maçarão. É uma Delicia, quanto custa?
Lia: R\$ 30,0.	Lia: Custa R\$ 30,0.
Diana: caro! Espera (olhando dentro da bolsa) ok!	Diana: Muito caro! Espera pode trazer, ok!
Lia: você quer o que?	Lia: E você moça o que deseja?
Mônica: eu quer frango. Quanto?	Mônica: Quero frango. Quanto custa?
Lia: R\$ 25,0. Aceita!	Lia: Custa R\$ 25,0. Você gostaria?
Lia: Você quer?	Edna: Quero picadinho misturado. Quanto custa?
Edna: eu quer picadinho misturado. Quanto?	Lia: Custa R\$ 20, 0.
Lia: R\$ 20, 0.	Edna: Que bom é barato vou querer!
Edna: Barato bom quer.	Lia: E para beber?
Lia: beber?	Diana: refrigerante.
Diana: refrigerante.	Edna: coca- cola ou laranja.
Edna: coca, laranja ou...	Diana: Laranja. Quanto custa? Podemos Coletar?
Diana: Laranja. Quanto? Coleta pode?	Diana: sim
Diana: sim	Mônica: sim

Mônica: sim	Ouvinte/ Edna/Diana: Queremos!
Diana/ Edna/ Mônica: quer!	Lia: Daqui a 15 minutos trago os pedidos.
Lia: ok, 15 minutos.	Diana: ok! Vai ser Rápido.
Diana: ok! Rápido.	Edna: Que bom! Vamos Conversar. Hum, está Demorando.
Edna: bom! Conversar. Demora	Diana: Estou morta de fome quero comer.
Diana: morre comer.	Lia: Com licença.
Diana: licença.	Diana: Venha aqui, por favor! Não pedi isso está errado.
Diana: vem, aqui (apontar). Não pedi errado.	Lia: Como assim?
Lia: Como?	Diana: sim. Está errado. Pedi macarronada.
Diana: Errado. Pedi carne misturada	Lia: Você não pediu carne processada.
Lia: Você pediu carne processada.	Diana: Confundi. Deixe eu trocar
Diana: troca confundi.	Lia: Me confundi com o sinal de exemplo com o de desculpa
Lia: Confundi... (exemplo risos) desculpa!	Diana/ Edna/ Mônica: ok, Obrigada! Cadê o refrigerante que pedimos.
Diana/ Edna/ Mônica: ok! Obrigada, refrigerante, cadê?	Lia: Desculpem esqueci.
Lia: esqueci	Diana/ Edna/ Mônica: Não...
Diana/ Edna/ Mônica: Não...	Mônica: Ela é muito esquecida.
Mônica: esquece.	Diana: triste isso.
Diana: triste fim	Diana/ Edna/ Mônica: obrigada!
Diana/ Edna/ Mônica: obrigada!	Lia: tudo sob controle?
Lia: ok!	Edna/ Mônica: ok
Edna/ Mônica: ok	Diana: Mais ou menos.
Diana: mais ou menos.	Diana/ Edna/ Mônica: Obrigada!
Diana/ Edna/ Mônica: Obrigada	

Fonte: Elaboração pessoal em: 23 de março de 2016.

No grupo do quadro 12, como nos anteriores, é notório o envolvimento das participantes na cena, a fluidez, naturalidade e precisão no uso da língua são comuns nas línguas orais da mesma forma que na Língua Brasileira de Sinais. Isso demonstra que o imperialismo quanto a língua tem sido superado pelos surdos e ouvintes e que progressivamente um maior número de variedades tem ganhado maior respeito nas conversas informais e progressivamente nas salas de aula que é um espaço de ensino e troca de conhecimento.

Uma problemática em relação à pesquisa referente à variação linguística na língua de sinais, é que ela ainda é bastante empírica pelas experiências de cada usuário da língua. Em virtude, de serem poucas em relação às pesquisas em outras línguas, em especial às orais, por isso, não é possível retomar às variações históricas por não existirem registros delas. Desse modo, a sociolinguística pode ser investigada apenas pelas memórias linguísticas de surdos idosos e de registros pessoais da língua que se modificou com o passar do tempo.

Sobre essas trocas de experiências linguísticas em diversas capitais do estado, Avelar (2009, p. 339) sinaliza que “com essas trocas de diferentes culturas e variações linguísticas nos sinais em Língua Brasileira de Sinais usados em vários Estados, essas diferenças são marcas do contato de surdos com identidades e de culturas distintas”. Ela ainda acrescenta que com a interação entre os alunos pode se perceber um ambiente rico linguisticamente, incluindo as trocas culturais entre surdos e ouvintes que permitem conhecer a experiência do outro e facilitam a interação e o respeito entre surdos e ouvintes. Sobre a variação e a interação linguística, Vânia discente ouvinte do curso de letras libras menciona

A Língua Brasileira de Sinais como nas outras línguas varia com o passar do tempo como a língua portuguesa, cada pessoa fala diferente dependendo da idade, contexto social da pessoa, na minha opinião é preciso ter variação para a língua evoluir e se modificar com o passar do tempo dependendo da evolução de cada indivíduo. (Pesquisa de campo 23 de março de 2016).

Na turma do Letras-Libras na Universidade do Estado do Pará, os discentes percebem a importância e a presença da variação linguística na sala de aula. Na conversa depois da atividade três alunos se manifestaram: O João, a Josy e a Vânia acrescento que o João participou apenas do momento de diálogo sobre a pesquisa. Os três afirmaram que a Língua Brasileira de Sinais, assim como outras línguas

orais precisa valorizar a variação linguística na conversação e ensino. Entretanto, Josy que embora sendo do interior do Pará no município de Abaetetuba e que por não estar residindo no centro se sente vitimada pelo preconceito linguístico. Mesmo assim, defende que os livros didáticos preservem a variante considerada padrão que provavelmente não é a utilizada por ela. Mesmo assim, a atividade demonstrou que os falantes da Língua Brasileira de Sinais entendem a importância da variação linguística para a evolução da língua em função dos falantes que ordenam e reordenam sua comunicação diariamente.

## 5.2 ANÁLISE DO GLOSSÁRIO DE LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Quadros (2004) afirma que a fonologia tem a função de identificar unidades mínimas do sistema linguístico, capazes de distinguir vocábulos e a fonética descrever os traços distintivos.

Nos termos de Quadros:

Cabe à fonologia explicar o porquê de os falantes de alguns dialetos do português brasileiro considerarem como sendo o mesmo som as consoantes da palavra carta [ˈkarta] e [ˈkaRta], muito embora elas tenham pronúncias diferentes, sendo articulatória, acústica e perceptualmente distintas. Assim, enquanto a fonética é basicamente descritiva, a fonologia é explicativa; interpretativa (2004, p. 18).

Os parâmetros fonéticos das línguas orais são descritos as vogais, semivogais e consoantes: a) nas vogais, são analisados o papel das cordas vocais, a posição dos lábios, a posição da língua e o papel da cavidade nasal; e b) nas consoantes em que são analisados o papel das cordas vocais, o modo de articulação e o ponto de articulação.

Nas Línguas de Sinais são definidos como traços fonético-fonológicos os seguintes parâmetros: as configurações de mãos, o ponto de articulação e os movimento. Estes isoladamente não apresentam significado segundo proposto pelo linguista Norte Americano Willian Stokoe (1960), em seus estudos pioneiros na língua.

Estelita (2006) acrescenta a Orientação da Palma da mão e estabelece que as expressões não do rosto e do corpo como fazendo parte do Movimento. Neste trabalho adotaremos principalmente os parâmetros desta autora, ou seja: Configuração de Mão (CM); Orientação da Palma da mão (OP); Ponto de

Articulação (PA); Movimento (Mov) e Expressões não Manuais (ENM), conforme posto no Apêndice A “Constituição do Glossário”

Partindo dessa caracterização pode-se afirmar que a fonética da Língua Brasileira de Sinais é a descrição de todas as ocorrências de parâmetros, feitos a partir de pelo menos um par de léxico que apresente o mesmo significado.

No caso da Libras, podemos afirmar que não é possível separar a descrição fonética da análise lexical. Na variação fonética há apenas um traço distintivo ou parâmetro em um par lexical que apresenta o mesmo significado; já a variação lexical ocorre quando dois ou mais traços distintivos em um par variam sem distinguir o significado.

No Quadro 12 essa distinção é demonstrada. Trata-se da descrição fonética e lexical do primeiro campo semântico do glossário de Língua Brasileira de Sinais do Apêndice A.

Os sujeitos são identificados como: Everson =1, Lindalva = 2, Daniel = 3, Sinésio = 4, Jennifer = 5 e Mariana = 6. Os parâmetros fonéticos são apresentados na primeira linha iniciando desde a glosa que é o nome do léxico seguido da: Configuração de mãos (CM), Orientação da Palma (OP), Ponto de Articulação (PA), Movimento (MOV) e Expressões Não-Manuais (ENM) com a descrição de cada léxico.

Na coluna sete 7 é apresentada a conclusão indicando se ocorre variação fonética ou variação lexical.

Segue no Quadro 13 a análise do primeiro campo semântico das cores.

**QUADRO 13:** Variação fonética e lexical

CM: <b>digitalização A-L</b> OP: para frente PA: neutro MOV: flexão na primeira articulação Everson, Lindalva e Sinésio	CM: <b>nº 30</b> OP: para frente PA: neutro MOV: flexão na primeira articulação Daniel, Jennifer	CM: nº 39 OP: para frente PA: neutro MOV: flexão na primeira articulação Mariana	Glosa: AZUL <b>Variação fonética</b> Tem um parâmetro diferente, a CONFIGURAÇÃO DE MÃO – mesmo significado.
CM: 19 OP: Para Esquerda PA: nariz <b>MOV: escovar</b> Everson, Daniel e Jennifer.	CM: 19 OP: Para Esquerda PA: nariz <b>MOV: de cima para baixo</b> Lindalva, Sinésio e Mariana	-----	Glosa: AMARELO <b>Variação fonética</b> Tem um parâmetro diferente, o MOVIMENTO – mesmo significado.

<p>CM: 59 OP: para frente PA: maçã do rosto <b>MOV: circular vertical</b> Lindalva, Daniel, Sinésio, Mariana.</p>	<p>CM: 59 OP: para frente PA: maçã do rosto <b>MOV: sem movimento</b> Everson, Jennifer</p>	-----	<p>Glosa: ROSA <b>Varição fonética</b> Tem um parâmetro diferente, o MOVIMENTO – mesmo significado</p>
<p><b>CM: 14</b> <b>OP: para trás</b> <b>PA: lábio inferior</b> MOV: trás para frente Everson, Daniel, Sinésio, Jennifer e Mariana</p>	<p><b>CM: 43</b> <b>OP: para frente</b> <b>PA: dorso da mão</b> MOV: trás para frente Lindalva</p>	-----	<p>Glosa: VERMELHO <b>Varição lexical</b> Tem três parâmetros diferentes, o – mesmo significado</p>
<p>CM: 03 OP: para o lado esquerdo PA: frente da boca MOV: abrir e fechar a mão Everson, Lindalva, Daniel, Sinésio, Jennifer e Mariana</p>	-----	-----	<p>Glosa: LARANJA SEM Variação</p>
<p>CM: 43 OP: para baixo PA: dorso da mão <b>MOV: para trás e para frente</b> Everson, Lindalva, Sinésio, Jennifer e Mariana</p>	<p>CM: 43 OP: para baixo PA: dorso da mão <b>MOV: toque no dorso da mão</b> Daniel</p>	-----	<p>Glosa: VERDE <b>Varição fonética</b> Tem um parâmetro diferente, o MOVIMENTO – mesmo significado</p>
<p><b>CM: 40</b> OP: para baixo PA: dorso da mão MOV: para trás e para frente Everson, Lindalva, Sinésio, Jennifer e Mariana</p>	<p><b>CM: digitalização M-A-R-R-O-N</b> OP: para baixo PA: dorso da mão MOV: para trás e para frente. Daniel</p>	-----	<p>Glosa: MARRON <b>Varição fonética</b> Tem um parâmetro diferente, a CONFIGURAÇÃO DE MÃO – mesmo significado</p>
<p>CM: 59 OP: para direita PA: maçã do rosto MOV: para frente e para trás Everson, Lindalva Daniel e Mariana</p>	<p>CM: 17 OP: para frente PA: dorso da mão MOV: para frente e para trás Sinésio e Jennifer</p>	-----	<p>Glosa: ROSA <b>Varição lexical</b> Tem três parâmetros diferente, o – mesmo significado ou possibilidade de ter lido Lilás.</p>
<p>CM: 43 OP: para baixo PA: dorso da mão MOV: para trás e para frente Everson, Lindalva, Daniel Sinésio, Jennifer e Mariana</p>	-----	-----	<p>Glosa: VERDE SEM VARIAÇÃO A distinção é verde claro em oposição ao outro verde (escuro)</p>

CM: 52 OP: para o lado direito PA: dorso da mão MOV: para trás e para frente Everson, Lindalva e Mariana.	CM: 41 OP: para o lado direito PA: dorso da mão MOV: para trás e para frente Jennifer	-----	Glosa: BEGE <b>Varição fonética</b> Tem um parâmetro diferente, a CONFIGURAÇÃO DE MÃO – mesmo significado Daniel e Sinésio não fizeram o sinal.
CM: <b>digitalização A-L</b> OP: para frente PA: neutro MOV: flexão na primeira articulação Everson, Lindalva	CM: <b>nº 30</b> OP: para frente PA: neutro MOV: flexão na primeira articulação Daniel, Sinésio, Jennifer	CM: <b>nº 37</b> OP: para frente PA: neutro MOV: flexão na primeira articulação Mariana	Glosa: AZUL <b>Varição fonética</b> Tem um parâmetro diferente, a CONFIGURAÇÃO DE MÃO – mesmo significado. A distinção é azul claro em oposição ao outro azul (escuro)
CM: 52 OP: para baixo PA: dorso da mão MOV: toque no dorso para frente e para trás.	-----	-----	Glosa: PRETO SEM VARIAÇÃO

**Fonte:** Elaboração pessoal, 2016.

Na análise percebe-se que no campo cores prevalece à variação fonética em que das doze imagens de cores apresentadas cinco (05) apresentaram variações.

Apenas em duas imagens foram apresentadas, pelos surdos, variações lexicais – nos sinais de rosa e vermelho. Supomos que a ocorrência de variação lexical – dois sinais com mais de um parâmetro distinto e mesmos significados – são ocorrências muito menores que as variações fonéticas.

A hipótese que formulamos para explicar a prevalência da variação fonética é o fato dos participantes terem boa escolaridade e conhecerem os sinais institucionalizados em livros e Dicionário, como o a Enciclopédia ilustrada trilingue da Língua de Sinais Brasileira (2001) e participarem como instrutores dos cursos de Libras em contexto (2007) que acabou por oficializar a maioria dos termos de cores como padrão.

O Parâmetro com certa ocorrência de variação fonética foi o Movimento. Ocorreram variações de movimento nos sinais “amarelo”, “rosa” e “verde”.



Era de se esperar que os surdos se fixassem mais na configuração de mão. No entanto, também ocorreram três (3) variações neste parâmetro, nos sinais “azul”, “marrom” e “bege”.

Também não ocorreram variações em sinais de cores, na nossa avaliação mais usuais e conhecidos: as cores laranja e preto. O sinal de laranja pode se referir a cor ou a fruta. Acontece fato semelhante com a língua Portuguesa: “laranja” cor e “laranja” fruta.

A participante que mais apresentou variações foi Jennifer, em cinco ocorrências do total de doze. Em segundo lugar ficou Sinésio com três ocorrências. Os demais ficaram com duas ocorrências (Daniel) e uma ocorrência: Everson, Lindalva e Mariana.

Esperava-se que quem apresentasse mais variações fosse a pessoa menos oralizada, que tivesse aprendido mais tardiamente a Libras, no caso, a participante Lindalva. Essa hipótese não foi confirmada.

O vocabulário do Inventário de Língua Brasileira de Sinais totalizou 13 campos semânticos. Por isso, com a subdivisão de alguns desses campos o glossário se estendeu para exatos 114 termos. Os sujeitos da pesquisa identificados por dupla são: Lindalva (LI), Everson (EV) /; Mariana (MA), Jennifer (JE) /; Daniel (DA) e Sinésio (SI).

A investigação vocabular, segundo (Bago, 2007) define variação semântica lexical como aquela que a palavra pode variar de acordo com a influência regional do falante. Partindo desse pressuposto, a análise a seguir delimita-se em descrever termos com diferenças na variação em toda a composição na construção do léxico em língua de sinais. Segue o Quadro 14, no qual apresenta algumas variações linguísticas no glossário.

**Quadro 14** - Termos do Glossário com Variação Linguística

<b>Termos Linguísticos com Variação Lexical</b>				
Azul	Papai	Morango	Limão	Brócolis
Calendário	Filha	Maracujá	Repolho	Alface
Julho	Batata Frita	Abacate	Batata	Cerveja
Champanhe	Suco de Pacote	Vinho	Sala de aula com	Pernambuco

			intérprete	
Roraima	Tocantins	Mato Grosso	Distrito Federal	Mato Grosso do Sul

**Fonte:** Elaboração Pessoal: em 20 de maio de 2016.

Esses termos do glossário têm variação entre os sujeitos da pesquisa a partir dos referentes usados por eles na Língua Brasileira de Sinais. Essas diferenças ao nomear são influenciadas por vários aspectos gramaticais que compõem o léxico da língua e pelas experiências sociais, culturais e de identidade, para dar qualificação para o termo. Em alguns casos, no glossário, as diferenças ocorrem para todos os sujeitos que utilizam uma variante para a imagem que é apresentada; em outros casos, os surdos mais jovens produzem um termo que difere do utilizado pelos surdos adultos. Numa análise suplementar apresento algumas ocorrências de termos nos itens do glossário, que é a quinta sessão desta pesquisa. Alguns dos termos do quadro 14 repetem-se nos( QUADROS 15, 16, 17, 18, 19, 20) posteriores, para demonstrar algumas outras características dessas variações e as diferenças na composição linguística dos termos a partir da perspectiva dos sujeitos.

A primeira ocorrência é de termos Monomorfêmicos, que assim como na língua portuguesa são compostos de apenas um morfema, que segundo Quadros, 2004; p. 93, “Há uma mudança de/no significado, uma perda da composicionalidade morfológica, e uma conformidade às restrições formacionais e rítmicas em palavras simples.”. Assim, são termos que apesar de apresentarem em sua composição prefixo e sufixo em sua pronúncia, incorporaram os dois termos e eles se tornam apenas um.

Na Língua Brasileira de Sinais as composições afixadas são as pesquisadas a partir de 1960 pelo linguista norte americano, Willian Stokoe, em suas pesquisas pioneiras encontrou três categorias linguísticas na língua de sinais americana: as configurações de mãos (CM), o movimento (M) e a locação (L). Esses três níveis linguísticos são fundamentais na formação dos vocábulos em língua brasileira de sinais, as configurações de mãos (CM) podem ser descritas como o formato das mãos para a composição do léxico em língua brasileira de sinais. O outro nível gramatical é o movimento das mãos dentro do espaço e em torno do corpo do enunciador. A Locação que é o ponto, especifica que o sinal na Língua Brasileira de

Sinais toca no corpo. (QUADROS 2004; p.53). Esses itens gramaticais com significados são agrupados para formar termos na língua.

Acrescento que os termos no Quadro 15 são glosas das imagens disponibilizadas no inventário de língua de sinais da Universidade de Santa Catarina-UFSC. Com algumas descrições simples sobre como o tipo de configuração de mãos, os termos que se aglutinaram para formar outro vocábulo e os termos que têm influência de uma variação região brasileira.

Quadro 15 - Termos Simples

Amarelo	Rosa	Cinza	Branco	Laranja
Marrom	Bege	Preto	Vermelho	Abril
Calendário	Janeiro	Fevereiro	Junho	Agosto
Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Família
Bebê	Papai (SP)	Arroz	Carne	Macarrão
Feijão	Batata (frita)	Batata frita (dedos entrelaçados)	Laranja (Tangerina)	Macã Mordendo a maçã
Batata Mão de apoio aberta /fechada	Refrigerante	Vinho	Água	Professor@
Policial	Médico	Brasil (Regiões brasileiras)	Norte	Nordeste
Sul	Sudeste	Centro Oeste	Maranhão	Ceará
Paraíba	Pernambuco	Bahia	Sergipe	Minas Gerais
São Paulo	Espírito Santo	Rio de Janeiro	Roraima	Amazonas
Pará	Tocantins (Palmas)	Acre	Mato Grosso	Distrito Federal
Goiás	Mato Grosso do Sul			

Fonte: Elaboração Pessoal: em 20 de maio de 2016.

No glossário, os termos simples são os que utilizam apenas um termo para classificar a imagem disponibilizada pelo inventário. Na construção dos termos se aglutinam: apenas configuração de mãos, movimento e locação os parâmetro da língua de sinais sem afixação de outros significados, assim, a nomenclatura permanece única.

Na composição lexical em qualquer língua oral como a portuguesa, é sinalizada como a língua brasileira de sinais uma das principais preocupações para o entendimento da formação do léxico que é como uma regra para estruturação interna da palavra que é estudada pela morfologia. A partir da pesquisa de (QUADROS ; KARNOPP 2004, p. 86) “A palavra morfema deriva do grego *morphé*, que significa forma. Os morfemas são as unidades mínimas de significado”.

Nesse processo de formação de palavras, o estudo da morfologia desprende-se em duas áreas: derivação e a flexão.

Apresento a lista de termos com derivação, no Quadro 16 a seguir:

**Quadro 16** - Termos com Derivação

Fevereiro (máscara)	Abril (enforcar)	Junho (fogueira)	Julho (Férias)	Setembro (marchar)
Dezembro (Papai Noel)	Cachaça (Garrafa)	Laranja (Fruta)		

**Fonte:** Elaboração Pessoal: em 20 de maio de 2016

No glossário, são oito os termos que são formados pela derivação, que segundo (QUADROS ; KARNOPP 2004; p. 94) “é o estudo da formação de diferentes palavras com a mesma base lexical”. No caso dos termos do quadro 16, a base lexical da primeiro e a segundo no termo entre parênteses, tem o mesmo léxico em Língua Brasileira de Sinais, que incorpora suas semelhanças intrínsecas e convencionada apenas um termo sinalizado para dois significados distintos.

A outra área de investigação é a flexão, que é segundo Quadros e Karnopp (2004; p. 94) é “o estudo do processo dos processos que acrescentam informação gramatical à palavra que já existe.”. Na flexão pode ser de: gênero, número, grau, tempo, pessoa, caso e aspecto. Segue o Quadro 17, os termos com flexão.

Quadro 17 -Termos Com Flexão

Mês + Dia + Ano= (Calendário)	Família+ Grande	Mulher+ benção= Mãe	Homem+ benção= Avô	Homem+ Velh@= Avô
Mulher+ filh@= Filha	Mulher+ filh@= Filha Mulher+ filh@+pequena = Filha	Mulher+ net@= Neta Criança+ bebê= Neta	Homem+ pequeno= menino Homem+ filh@+ pequeno= Filho	Mulher+ Velh@= Avó
Carne+ fritar= Bife	Macarrão junto Picadinho (carne sai do processador)= Macarronada	Frango+ fritar= Frango cozido	Batata+ fritar= Batata frita	Carne+ misturar= Strogonofe
Cortar+ Amarelo= Maracujá	Tirar polpa= Abacate	Cortar+ branco= Cortar+ repartir em duas partes= Bola+ verde= Repolho	Cortar+verde = Cortar+ verde+ vermelho + amarelo= Cortar+arder = Pimentão	Enrolar+ Carne= Panqueca
Vermelho+ Cortar= Tomate	Vermelho+ Cortar= Beterraba	Misturar+ hortaliça= Alface	Cortar+ chorar= Cebola	Profissional que limpa dentes= Dentista

Profissional +bate martelo= Juiz	Sala+estudar= Professor+ Intérprete junto= Sala de aula	Rio+ Grande+ Norte= Rio Grande do Norte	Mato Grosso + Sul= Mato Grosso do Sul	
--	---	---	--	--

**Fonte:** Elaboração pessoal: em 20 de maio de 2016.

Quanto à flexão, no glossário apresento 29 termos formados com essa base gramatical. Em alguns casos é necessário dois a três termos para dar significado à flexão lexical. Como no caso de “homem”, que pela ausência de uma convenção específica, utiliza dois termos: homem+ pequeno para dar significado à imagem. Outro termo é “avô”, apesar de ter uma convenção específica, ainda assim dois surdos jovens utilizaram a composição dos termos “homem+velho” para qualificar o termo.

Outra característica linguística da Língua Brasileira de Sinais como nas línguas orais, encontramos léxicos nativos e não nativos. A partir de (QUADROS ; KARNOPP, 2004; p. 88), na língua brasileira de sinais “o léxico não-nativo contém também palavras em português que são soletradas manualmente”. Para a composição do que é o alfabeto manual em língua de sinais, foi realizado o empréstimo linguístico da língua portuguesa das letras e com um conjunto de configurações de mãos é convencionado como alfabeto manual, que é usado para designar nomes de ruas ou de pessoas, marcas e produtos que não têm um termo convencionado na Língua Brasileira de Sinais. Segue no quadro 18, os termos com soletração datilológica e rítmica do glossário:

**Quadro 18** - Termos com soletração rítmica e datilológica

Março (M-R-Ç) Rítmica	Maio (M-A-I-O)	Julho J-L-H Rítmica	Carne mistura= S-t-r-o-g-o-n-o-f-e	T-a-p-i-o-c-a Strogonofe
Batata (B-A-T-A-T-A)	Suco (S-U-C-O)	Suco de caixa= (A-D-E-S)	Rio Grande do Norte (R-i-o G-N) (G-N) Rítmica	Alagoas (A-L) Rítmica
Minas Gerais Minas+ (B-H)/ (B-H) Rítmica	Roraima (R-O-R-A-I- M-A)	Amapá (A-P) Rítmica	Tocantins (T-O); (T-C) Rítmica	Rondônia (R-R) Rítmica
Mato Grosso (M-G) Rítmica	Distrito Federal (D-F) Rítmica	Mato Grosso do Sul (M-G UL); (M-G S)		

**Fonte:** Elaboração Pessoal: em 20 de maio de 2016.

Apresento 18 os termos no glossário soletrados com o empréstimo linguístico das letras em língua de sinais. Dentre estes, oito são de soletração rítmica e dez de soletração datilológica. Percebe-se que os sinais com a soletração datilológica são aqueles que os sujeitos da pesquisa não encontraram um referente dentro de seu repertório linguístico ou em outros casos não conhecem a imagem nem um termo sinalizado correspondente.

O léxico nativo na Língua Brasileira de Sinais são os classificadores, que é uma característica linguística singular. Em virtude de ser uma língua de modalidade visual-espacial, sua influência na formação do léxico é captada pela visão e produzida no espaço com as mãos na língua.

Nos classificadores, conforme (QUADROS ; KARNOPP 2004; p. 93), conceituam que “têm distintas propriedades morfológicas, são formas complexas em

que a configuração de mãos, movimento e locação da mão podem especificar qualidades do referente.” A função dos classificadores é incorporar ações com as mãos para descrever pessoas, objetos, coisas e ações com auxílio do rosto e corpo para dar características ao referente. No Quadro 19, encontram-se os termos do glossário que são classificadores.

**Quadro 19** - Termos que usam os classificadores

Linguiça (Formato)  + porco	Panqueca (Enrolar + formato)	Pera  Formato da fruta.	Formato+ bichinho= Goiaba	Morder+ vermelho= Morango
Descascar movimento Emblemático o=Banana	Descascar movimento Emblemático = Abacaxi	Morder Melancia Movimento Emblemático= Melancia	Tirar gomo= Tangerina	Chupar (Ação emblemática) = Limão
Espremer (Ação emblemática) a) Limão	Cortar (Ação emblemática) cortar +chupar= Limão	Coelho+ morder= Comer+cenoura= / Formato+verde+ comer= Cenoura	Punho fechado +movimenta e abre mãos paralelas= brócolis	Formato da Alface.
Balançar o copo= Cerveja	Balançar + estourar= Champanhe	Rasgar o pacote= Suco de pacote	Dirigir+ lapela nos ombros+ ônibus = Motorista de ônibus	

**Fonte:** Elaboração Pessoal: em 20 de maio de 2016.

São 19 os termos que são classificadores no glossário que os sujeitos nomeiam a imagem a partir de alguma característica. Os classificadores são comuns em várias hortaliças da categoria das verduras que são qualificadas em função do



formato das folhas, ou pela disposição dessas folhas e a forma de corte e ingestão de algumas delas.

Outro aspecto linguístico da Língua Brasileira de Sinais é o neologismo que é comum na em todas as línguas, que segundo (BIDERMAM, 2001; p. 203) é “uma criação vocabular nova, incorporada á língua”. Podendo ser a incorporação de novas palavras na própria língua ou um empréstimo linguístico de outra língua. No quadro 20, os termos com a incorporação do neologismo.

**Quadro 20** - Termos que usam o Neologismo

Uva (tirar do cacho e colocar na boca)	Colocar na boca (Batata frita)	Morango Mão na configuração “M”	Vermelho + Lábios Morango	Cortar + Sono= Maracujá
Abrir + colocar no copo= Suco de garrafa	Bater liquidificador+ uva= Suco de pacote	Bater liquidificador+ maçã= Despejar no copo= Suco de caixa	5+1+ beber= Cachaça	

**Fonte:** Elaboração Pessoal: em 20 de maio de 2016.

São apresentados 9 termos do glossário que incorporam em sua formação o neologismo a partir de em alguns casos da composição com o empréstimo linguístico de uma letra do alfabeto e a ação ou formato do objeto. Uma hipótese para o uso do neologismo é que as imagens podem não estar no cotidiano dos sujeitos. Por isso, não têm um referente em língua de sinais e precisaram compor um termo novo ou nomear.

Assim como viabiliza demonstrar características gramaticais da língua, que a partir dos estudos de Willian Stokoe em 1960 tem se aprofundado e fortalecido o poder linguístico do povo surdo e de suas comunidades. A Língua Brasileira de Sinais tem ganhado destaque nos âmbitos sociais, educacionais e científicos. Por

isso, é comum ver usuários da língua de sinais em ambientes sociais interagindo e se relacionando através dessa língua. É possível essa língua ser usada com maior frequência em ambientes educacionais como língua ensinada e que também é utilizada para a instrução. Outro aspecto importante é que com o empoderamento surdo e reconhecimento como comunidades linguísticas o volume de pesquisas na área da Língua Brasileira de Sinais tem aumentado. Por isso, esta pesquisa do glossário visa tornar possível o registro catalogado dos termos do inventário.

## **6 CONSTITUIÇÃO DO GLOSSÁRIO**

### **6.1 O GLOSSÁRIO DOS TERMOS DO INVENTÁRIO DE LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA**

Com o intuito de facilitar a compreensão, apresentamos os 342 verbetes do glossário de língua de sinais.

O vocabulário do inventário de língua de sinais brasileira totalizou 13 campos semânticos, segundo o Anexo 1: Cores, Frutas, Família e os Membros, Calendário e os Meses, Alimentos, Legumes, Bebidas, Profissões, Regiões Brasileiras, Região Sul e estados, Região Nordeste e estados, Região Sudeste e estados, Região Norte e estados e Região Oeste e estados. São três duplas, com seis surdos, totalizando 114 verbetes em língua de sinais brasileira.

A entrada para os vocabulários é na mesma ordem do campo semântico do inventário de língua de sinais brasileira do Anexo 1. Ao consultar o glossário terá as seguintes informações:

- a) O termo de entrada: A página iniciará com o nome da imagem correspondente em Língua Portuguesa;
- b) O vocabulário é realizado em Língua Brasileira de Sinais pelos seis sujeitos;
- c) A transcrição gramatical: que está descrita no Quadro 3, inicia com a imagem em língua de sinais brasileira acompanhada das colunas laterais com a: Glosa; Configuração de Mãos, Orientação da Palma; Ponto de Articulação, Movimento e Expressões Não Manuais de cada vocábulo o Quadro 3, que é a transcrição fonética;
- d) Nota: o rodapé da página informações das siglas no quadro 3, com a transcrição dos termos.

## 7. CONCLUSÃO

Na pesquisa, é discutido o fenômeno linguístico da variação, desde a língua oral no português até a língua de sinais. Seu surgimento, implicações sociais com ênfase no ensino dessas línguas em todas as faixas etárias tanto de crianças ou adultos ouvintes e surdos.

Pode-se afirmar que existe variação linguística na Língua Brasileira de Sinais, dentre os termos a partir do vocabulário do inventário que constitui o glossário com 114 léxicos registrados em treze campos semânticos apresentado com os seis sujeitos da pesquisa na catalogação está registrado variações linguísticas pelos surdos jovens e adultos. Variações importantes para demonstrar a vida e a flexibilidade dessa língua. Na atividade que demonstra indicativos de uso em sala de aula do glossário no item cinco da pesquisa fica evidente a relevância que os discentes do material para demonstrar as ocorrências de variação linguística e que os discentes do curso de Letras-Libras consideram fundamental o uso e ensino dessas variações na sala de aula.

É possível perceber que, apesar de a escola ser um espaço aberto para o aprendizado e socialização é historicamente marcada pela negação da variação linguística, ou melhor, os alunos que falam diferente, com uma variedade compartilhada por um grupo de sujeitos que têm experiências culturais, sociais e econômicas distintas dos alunos oriundos de uma realidade de alto nível que ainda hoje é considerada a variedade padrão, que é prestigiada e que tem *status* de patrimônio intocável, a Língua Portuguesa dos grupos da elite social.

Que a imposição do “erro” na correção da fala e da escrita ainda comum na avaliação, demarca o distanciamento cultural e linguístico entre dois grupos: os ricos e considerados com cultura e os pobres tidos como sem cultura e conhecimento.

Embora em alguns aspectos analisados na dissertação, o texto discute sobre os conceitos de cultura, como ela é homogênea, que é necessário aceitar as diferenças grupais, mas com o decorrer do tempo as interações modificam o jeito de pensar e falar dos grupos, que cada relação social convencionam suas formas de viver, interagir e falar e que essas diferenças precisam ser observadas, aceitas e respeitadas.

Um aspecto importante é analisar os conceitos de variação linguística que pessoas de regiões rurais e periféricas ainda sofrem com o preconceito social

demarcação de os jeitos de falar, uns considerados corretos e outros errados. Na língua, as formas diferentes de falar são marcas sociais e culturais, que são identidades linguísticas que surgem de experiências sociais, econômicas, históricas de um grupo e que por isso precisam ser consideradas dignas de existir e serem consideradas na sala de aula como uma forma de demonstrar a diversidade linguística e social de um país como o Brasil.

Outro aspecto que é fundamental, é que ninguém, nem os considerados cultos e letrados usam a variedade imposta como padrão linguístico em função do número de regras de composição das palavras que inviabiliza que o Português seja perfeitamente falado.

Sobre a variação linguística na Língua Brasileira de Sinais, percebe-se que ainda existem poucas pesquisas que investigam esse aspecto da língua. Assim como nas línguas orais a variação é encarada com preconceito pelos falantes e professores que ensinam a língua de sinais, que nesses ambientes é comum se convencionarem a variante usada pelo professor e se algum dos discentes que tem contato com a língua apresenta outra possibilidade de convenção do mesmo termo, o professor geralmente renega o termo por considerar errado, por não ser sua convenção, assim não o considera padrão.

Na Língua Brasileira de Sinais ainda existem poucos registros em dicionários e glossários que consigam catalogar os termos dessa língua viva em constante evolução. Quando se mencionam glossários que transcrevem as variações linguísticas, ainda é difícil encontrá-los em virtude de a variação ainda ser considerada um erro grave entre alguns falantes dessa língua.

Nesta pesquisa, é possível perceber que desde os cursos de graduação, os discentes discutem e problematizam a variação linguística e demonstram compreender que as variedades proporcionam vivacidade e dinamicidade à língua que permite continuar se transformando e garante que ela se perpetue nos ambientes sociais de interação.

Além da análise teórica sobre a variação, a pesquisa, na sessão quatro apresenta uma atividade “Viajante” com os itens do inventário de língua de sinais que sintetiza indicativos de uso do glossário de língua de sinais com a descrição dos resultados obtidos com apresentação dos diálogos organizados pelos discentes surdos e ouvintes do curso de Letras com habilitação em Libras na Universidade do

Estado do Pará (UEPA). Após a conversa com os discentes sobre a importância da variação linguística na língua de sinais é satisfatório perceber que eles compreendem a variedade como um componente fundamental para o uso e difusão da língua.

Na sessão cinco que é o glossário, compõe 342 itens sinalizados por seis sujeitos que foram filmados em pares. Em cada um dos itens que é delimitado por uma imagem, considerei fundamental manter os seis termos convencionados pelos sujeitos como uma forma de preservação de pequenas e grandes diferenças inerentes das experiências sociais, econômicas e culturais em relação à idade dos surdos jovens e adultos. Para que os leitores, os professores, discentes e pesquisadores da língua de sinais que forem utilizar a pesquisa, visualizem as diferenças linguísticas e que possam perceber a multiplicidade nessa língua que precisa continuar a ser pesquisada e usada no cotidiano das interações sociais, no ensino de surdos e ouvintes e no fomento de mais pesquisas no âmbito da variação linguística.

Por isso existe esperança de que um dia as escolas e o ensino de língua de sinais em vários ambientes educacionais sejam feitos em espaços abertos para o conhecimento. Que venha a ser um ambiente no qual a variação seja encarada naturalmente e que possa compor os livros didáticos e as conversas de sala de aula sem necessitar tornar-se notícia de jornal como algo pejorativo de um professor que não sabe ensinar uma diferença enriquecedora para a diversidade cultural e linguística.

## 8 REFERÊNCIAS

ALKIMIM, T. M. **Sociolinguística** parte I. In MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (org). *Introdução à linguística: domínios e Fronteiras*. v.1. 5. ed. – São Paulo: Cortez, 2005. p.21-47.

ARRUDA, F.E.C. **Sociotermologia e ensino**. *Web Revista Sociodialetto*. Campo Grande, v.1, n.5, nov.2011. Disponível em: <<http://www.sociodialetto.com.br/edicoes/10/13122011122432.pdf>> Acesso em: 21 jul. 2015.

AVELAR, T. F. Entrevista com Tradutores surdos do curso de Letras Libras da UFSC: discussões teóricas e práticas acerca da padronização linguística In: QUADROS, Ronice Müller de; STUMPF, Marianne Rossi (org). *Estudos Surdos IV*. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2009. cap. 12, p. 364-393.

BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paul: Parábola Editorial, 2007.

\_\_\_\_\_. *Preconceito linguístico*. 56. ed. Revista e ampliada São Paulo: Parábola editorial, 2015.

BARROS, L. A. **Aspectos epistemológicos e perspectivas científicas da terminologia**. *Ciência e cultura*. São Paulo, v.58. n. 2, abr-jun 2006. Disponível em: <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252006000200011&script=sci\\_arttext](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252006000200011&script=sci_arttext)> Acesso em: 21 jul. 2015.

BENTES, J. A. de O. **Normalidades e disnormalidades: formas de trabalho docente na educação de surdos**. Campina Grande: EDUEPB, 2012.

BIDERMAN, M. T. **Teria linguística: leitura e crítica**. São Paulo. Martins Fontes, 2001.

CAMACHO, R.G. **Sociolinguística parte II**. In MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (org). *Introdução à linguística: domínios e Fronteiras*. v.1. 5. ed. – São Paulo: Cortez, 2005. cap. 2 p.49-75.

CAMACHO. R.G. *Da linguística formal á linguística social*. São Paulo: Parábola, 2013.

CARVALHO, F. M. **Da sociolinguística à socioterminologia: definindo conceitos**. *Tabuleiros de letras*. UNEB, v., n. 05, dez. 2012. Disponível em<<http://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/176>>. Acesso em: 21 jul. 2015.

ESTELITA, M. *EliS - Escrita de Língua de Sinais*. In QUADROS, Ronice Müller de; PERLIN, Gladis (org). *Estudos Surdos II*. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2007 cap. 8. p.212-237.

FABIO; I. S; REIS; F. **Aprendendo LIBRAS como segunda Língua Nível Básico**. Santa Catarina, 2007.

Disponível em: <[HTTP//PT.slideshare.net/mobilr/CLAUDIARAVAIANO/apostila-libras-basico-8495712](http://PT.slideshare.net/mobilr/CLAUDIARAVAIANO/apostila-libras-basico-8495712). Pdf> Acessado em: 21 de julho de 2015.

FARACO, C.A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FAULTICH, E.; ABREU, P. A (org.). **Linguística aplicada á terminologia e à lexicografia**. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, NEC, 2003.

FAULTICH, E. Socioterminologia: **mais que um método de pesquisa, uma disciplina**. *Rev.* Vol. 24, número, 3, 1995.

\_\_\_\_\_. **A socioterminologia na comunicação científica e técnica**. In: *Revista Ciência e Cultura*, 2006.

FEITEIRO, R.S. **Terminologia da castanha-do-Pará**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Pará. Belém, 2016.

HENRIQUES, C.C. **Léxico e semântica: estudos produtivos sobre a palavra e significação**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

JESUS, Ana Maria Ribeiro de; BARROS, Lídia Almeida. **A variação terminológica em português no domínio da dermatologia**. *Signótica, UFG*, v. 17, n. 02, jul-dez 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/sig/article/download/3726/3481>> Acesso em: 21/07/2015

KRIEGER, d. G, FINATTO, M.J.B. **Introdução á terminologia: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2004.

LIMA, K. S. C. **Educação de surdos no contexto amazônico: um estudo da variação linguística na Libras**, 2009, dissertação (Mestrado em Educação), Universidade do Estado Pará, Belém, 2009.

McCLEARY, Leland; VIOTTI E. **Semântica e Pragmática**. Florianópolis, 2009. Disponível em <[http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/semanticaEPragmatica/assets/722/Texto\\_base\\_Semantica-Final\\_2\\_dez\\_2008.pdf](http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/semanticaEPragmatica/assets/722/Texto_base_Semantica-Final_2_dez_2008.pdf)> Acesso em: 21 jul. 2015

OLIVEIRA. R.E.C. **O ensino e a aprendizagem da concordância verbo- nominal: concepção e práticas numa rede pública de ensino**, 2002, dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Pernambuco, 2002.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. (Org.). *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R.M. **Inventário da Língua Brasileira de Sinais**. Projeto de extensão. Universidade Federal de Santa Catarina. 2013.

BROHADO, S.M. D. A apropriação da escrita por crianças surdas. In: QUADROS, R.M (Org.) *Estudos Surdos I*. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006. p. 284.

SILVA, W.As representações em ser surdo no contexto da educação bilíngue. In: QUADROS, R. M (Org.). *Estudos Surdos III*. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006. p. 82.

LEITE, T.A; MCCLEARY. L. Estudo em diários: Fatores complicadores e facilitadores no processo de aprendizagem da Língua de Sinais Brasileira por um adulto ouvinte. In: QUADROS, R. M (Org.). *Estudos Surdos IV*. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006. p. 242.

SEVERINO, A.J. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. *Revista atualizada*. São Paulo. 2010.

SOUZA, R. B. de; SEGALA, R. R. A perspectiva social na emergência das Línguas de Sinais: a noção de comunidade de fala e idioleto segundo o modelo teórico laboviano. In QUADROS, RoniceMüller de; STUMPF, Marianne Rossi (org). *Estudos Surdos IV*. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2009. Cap. I, p. 22-49. SKLIAR, C. (Org.). *Atualidades da educação bilíngue para surdos*. Porto Alegre: Mediação, vol. I.II, 1999.

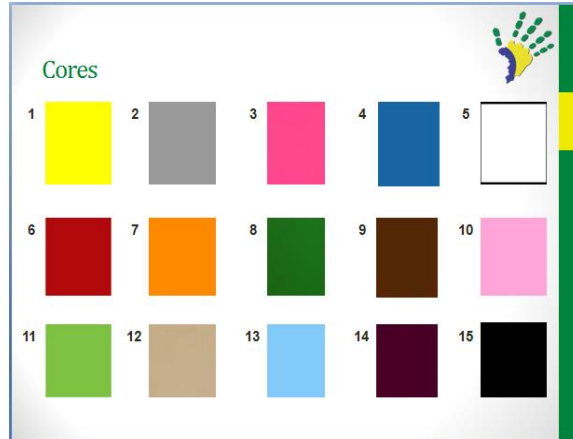
THOMPSON. J. B. **Ideologia e Cultura Moderna Teoria social critica na era dos meios de comunicação de massa**. cap. 3. *O conceito de cultura*. p.165-215. Petrópolis/ RJ: Vozes, 1995.



# ANEXOS

### Anexo A- Lista de campos semânticos do glossário

Figura 08: As cores.



Fonte: Inventário de língua de sinais (Quadros, 2013).

Figura 09: calendário e meses do ano. (Quadros, 2013)



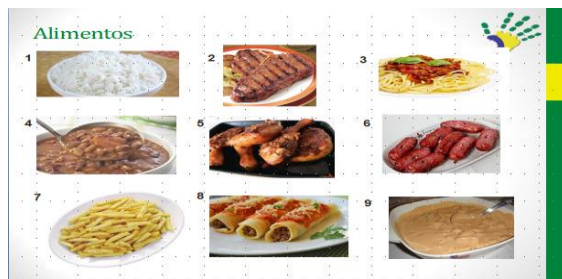
Fonte: Inventário de língua de sinais (Quadros, 2013).

Figura 10: família e membros. (Quadros, 2013)



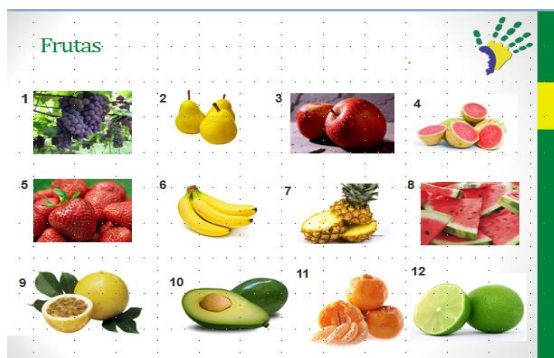
Fonte: Inventário de língua de sinais (Quadros, 2013).

**Figura 11:** Nome dos alimentos.



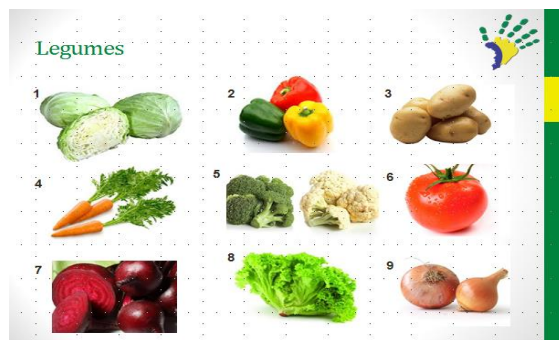
**Fonte:** Inventário de língua de sinais (Quadros, 2013)

**Figura 12:** Nome das frutas.



**Fonte:** Inventário de língua de sinais (Quadros, 2013)

**Figura 13:** Nome dos legumes.



**Fonte:** Inventário de língua de sinais (Quadros, 2013)

**Figura 14:** Nome das bebidas.



**Fonte:** Inventário de língua de sinais (Quadros, 2013)

**Figura 15:** Regiões brasileiras.



**Fonte:** Inventário de língua de sinais (Quadros, 2013)

**Figura 16:** Região sul e estados.



**Fonte:** Inventário de língua de sinais (Quadros, 2013)

**Figura 17:** Região Nordeste e estados.



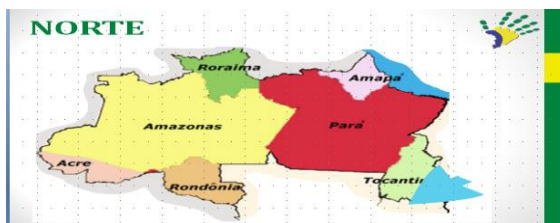
Fonte: Inventário de língua de sinais (Quadros, 2013)

Figura 18: Região sudeste e estados.



Fonte: Inventário de língua de sinais (Quadros, 2013)

Figura 19: Região norte e estados



Fonte: Inventário de língua de sinais (Quadros, 2013)

**ANEXO B - Transcrição do termo de liberação imagem**

**Prof. José de Anchieta** - Nós estamos aqui em função de um projeto intitulado: "Educação bilíngue para Surdos: produção de material didático em Língua brasileira de sinais". O objetivo desse projeto é fazer um inventário dos sinais falados e utilizados em Belém do Pará. Então, vocês foram convidados para participar dessa pesquisa que esta sendo realizada para coletar uma amostra da produção de Libras de pessoas surdas queremos documentar a Libras aqui em Belém e utilizar os dados para produzir materiais didáticos para a Educação de Surdos para o ensino de Libras como primeira e segunda língua. Essa filmagem de vocês será anexada em um site aqui no Pará e no site da Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC, sob a coordenação da professora Ronice Quadros. Nós faremos, entrevistas com vocês e coletaremos dados, por meio de vídeos de diferentes formas: você contará sua experiência, onde estudou, suas histórias usando a Libras essas atividades serão filmadas se você autorizar sua participação nesse estudo deverá ceder suas imagens gravadas no contexto dessa proposta do inventário da língua de sinais brasileira a os pesquisadores responsáveis pelo projeto do corpus. Você não terá nenhum risco de sua participação a única questão que você divulgará sua imagem em vídeo na pesquisa e trabalhos futuros que utilizarem o material com base nesse estudo. Essa pesquisa trará benefícios trará benéfica a vida da pessoa surda pesquisas futuras que tomarem por base esse estudo para produção de materiais e as práticas de sala de aula com alunos surdos. Vocês não receberam nenhum pagamento pela participação. As informações pessoais serão resguardadas embora não tenha nenhuma informação que possa causar transtorno ou embaraço a vocês. Então eu quero saber se vocês concordam em participar da pesquisa? Mais antes uma coisa se não quiserem participar podem dizer isso a qualquer momento, tá! Agora ou depois, apenas não poderão desistir depois que as filmagens estiverem no site não poderá ser tirada. Em caso de dúvida, podem recorrer a os pesquisadores para obter maiores esclarecimentos. A imagem de vocês de forma alguma será postada em *yotube*, *facebook* ou em qualquer forma de rede sociais de bate papo. Então gostaríamos de saber se vocês concordam em participar? *Vocês tem alguma duvida?*

**SUJEITOS:** E para participarmos aqui na UEPA?

Quantas vezes precisaremos vim até a UEPA fazer as entrevistas?

**Prof. José de Anchieta:** apenas hoje!

**SUJEITOS:** Ótimo! Aceitamos participar.

**ANEXO C - Termo De Liberação Do Centro****UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO****DECLARAÇÃO**

Declaro para os devidos fins e efeitos legais que tomei conhecimento e autorizo a realização do projeto “GLOSSÁRIO VISUAL BILÍNGUE: estudo sociolinguístico aplicado à língua brasileira de sinais”, a ser realizada na Universidade do Estado do Pará, no período de março a agosto de 2016, pelas pesquisadoras **Carina da Silva Mota** (pesquisadora principal)e, **Maria do Perpétuo Socorro Cardoso e Silva** na cidade de Belém do Pará, nas aulas do professor Ozivan Perdigão, na turma de primeiro ano do curso de letras libras com todos os alunos. Esclarecendo que essas atividades de pesquisa não atrapalharam as atividades de sala de aula.

Belém (PA), 23 de março de 2016

Prof. Dr. José de Ribamar de Castro  
Vice-Diretor do CCSE/UEPA

# APÊNDICES





Universidade do Estado do Pará  
Centro de Ciências Sociais e Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado  
Travessa Djama Dutra s/n - Telégrafo  
66113-200 Belém- Pa  
[www.uepa.br](http://www.uepa.br)